

NOME

Bruno Miguel da Rocha Correia

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO

A experiência do Espaço Público:
Paisagem, Urbanismo, Arquitectura e
Design.

INSTITUIÇÃO

Faculdade de Arquitectura da Universidade
do Porto

GRAU

Mestrado Integrado em Arquitectura

ORIENTADOR

Professora Doutora Maria Teresa Fonseca

PORTO

ANO LECTIVO

2012-2013



Agradecimentos

À Professora Teresa Fonseca com especial carinho, respeito e amizade, pela oportunidade e suporte, pois o seu apoio permitiu que o meu percurso académico ficasse mais enriquecido.

Aos meus avós maternos, que infelizmente já não conseguiram vivenciar esta minha conquista, porque o investimento que fizeram em mim foi determinante para alcançar os meus objectivos académicos e profissionais.

Ao Sr. Peixoto, por me ter acompanhado ao longo destes anos e acreditar no meu valor.

À Dr.^a Lurdes Rodrigues por estar atenta à minha saúde e partilhar as boas notícias.

À Lia Pinheiro e Susana Lima pelo apoio, amizade e entusiasmo. À Melanie Oliveira e ao David Wind, pela ajuda nas traduções.

Aos meus pais, irmão, namorada e amigos que, de forma directa ou indirecta, me ajudaram a concretizar este projecto e a “despertar as minhas atmosferas”.

Palavras-chave:

Paisagem;

Urbanismo;

Arquitectura;

Design;

Casos de Estudo;

Diários;

RESUMO

A Experiência do Espaço Público: Paisagem, Urbanismo, Arquitectura e Design.

A Dissertação que aqui se apresenta relata uma serie de visitas de estudo a diferentes obras de Arquitectura que têm como objectivo ilustrar, de uma forma crítica e pessoal, o tema de Espaço Público. Este, por sua vez, é desdobrado em 4 pontos: Paisagem, Urbanismo, Arquitectura e Design.

Como primeira abordagem, e de forma a desmistificar o tema de Espaço Público, procede-se á recolha e seleção de alguns escritos, pertencentes a autores de considerável contributo, no panorama actual, para a definição de Espaço Público. Entre estes podemos destacar, Manuel de Solà-Morales, Fernando Távora, Carlo Aymonino, Bruno Fortier e Rafael Moneo. Depois de uma primeira aproximação ao tema procede-se ao seu desmantelamento em diferentes partes. Estas por sua vez são inseridas num contexto, num tipo e classificadas. O intuito é perceber o Espaço Público enquanto estrutura que na sua essência se torna importante para sociedade e o seu desenvolvimento.

No segundo momento procede-se à narrativa das viagens, percursos e obras que constituem os diferentes casos de estudo. Para tal, a seleção dos diferentes objectos de análise recai sobre peças actuais e de elevada relevância no panorama da Arquitectura Nacional e, em alguns casos, Internacional; como é exemplo o Projecto de Reconstrução do Chiado pelo Arquitecto Álvaro Siza, do Campus da Universidade de Aveiro pelo Arquitecto Nuno Portas ou o Centro Histórico de Guimarães pelo Arquitecto Fernando Távora.

“Para avaliar uma cidade como espaço organizado, apenas uma solução: percorrê-la, vivê-la, deambular pelas suas ruas, descer suas encostas, subir aos seus pontos mais altos, habitar as suas casas, senti-la como organismo vivo que não para, que dia a dias se altera. Aqui um parque que começa a despontar, além um grupo de casas, depois uma estrada talhada na terra, tudo acontecimentos plásticos, acontecimentos formais, volumes, superfícies, cores, a que se acrescentam os cambiantes que a variabilidade de certos factores naturais, como luz, neles provocam.”¹

Fernando Távora

Key-words:

Landscape;

Urbanism;

Architecture;

Design;

Study Cases;

Travel Journal;

ABSTRACT

The Public Space Experience: Landscape, Urbanism, Architecture and Design.

This dissertation reports a series of field trips to different pieces of architecture that are intended to illustrate the topic of Public Space in a critical and personal way. This topic is split into four points: Landscape Urbanism, Architecture and Design.

As a first approach, and in order to demystify the subject of Public Space, some writings have been selected and collected, belonging to several authors who contributed a lot towards the improvement and clarification of the definition of Public Space. Among them we can highlight Manuel de Solà-Morales, Fernando Távora, Carlo Aymonino, Bruno Fortier and Rafael Moneo. After the first approach, the main subject has been divided into different parts, each with a different context and type, in order to make it possible to classify these parts. This way we are able to realize how important Public Space is, as structure, to society and its development.

In the second phase the narrative takes place. The details of the journeys, routes and architecture masterpieces, which form the different study cases, can be read here. The selection of the multiple study cases is based on current and important architectural landmarks in the national and international scenery such as: the Reconstruction Project of the Chiado by the architect Álvaro Siza, the Aveiro University Campus Project by the architect Nuno Portas or the Requalification Project for the Historical Center of Guimarães City by the architect Fernando Távora.

“To evaluate a city as organized space, only one solution: walk it, live it, stroll in its streets, descend its slopes, climbing to their highest points, dwelling their homes, feel it as a living organism which doesn’t stop and changes day by day. Here is a park that begins to emerge, there a group of houses, after a road cut into the earth, all plastic events, formal events, volumes, surfaces, colors, to which are added the nuances that the variability of certain natural factors, such as light , provoke in them.”

Fernando Távora

Mots-clés:

Paysage;

Urbanisme;

Architecture;

Design;

Visites d'étude;

Notebook Journey;

RESUMÉ

L'expérience de L'espace Public: Paysage, Urbanisme, Architecture et Design.

La dissertation qui suit présente une série de visites d'étude à différentes œuvres d'Architecture qui ont pour objectif illustrer, de manière critique et personnel, le thème d'Espace Public. Celle-ci se développe en 4 points: Paysage, Urbanisme, Architecture et Design.

Au premier abord, et de forme à démystifier le thème de l'Espace Public, il sera fait une collecte et une sélection de certains écrits, appartenant aux auteurs dont les contributions sont considérables, pour la définition d'Espace Public. Entre autres nous pouvons mettre en relief Manuel de Solà-Morales, Fernando Távora, Carlo Aymonino, Bruno Fortier e Rafael Moneo. Après une première approche au thème, on procèdera au démantèlement en plusieurs parties qui seront insérées dans un contexte, un type et classées dans l'intérêt de comprendre l'Espace Public comme structure importante dans la société et dans son développement.

Dans un second moment on procèdera à la narrative de voyages, parcours et œuvres qui constituent les différents cas d'étude. De cette manière, la sélection des différents objets d'analyse retombe sur des pièces actuels et de grande importance dans le panorama de l'Architecture National et, dans certains cas, International comme par exemple le Projet de Reconstruction du Chiado par l'Architecte Álvaro Siza, le Campus de l'Université de Aveiro par l'Architecte Nuno Portas ou encore le Centre Historique de Guimarães par l'Architecte Fernando Távora.

“Pour évaluer une ville comme espace organisé, seulement une solution s'impose: la parcourir, la visiter, déambuler dans ses rues, descendre ses pentes, monter à ses points les plus élevés, habiter ses maisons, la sentir comme organisme vivant qui ne s'arrête pas et qui de jour en jour se modifie. Voici un parque qui commence à émerger, au delà d'un groupe de maison, après une route tracée par terre, tous les événements plastiques, les événements officiels, volumes, surfaces, couleurs, à quoi est ajouté l'évolution que la variabilité de certains des facteurs naturels, tels que la lumière, influenciez”.

Fernando Távora

Índice

Agradecimentos	3
Resumo	5
Abstract	7
Resumé	9
Introdução.....	15
Contexto e Formas do Espaço Público	19
Contextualização	19
Espaço Público	25
Intervenientes na criação de um espaço público	33
A experiência do espaço Público	37
Paisagem I:	39
Parque municipal da Quinta da Conceição– Fernando Távora, 1956/60	39
Arquitectura I:.....	43
Mercado Municipal de Vila da Feira - Fernando Távora, 1953/59.....	43
Urbanismo I:	47
Alameda das Antas – Manuel Salgado (Atelier Risco), 1999/03	47
Alameda dos Oceanos - Manuel Salgado (Atelier Risco), 1994/98.....	57
Arquitectura II:	69
Percurso do Rossio ao Chiado, do Carmo ao Cais das Colunas	69
Paisagem II:	93
Parque Polis / João Paulo II, Vila do Conde, Álvaro Siza, 2005	93
Design I:	101

Plano de Pormenor da Zona Central e Edifício Municipal de Aveiro - Fernando Távora, 1963-1967	101
Urbanismo II:.....	111
Campus da Universidade de Aveiro - Revisão do Plano Geral, 1989, Aveiro – Nuno Portas, C.E.F.A. (Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto).	111
Paisagem III:.....	121
Parque da Malagueira, Évora – Álvaro Siza, 1985/91	121
Arquitectura III:	129
Centro Histórico de Guimarães – Guimarães, Largos João Franco e da Oliveira, Praça de Santiago, Largo da câmara – Fernando Távora, 1980/87	129
Notas Conclusivas.....	142
Bibliografia Geral:	146
Índice de Imagens:	150



1 - Juan Muñoz Two Seated on the Wall, 2000.

A experiência do Espaço Público:

Paisagem, Urbanismo, Arquitectura e Design.



2 - Peter Zumthor.

Introdução

A seguinte prova de dissertação pretende explorar a Arquitectura do Espaço Público e a relação que esta pode estabelecer com o homem enquanto Ser racional e sensível. Surge de uma vontade pessoal, no culminar dos 5 anos de curso na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, de visitar diferentes obras e libertar a visão pessoal e crítica sobre as mesmas. Traduz-se assim num diário de viagens que, desta forma, encontra exemplos físicos para ilustrar as aprendizagens adquiridas durante o curso, em particular da disciplina de Teoria III.

Aborda-se a temática de Espaço Público, não só como espaço físico mas, sobretudo, pela sua componente conceptual e pelo papel que, enquanto estrutura, exerce na sociedade e no desenvolvimento das civilizações. Com base em diferentes autores e os seus respectivos escritos pretende-se responder à pergunta: O que é afinal o Espaço Público e de que forma o mesmo nos influencia? Como tal, é necessário dismantelar a ideia base nas suas diferentes partes para as contextualizar, tipificar e classificar de modo que seja clara a sua total compreensão.

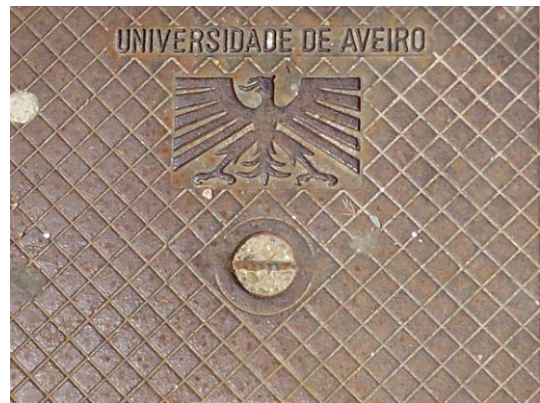
A experiência do Espaço Público é sobretudo uma experiência pessoal, que procura as “atmosferas” semelhantes às que Peter Zumthor descreve no seu livro¹. Como tal, as “atmosferas” presentes nesta dissertação, surgem de uma forma natural e em escrita narrativa. Por vezes, as “atmosferas” chegam a ser ingénuas, no entanto, nunca poderão ser indiferentes. Torna-se necessário mergulhar nas experiências desprendidos de saber para que nos seja possível captar a essência das coisas só assim, e após recolher as características intrínsecas que delas advém, somos capazes de compará-las e justifica-las de modo que as repostas às perguntas que colocamos se tornem válidas.

“Numa primeira definição, a crítica implica um julgamento estético. Tal julgamento consiste em uma valoração individual da obra arquitectónica empreendida pelo crítico a partir da complexidade da bagagem de conhecimentos de que dispõe, da

¹ Zumthor, Peter, Atmosferas : entornos arquitectónicos : as coisas que me rodeiam / Peter Zumthor ; trad. Astrid Grabow. - Barcelona : Gustavo Gili, 2006.



6 - Paisagem



5 - Urbanismo



4 - Arquitectura



3 - Design

*metodologia que utiliza, de sua capacidade analítica e sintética, bem como da sua sensibilidade, intuição e gosto. Ao mesmo tempo, porém, parte de um compromisso ético: a melhoria da sociedade, o enriquecimento do gosto artístico, a defesa da adequação da arquitectura àqueles que são seus fins.”*²

A experiência do Espaço Público divide-se então em quatro pontos:

Paisagem – Tem como objectivo esclarecer a relação que as intervenções estabelecem com o *Locus* onde estão inseridas;

Urbanismo – Tem como objectivo perceber de que forma o Espaço Público contribui para o desenvolvimento das formas e organismos urbanos;

Arquitectura – Tem como objectivo demonstrar em que sentido uma obra de Espaço Público pode contribuir para o enriquecimento de uma obra de Arquitectura;

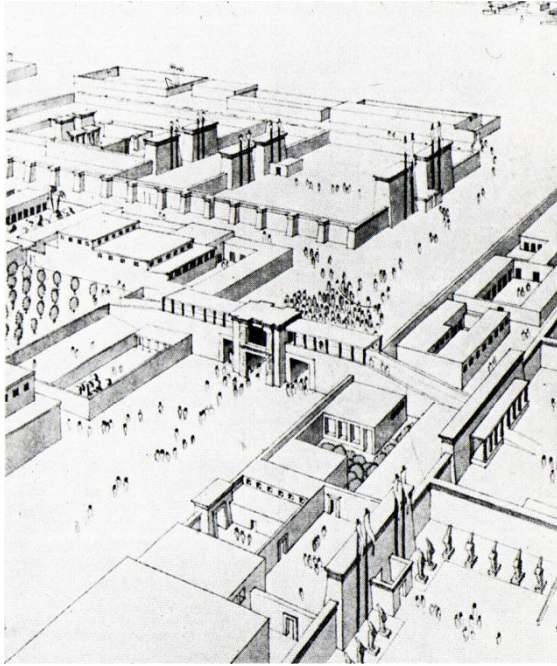
Design³ – Tem como objectivo entender até que ponto as diferentes áreas artísticas podem contribuir para a valorização do Espaço Público;

Relativamente à escolha dos casos de estudo, que surgem de uma lista consideravelmente mais ampla, procurou-se aqueles que, com maior clareza, ilustram os pontos referidos no parágrafo anterior. Foram tidos também em consideração critérios como: o grau de importância dos autores, a reputação das referidas obras e a escala de impacto nos meios onde estas se inserem. Alguns destes casos não se limitam a uma obra específica mas a um conjunto de elementos que fazem parte de um percurso, e como tal, são apresentados como objecto singular.

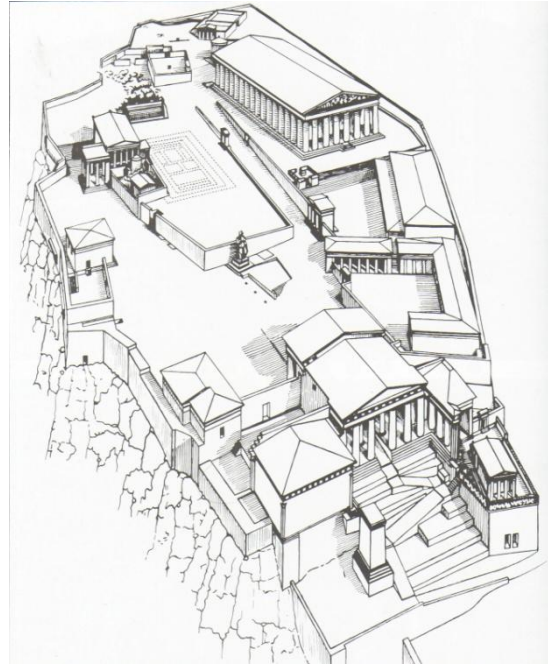
O objectivo final é proporcionar ao leitor uma leitura fluida que permita uma viagem por estas “atmosferas” e que, de certa forma, incite a perseguir as suas próprias.

² Maria Montaner, Josep, *Arquitectura e Crítica* / Josep Maria Montaner – Barcelona: Gustavo Gili, 2007. Pág. 10 e 11.

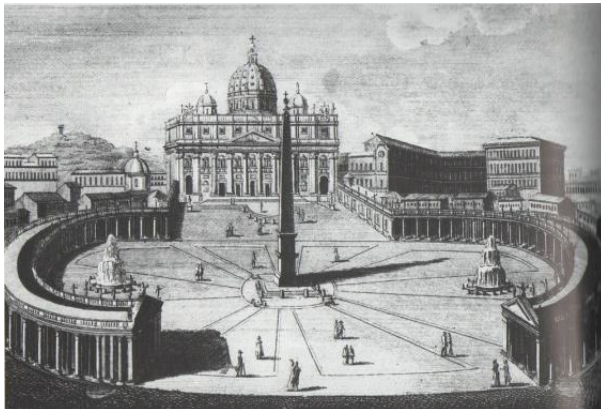
³ O ponto Design refere-se ao Design do Espaço público dentro das Cidades e surge após uma breve do Livro de Pedro Brandão “Design de espaço público: deslocação e proximidade” do ano 2003.



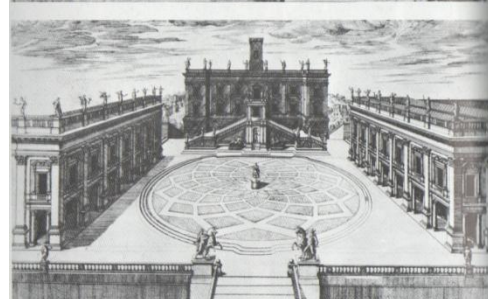
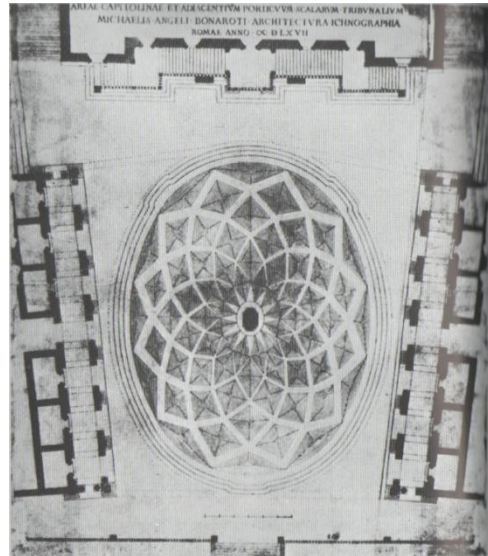
7 - Tell-el-Amarna, Egípto. Reconstrução do Sector central.



10 - Acrópole de Atenas. Reconstrução.



8 - Em cima, Basílica e praça de São Pedro, em baixo, vista sobre a praça do Povo. Roma. (segundo gravuras de Piranesi)



9 - Capitólio de Roma. Em cima, planta de Miguel Angelo. Em baixo gravura de Dupérac.

Contexto e Formas do Espaço Público

Contextualização

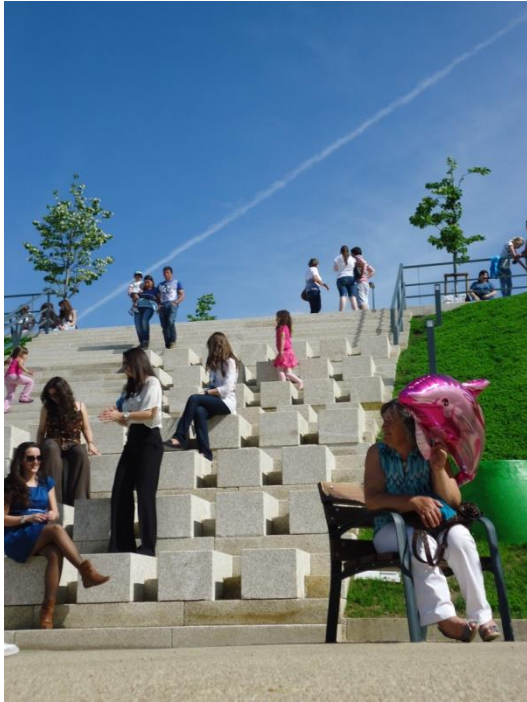
Desde as primeiras civilizações que nos apercebemos que os espaços públicos tiveram sempre um papel importante na vivência das cidades, não só como condensador social, albergando múltiplas funções mas, principalmente, como espaço de articulação de todos os lugares. Quando as necessidades mudam, o homem tem necessidade de adaptar os espaços que habita, privados e coletivos.

*“Embora na cultura das formas urbanas prevaleça ainda uma estima por “sentidos” que são alegadamente ditados pelo passado (a história das cidades), hoje temos de recorrer a outros argumentos, para lá dos da História, se quisermos responder a necessidades novas, algumas ainda incompreendidas no presente.”*⁴

Por que razão os espaços públicos são tão importantes para a vivência das pessoas? Esta questão surgiu-me com maior expressão quando me encontrava no XI festival da cereja no Concelho de Resende. Até então, para mim, as soluções de espaços público estariam fundamentadas em premissas já confirmadas no estudo de espaços daqueles que em geral são considerados como bons exemplos. Esquecemos a multiplicidade de informações e estímulos que cada caso deve poder proporcionar.

O que levaria centenas de pessoas, residentes ou visitantes, a juntarem-se no centro do município para além das actividades anunciadas em cartaz e a procura da famosa cereja? Algo mais está por trás, talvez a necessidade de se sentirem como parte de algo maior, ou de partilhar um espaço em comum, mas porquê ali? Quais as qualidades que aquele espaço oferece? A procura de resposta para estas perguntas despertou o meu interesse crítico relativamente ao espaço público, interesse em explorar todos os intervenientes que o caracterizam, como é o exemplo das texturas, cor, luz, olfacto e a visão, pois são os sentidos que regem a vivência humana, são também eles que nos ajudam a decidir se estamos confortáveis ou não em determinados espaços.

⁴ Brandão, Pedro, O sentido da cidade: ensaios sobre o mito da imagem como arquitectura / Pedro Brandão. -



11 - Parque Urbano de Resende, vários pontos de vista (2012).

*“No espaço público, a experiência pessoal, o trajecto e o conforto são fundamentais. Andar numa superfície dura ou mole, pedra ou areia, em terreno rugoso ou escorregadio provoca vários e diferentes tipos de contacto entre o corpo e o cérebro. A ideia é transmitida por diferentes sensações pelo material usado. E a proximidade das mãos e as guardas, paredes e bancos faz-nos experienciar, mais do que qualquer outro sentido, o carácter do espaço. Se por meio da visão percebemos a forma, tamanho e disposição, pelo toque a sua identidade, acabamento e carácter.”*⁵

Nesse dia inaugurava-se o parque urbano, localizado na encosta do rio Douro, o que por si só se torna uma mais-valia, pois, explora as qualidades naturais do vale para garantir também qualidades ao espaço. Independentemente do projecto de espaço público e mesmo antes da sua inauguração oficial, este foi o espaço de preferência para a maior parte das pessoas nesse dia, não necessariamente por ser um espaço novo mas por oferecer melhores experiências sensoriais de que qualquer outro espaço ali perto. De facto o nível de conforto proporcionado pela envolvimento daquele espaço era elevado, não só pela qualidade dos materiais ou o cheiro a verde mas principalmente pela vista do vale do Douro.

Peter Zumthor, descreveu uma dessas experiências. *“Sou eu. Estou ali Sentado, uma praça ao sol, uma arcada grande, longa, alta e bonita ao sol. A praça (...) como panorama à minha frente. (...) A densidade de certas pessoas.(...) tons agradavelmente azuis. Sons maravilhosos (...) A temperatura (...) Agora, o que é que me tocou? Tudo.(...) A minha disposição, os meus sentimentos, a minha expectativa na altura que ali estive sentado.”*⁶

⁵ “In public space, personal experience, the route and comfort are fundamental. Walking on a hard or soft surface, stone or sand, on corrugated or slippery ground brings about very different sorts of contact between body and brain. The idea is transmitted through the different sensations of the material used. And the proximity of the hands to railings, walls and benches makes us experience, more than any other sense, the character of space. If by means of sight we understand shaping, size and setting, by touch we experience identity, treatment and character.” Manuel de Solà-Morales in “The impossible Project of Public Space”, coord. Magda Anglès, Rosa Puig ; transl. Richard Burgess...[et al.]. In In favour of public space : ten years of the european prize. - Barcelona : Actar, 2010 Pág. 31.

⁶ Zumthor, Peter, Atmosferas : entornos arquitectónicos : as coisas que me rodeiam / Peter Zumthor ; trad. Astrid Grabow. - Barcelona : Gustavo Gili, 2006. Pág. 15 e 17. (relativamente a uma experiência pessoal num espaço público).



12 - Exemplo de uma "atmosfera" neste caso do arquitecto Álvaro Siza. Italia "Piazza S. Marco" Veneza 7/1994.
Caderno:373.

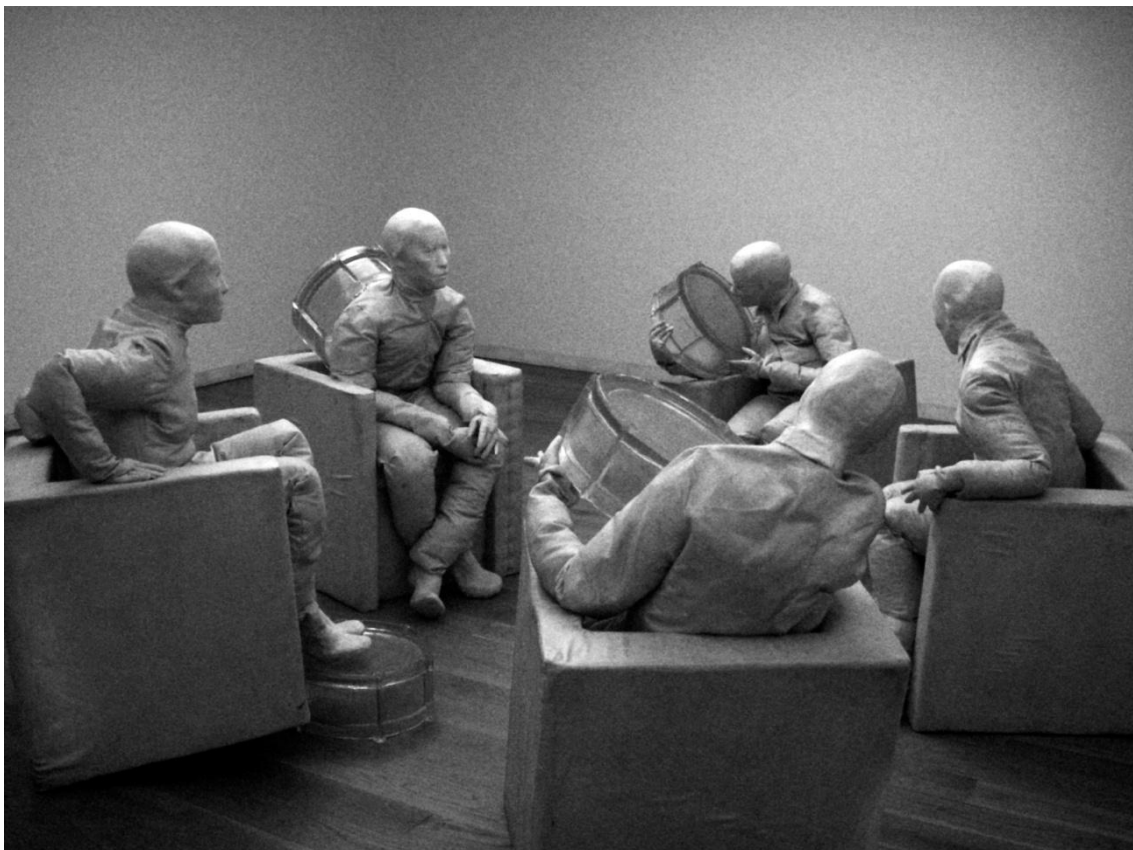
São aspectos como estes que pretendo explorar ao longo da dissertação, pois são ainda poucos os que desenvolvem interesse pelos elementos que caracterizam o espaço público a nível de experiencial, o que resulta na criação de espaços públicos sem interesse e que levam ao seu abandono ou má utilização.

Após esta experiência, uma inquietude persistiu e como tal decidi explorar outros espaços públicos com o intuito de procurar estímulos sensoriais e experiências diferentes em espaços com intervenientes também diferentes, e descobrir como estes tipos de estímulos se podem tornar uma mais-valia para a nossa relação com as peças que nos rodeiam.

*“A arquitectura é produzida por pessoas comuns para pessoas comuns; portanto, deve ser facilmente compreensiva a todas as pessoas. Baseia-se num certo número de instintos humanos, de descobertas e experiências comuns a todos nós num estágio muito precoce das nossas vidas- sobretudo, a nossa relação com coisas inanimadas.”*⁷

O arquitecto de facto é uma pessoa comum, e como tal, não deve esquecer que a arquitectura parte de si mas é sobretudo para os outros, pessoas que gostam de disfrutar de uma esplanada em dias solarengos ou de percorrer espaços abrigados em dias de chuva ou frio, são essas pessoas que usufruem dos espaços que ele projecta, são essas pessoas que vão decidir a sua permanência nos mesmos.

⁷ Rasmussen, Steen Eiler, Viver a arquitectura / Steen Eiler Rasmussen. - Casal de Cambra : Caleidoscópio, 2007. Pág. 14 e 15.



13 - Juan Muñoz, "Figures seated with 5 drums", 1999.



14 - "Duas pessoas Sentadas", Porto, Avenida do Aliados, 2013.

Espaço Público

O espaço público tem grande importância no desenvolvimento dos lugares, o seu peso no domínio da socialização torna-se crucial para garantir uma forte identidade urbana estimulante de vivências.

Apesar de haver várias definições em torno do que é o Espaço Público, quase todas o afirmam como sendo o espaço fundador da forma urbana⁸, isto é, os espaços, acessíveis a todos, entre as diferentes peças que constituem um lugar e que permitem a vivência e o desenvolvimento dos grupos sociais.

*“Um espaço público é um espaço acessível a qualquer momento, por outras palavras não tem hora de abrir, hora de fechar: ruas, praças públicas, abertas a qualquer um, sem obedecer a regras impostas pelas autoridades. (...) geridas por uma certa racionalidade, organização...”*⁹

Sendo o Espaço Público, enquanto estrutura, a essência da socialização, o diálogo entre os espaços públicos e os edifícios deve ser constante.¹⁰ Contudo, para termos o bom funcionamento de uma cidade, temos que dar maior importância aos espaços públicos, pois, são eles, enquanto espaços de ligação entre as diferentes peças, que permitem que tal seja possível. Assim, a Arquitectura, deve ter um papel crucial na criação destes espaços, pois, a ela compete o desenho claro dos mesmos na procura de uma identidade forte que seja facilmente identificada por todos.

⁸ Brandão, Pedro, O sentido da cidade: ensaios sobre o mito da imagem como arquitectura / Pedro Brandão. - Lisboa : Livros Horizonte, 2011. Pág. 34.

⁹ *“A public space is a space that is accessible at any time, in other words that as no opening time, no closing time: streets, public squares, open to anyone, without obey rules established by authorities.(...) governed by a certain rationality, organization...”* D. Espen Royseland In: *“Public space: Meanings, challenges and limit.”* European Norway 9: sustainable city and new public space: D. Espen Royseland, Oystein Ro; transl. Frida Forsgren. - Oslo: 0047 Press, 2008. In: *Public space: Meanings, challenges and limit.* Pág. 13.

¹⁰ In favour of public space : ten years of the european prize... / coord. Magda Anglès, Rosa Puig ; transl. Richard Burgess...[et al.]. - Barcelona : Actar, 2010. In: *The impossible Project of Public Space – Manuel de Solà-Morales, “Public space as combined structure of different streets and squares is the essence, the substance of coexistence, interaction and the redundancy that shared life brings. Designing the structure of spaces for the mobility, leisure and representation that link spaces of activity is what traditional urban planning is all about.”* Pág. 27.



15 - Diferentes vivências no espaço público. Porto, Avenida dos Aliados, 2013.



16 - O espaço público como local de encontro. Porto, Praça da Batalha, 2013.

“A arquitectura é o instrumento que deve dar forma à cidade. A forma é imprescindível para que os cidadãos a possam compreender. Creio, em prol da boa qualidade urbana das cidades, na prioridade dos vazios (espaços públicos), sem no entanto esquecer a importância dos cheios (edifícios).”¹¹

Do meu ponto de vista, dentro de todos os aspectos que um espaço público possa albergar, o mais importante é a interação que este tem com as pessoas, pois, será a permanência ou a frequência de utilização das mesmas que decidirá o seu sucesso. Contudo, as necessidades transformam-se, cativar a atenção das pessoas torna-se cada vez mais difícil, o desafio passa então reformular as definições de carácter clássico dos diferentes espaços e introduzir-lhes a complexidade de uma intervenção contemporânea.

“O espaço público é uma realidade cultural em transformação, intimamente relacionada com a historicidade da cultura. Como arquitectos, é importante compreender este feito quando pensamos nas possibilidades para a cidade contemporânea. Como que, conseqüentemente, não podemos conceber o espaço público como uma tipologia simplista de praças públicas ou uma “área destinada” da cidade, por muito atractiva que seja formalmente. Tentar demonstrar que a nossa tradição oferece outras alternativas, diferentes dos espaços telemáticos dos ecrãs dos computadores que recentemente se tornaram tão populares como um fórum que substitui a interação “pública”. ”¹²

¹¹ *“La Arquitectura es el instrumento que debe dar forma a la ciudad. La forma es imprescindible para que los ciudadanos puedan comprenderla. Creo, en pro de la buena calidad urbana de las ciudades, en la prioridad de los vacíos (espacios públicos), sin olvidar la importancia de los espacios llenos (edificios).”* Ignasi de Solà-Morales In: *Presente y Futuros : Arquitectura en las ciudades* / dir. Ignasi de Solà-Morales, Xavier Costa. - Barcelona : Actar, 1996. Pág. 7.

¹² *“El espacio público es una realidad cultural en transformación, intimamente relacionada con la historicidad misma de la cultura. Como arquitectos, es importante comprender este hecho cuando pensamos en posibilidades para la ciudad contemporánea. Como que, consecuentemente, no podemos concebir el espacio público como una tipología simplista de plazas públicas o un “área designada” de la ciudad, por muy atractiva que sea formalmente, intentaré demostrar cómo nuestra tradición ofrece otras alternativas, diferentes del espacio telemático de nuestras pantallas de ordenador que recientemente se ha hecho tan popular como foro substitutivo para la interacción “pública”. ”* Pérez-Gómez, Alberto. In: *“Espacios Intermedios.”* *Presente y Futuros : Arquitectura en las ciudades* / dir. Ignasi de Solà-Morales, Xavier Costa. - Barcelona : Actar, 1996. Pág. 275.



17 - Mercado do Bom Sucesso como exemplo de espaço colectivo. Porto, Bom Sucesso. (ARS Arquitectos, 1951).



18 – Espaço colectivo, Centro comercial L'illa Diagonal. (Arquitectos Manuel de Solá Morales e Rafael Moneo, 1993).

Podemos ainda falar num outro tipo de espaço, o espaço colectivo¹³. Segundo Manuel de Solà-Morales, o espaço colectivo é o espaço intermédio entre o espaço público e o espaço privado, ou seja, espaços públicos explorados por privados e espaços privados que adquirem carácter público.¹⁴ Este tipo de espaços têm-se demonstrado cada vez mais importantes, pois, por norma são locais de interesse comum, e como tal, a qualidade dos mesmos tende a ser elevada.

*“Os espaços coletivos são a riqueza das cidades históricas e são também, seguramente, a estrutura principal para a cidade futura. Quiçá se, nas nossas cidades, sejam os espaços ambíguos no seu domínio, cada dia mais significativos da vida social quotidiana, podendo ser usados e apropriados de diversas maneiras pelas diferentes tribos urbanas.”*¹⁵

Segundo Manuel de Solà-Morales, existem 4 tipos de projectos para o espaço público¹⁶:

- 1- Projectos de requalificação. Têm como objectivo revitalizar determinados espaços tornando-os mais atractivos e nobres, são geralmente estratégias que

¹³ “El espacio colectivo de una ciudad puede ser definido como el sistema unitario de espacios y de edificios englobados en el territorio urbanizado que tienen una incidencia sobre la vida colectiva, que definen un uso común para amplios estratos de la población y que constiuyen la sede y los lugares de su experiencia colectiva.” In Cerasi, Maurice, El espacio colectivo de la ciudad : construcción y disolución del sistema público en la arquitectura de la ciudad moderna / Maurice Cerasi ; prol. de Ludovico Quaroni ; ver. cast. Ada Llorens. - 1ª ed. - Barcelona : Oikos-Tau, 1990. Pág. 87.

¹⁴ De cosas urbanas / Textos Manuel de Solà-Morales, Kenneth Frampton, Hans Ibelings. - Barcelona : Gustavo Gili, 2008. in “1992 espacios públicos / espacios colectivos” Pág. 188.

¹⁵ “Los espacios colectivos son la riqueza de las ciudades históricas y son también, seguramente, la estructura principal de la ciudad futura. Quizá sí que, en nuestras ciudades, sean los espacios ambiguos en su titularidad, cada día más significativos de la vida social cotidiana, pudiendo usarse y apropiarse de muy diversas maneras por las diferentes tribus urbanas.” Manuel de Solà-Morales In: “1992 espacios públicos / espacios colectivos” De cosas urbanas / Textos Manuel de Solà-Morales, Kenneth Frampton, Hans Ibelings. - Barcelona : Gustavo Gili, 2008. Pág. 190.

¹⁶ In favour of public space : ten years of the european prize... / coord. Magda Anglès, Rosa Puig ; transl. Richard Burgess...[et al.]. - Barcelona : Actar, 2010. Manuel de Solà-Morales – “The impossible Project of Public Space”, Pág. 29.



19 – Exemplo dos 4 tipos de projecto para o espaço público. De cima para baixo, Largo da Oliveira, Guimarães, (Fernando Távora, 1980/87). Campus da Universidade de Aveiro, (Nuno Portas, 1989). Mercado Municipal de Vila da Feira, (Fernando Távora, 1953/59). Serpentine Gallery Pavilion, Londres, (SANAA 2009).

visam revitalizar espaços com determinada importância. Por norma não acrescentam nada de novo para além de uma simples manutenção, posto isto, podemos encarar este tipo de projectos como sendo de carácter primariamente funcional.

- 2- Projectos de expansão. Têm como objectivo expandir os espaços públicos já existentes, definindo novas áreas, em diferentes escalas e localização, tanto devido a dificuldades topográficas ou à complexidade dos programas. Sendo este a forma mais básica de planeamento estes tipos de projectos são geralmente de carácter técnico.
- 3- Projectos que promovem o colectivo. Têm como objectivo estratégico a criação de espaços públicos geridos por entidades privadas, esta conjugação surge como esforço de colectivação dos espaços. Por norma corresponde a estratégias de carácter político.
- 4- Projectos inventivos. Não têm objectivo, programa ou limite específico e surgem ao acaso. Estes tipos de projectos partem do pressuposto de que podem não ter enquadramento ao nível de planeamento mas como iniciativas de valorização artística.



20 - A escolha do *Locus*, estratégicas, religiosas ou políticas. Em cima, Teatro de Epidauro, Grécia, Argólida (c. 350 a.C.), ao centro, Segesta, Templo dórico, Grécia (430 a.C.), em baixo, Castelo de Almourol, Portugal, Santarém, (Séc. 2 a.C.).

Intervenientes na criação de um espaço público

Os intervenientes na criação de um espaço público são múltiplos, contudo, creio que o mais importante de todos é o *Locus*¹⁷, pois, já desde as primeiras civilizações, com maior força na época clássica¹⁸, é neste que se dá o acontecimento Urbano.

*“Na ideia geral da arquitectura participa também o lugar como espaço singular e concreto. (...) O locus, assim concebido, acaba por evidenciar, no espaço indiferenciado, condições, qualidades que nos são necessárias para a compreensão de um facto urbano determinado.”*¹⁹

O *Locus* é escolhido, por norma, pela sua singularidade ou pelas suas qualidades e como tal é explorado para a criação da Arquitectura, no entanto, as razões da sua escolha são ainda mais diversas e variam de acordo com os períodos, conhecimentos e necessidades de cada época. Antes procuravam-se pontos estratégicos, hoje, e perante cenários tão caóticos, o *Locus* acaba por ter um significado mais complexo a nível teórico do que propriamente a nível funcional, o seu papel acaba por se tornar na procura de um lugar idílico como sendo parte essencial de uma obra de arquitectura.

*“Um sítio vale pelo que é, e pelo que pode ou deseja ser – coisas talvez opostas, mas nunca sem relação.”*²⁰

A qualidade da obra é outro dos intervenientes na criação de um espaço público. Considera-se não só a qualidade formal com que se nos apresenta mas também o modo como esta se relaciona com a vivência do meio em que se insere. Torna-se insuficiente a obra reunir todas as qualidades técnicas e formais para um bom funcionamento sem

¹⁷ Do latim *locus*, -i, lugar, sítio, localidade. Dicionário Oficial de Língua Portuguesa.

¹⁸ “A escolha do lugar para uma certa construção, como para uma cidade, tinha valor proeminente no mundo clássico;” - Rossi, Aldo, A arquitectura da cidade / Aldo Rossi ; trad. José Charters Monteiro. - Lisboa : Cosmos, 2001 Pág.139.

¹⁹ *Idem, Ibidem.*

²⁰ Siza, Álvaro: escritos / ed. Carles Muro. - 1ª ed. - Barcelona : U.P.C., 1994. Pág. 27.



21- David Ligare, *Firmitas, Utilitas, Venustas*, 1993.

responder às exigências de contextualização, o que acaba por torna-la residual e sem caracter. É então necessário humanizar o pensamento na criação de novos espaços na procura desta qualidade, pois a sua mais valia é possivelmente a relação que a obra tem com as pessoas e as relações que a obra proporciona entre as mesmas.

*“O Espaço Público tem esta ambivalência, a capacidade que permite a experiência de vida íntima e partilha com os outros.”*²¹

Na busca de harmonia projectual, tudo se resume ao balanço das diferentes componentes que devem ser adaptadas consoante o *lugar* procurando absorver a sua essência.²² Esta harmonia já era procurada na antiguidade clássica sendo descrita por Vitruvio em *De architectura libri decem* segundo os 3 princípios base da Architectura: *Firmitas, Utilitas, Venustas*.

*“Sempre se deve explorar o carácter do sítio, a sua essência, porque o sítio está lá. Não há como jogar um edifício em algum lugar, desconsiderando a influência do que o rodeia. Sempre há uma relação.”*²³

Tendo estes 3 princípios presentes e valorizando o *Locus*, captando a sua essência, temos reunidas as condições para a prática de uma boa arquitectura.

²¹ “*The public space has this ambivalence, this capacity for permitting the experience of the intimate and sharing life with others.*” Interview with Rafael Moneo, Magda Anglés / Judit Carrera, in *In favour of public space: ten years of the european prize...* / coord. Magda Anglés, Rosa Puig ; transl. Richard Burgess...[et al.]. - Barcelona : Actar, 2010. Pág.39.

²² De Moura, Eduardo Souto : *Conversas com estudantes*, Anna Nufrio(ed.), Editorial Gustavo Gili, Sl, Barcelona, 2008. Pág. 60

²³ Kahn, Louis I. : *conversa com estudantes* / trad. Alícia Duarte Penna. - Barcelona : Gustavo Gili, 2002.



22 – As “atmosferas” são na maior parte das vezes idealizadas como é o caso da “atmosfera” da *Ville Radieuse* de Le Corbusier, a visão que o arquitecto tinha de uma sociedade ideal é retratada nos seus desenhos sobre a cidade. “boa vida ao ar livre e ao sol”. Tinta e aguarela, 1930.

A experiência do espaço Público

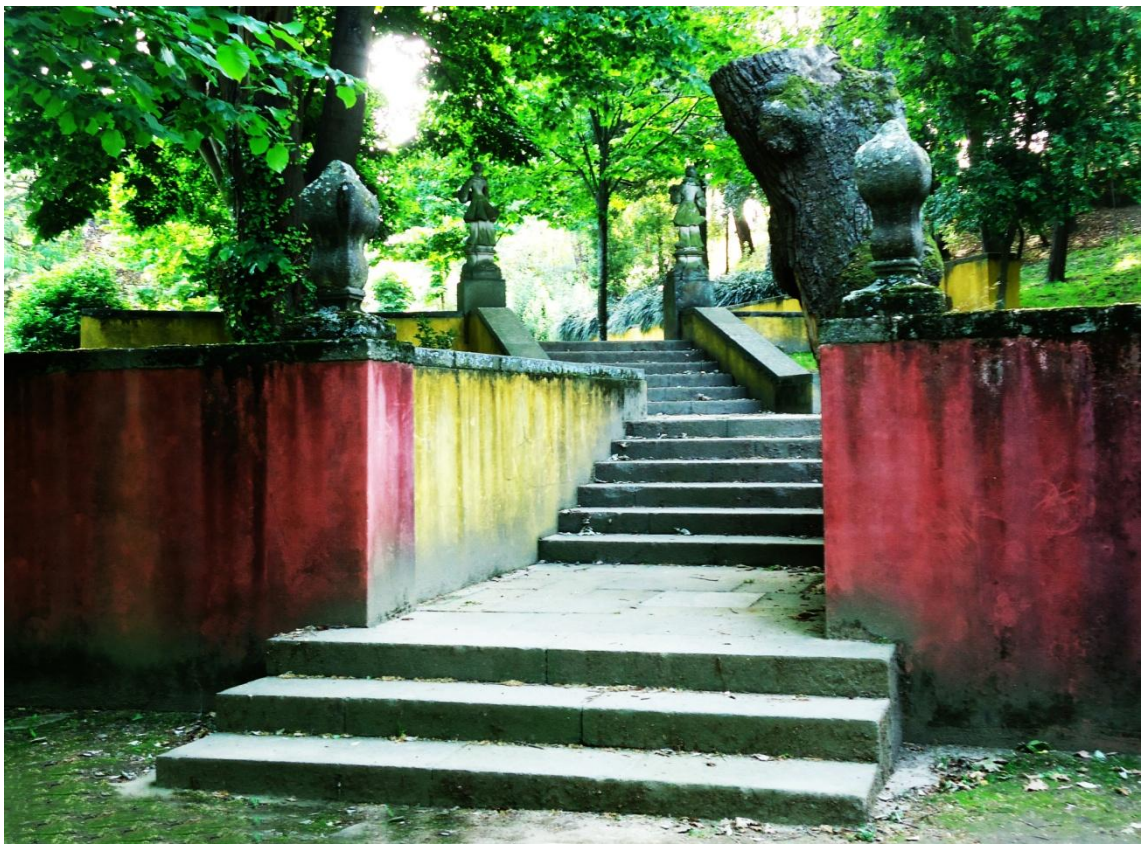
O Homem é um ser sensível, e como tal a arquitectura que o envolve deve saber explorar esse lado, estimulando-o.²⁴ Tais estímulos devem ser proporcionados não só na arquitectura doméstica privada, que responde a necessidades específicas para determinados utilizadores, mas essencialmente a arquitectura de espaço público que não tem que responder a um individuo em específico mas a qualquer outro que naquele momento se encontre a usufruir do mesmo. Como tal, são esses estímulos que determinam o sucesso de determinados espaços e a sua capacidade de adaptação ao meio que os envolve e para aqueles que o usufruem.

*“A atmosfera comunica com a nossa percepção emocional, isto é, a percepção que funciona de forma instintiva e que o ser humano possui para sobreviver. (...) Existe algo em nós que comunica imediatamente conosco. Compreensão imediata, ligação emocional imediata, recusa imediata.”*²⁵

Parto então em busca das minhas atmosferas, as que os espaços e as envoltórias me oferecem, as atmosferas que convidam e as que permanecem.

²⁴ “La emoción o el sentimiento son un componente de todas nuestras acciones...” Giedion, Siegfried, Espacio, tiempo y arquitectura: el futuro de una nueva tradición / Siegfried Giedion; trad. Isidro Puig Boada. – 6ª ed. – Barcelona: Dossat, 1982. Pág. 448.

²⁵ Relativamente ao Título *ATMOSFERAS*. Zumthor, Peter, Atmosferas : entornos arquitectónicos : as coisas que me rodeiam / Peter Zumthor ; trad. Astrid Grabow. - Barcelona : Gustavo Gili, 2006. Pág. 13.



23 - Parque municipal da Quinta da Conceição. Fernando Távora, 1956/60. Acesso ao pátio Amarelo.

Paisagem I:

Parque municipal da Quinta da Conceição– Fernando Távora, 1956/60

Este espaço, em particular, é bastante especial pois é o meu espaço predileto para “meditar”. Gosto de aceder pela entrada Oeste, na Rua Vila Franca. Mesmo havendo a solução do nó viário resolvida por Fernando Távora que deu existência à entrada principal na Av. Antunes Guimarães, voltada para o Rio Leça e paralela ao Porto de Leixões, prefiro aquela entrada mais discreta, pois é lá que sou recebido pela história. História daquilo que outrora foi aquele lugar. Ela é representada por duas imponentes estátuas, como uma espécie de guardiões do sítio, a quem peço sempre licença para entrar. Só então começa o meu percurso dentro daquela *atmosfera* mágica.

Dependendo da estação do ano, os percursos são sempre diferentes: nas estações frias faço o percurso na procura do sol, acautelando-me sob as sombras das árvores. Por vezes, pouco depois da hora de almoço, permaneço na plataforma Amarela pois sei que a essa hora o sol é uma constante. Contudo, quando este desaparece entre as árvores desço até ao portal Manuelino, aprecio cada pedaço de memória espalhado pelo lugar e percorro os socacos até a cota mais elevada, passando o Pavilhão e os *courts* de Ténis, onde por vezes me deixo perder, pela preguiça ou pela vontade de disfrutar das diferentes perspectivas. Já na Primavera, sou atraído pelas cores das árvores em flor e sigo até chegar à Piscina de Álvaro Siza. Curiosamente, as flores são brancas como brancas são caiadas as paredes e muros desta obra. Também lá me deparo com a harmonia entre a memória do que foi aquele lugar e o que é actualmente. Vejo que os conhecimentos de Álvaro Siza terão sido em grande parte reflexos do tempo em que trabalhou com seu Mestre. A Piscina está quase sempre fechada fora das épocas de banhos mas a vontade de a explorar é mais forte que qualquer fechadura que a guarda. Não sei se a intenção do arquitecto seria que a sua obra fosse explorada mesmo estando fechada grande parte do ano, pois, os planos mais baixos convidam-me a entrar; cada plataforma dá-nos experiências diferentes: ou estamos em contacto com a vegetação, ou em contacto com o percurso que a circunda, ou então temos o horizonte como fundo e



26 - Recuperação do Portal Manuelino.



25 - Um dos pátios descobertos.



24 - Diferentes planos e patamares da piscina. Álvaro Siza, 1958/65.

esquecemos tudo o resto. Entro, então, no complexo e vejo tudo tão abandonado, sem manutenção, mas a essência permanece à espera de ser polida e de voltar a ser usada²⁶.

“Um bom espaço público não tem limites, ou os que tem são indefinidos, múltiplos, oscilantes.”²⁷

Nos dias de maior calor já procuro as sombras que curiosamente estão todas nas alamedas cujos elementos arquitetónicos estão pintados a Cor-de-Rosa desde as mesas de merendas junto da fonte na entrada oeste, aos pátios descobertos espalhados pelo parque na entrada norte²⁸, ou então nos percursos entre o antigo claustro e a capela. Sento-me e leio um livro.

Para mim tornava-se difícil, até então, imaginar a possibilidade de numa área relativamente pequena encontrar a diversidade de experiências que vivo sempre que visito este Parque. Aqui apercebo-me da insignificância humana a nível temporal e a sua capacidade de eternização através da arquitectura; Aqui vejo Fernando Távora e algumas suas influências, vejo também a continuação do seu legado na obra de Álvaro Siza.

*“Se os espaços são dignos de serem usados, eles serão usados.”*²⁹

²⁶ Foi requalificada recentemente encontrando-se em funcionamento desde 10 de Julho de 2013.

²⁷ “*Good public space has no limits, or the ones it has are undefined, multiple, oscillating.*” Manuel de Solà-Morales – “*The impossible Project of Public Space*”, coord. Magda Anglès, Rosa Puig ; transl. Richard Burgess...[et al.]. In *In favour of public space : ten years of the european prize.* - Barcelona : Actar, 2010 p.31.

²⁸ “*One of the underlying themes at Quinta da Conceição is that of the outdoor room open to the sky. This is first announced at the northern entrance with its red walls, and its main portal with hovering granite lintel framing the way into the park along the main axis. It suggests a Meso-American ruin and recalls works by Luis Barragán (which Távora did not know).*” William JR Curtis in *The Architectural Review*, “*Fernando Távora*”, 12 Março de 2013.

²⁹ “*If the spaces are worth using, they are used.*” Gehl, Jan in: *Life between buildings: using public space* / Jan Gehl ; transl. by Jo Koch. - 6 th ed.. - København : The Danish Architectural Press, 2010. Pág. 50.



27 - Mercado Municipal de Vila da Feira, Entrada Norte - Fernando Távora, 1953/59.

Arquitectura I:

Mercado Municipal de Vila da Feira - Fernando Távora, 1953/59

A primeira vez que visitei esta obra foi com os meus colegas de curso e alguns professores. Era um dia da semana e o complexo estava com um funcionamento reduzido e, como tal, não me foi possível compreender toda a essência criada por aquela obra. Penso que, os equipamentos colectivos, devem ser visitados quando estiverem a funcionar a 100%, pois, talvez só assim podemos perceber a dinâmica que o espaço despoleta.

Na segunda visita, Sábado pela manhã, já sozinho e com um funcionamento normal, guiado por um muro baixo em granito, decido entrar no lugar por entre a gente. Entrei pela cota mais elevada da Rua dos Descobrimentos e a percepção da interação entre as pessoas, a intensidade, os diálogos e intimidade partilhada entre as mesmas, a envolvimento do espaço que gera todas estas dinâmicas, foi imediata. Esta obra demonstra não qualidade formal mas ao mesmo tempo consegue recriar o ambiente totalmente característico dos mercados tradicionais.

Continuo a percorrer o espaço, as águas do telhado no primeiro volume enquadram a montanha e o castelo; sabemos onde estamos e onde a obra pertence, esta corrente que prende as obras ao lugar e o lugar às obras é uma constante em Fernando Távora, seja pelos materiais tradicionais que utiliza seja por estes detalhes com que somos surpreendidos.

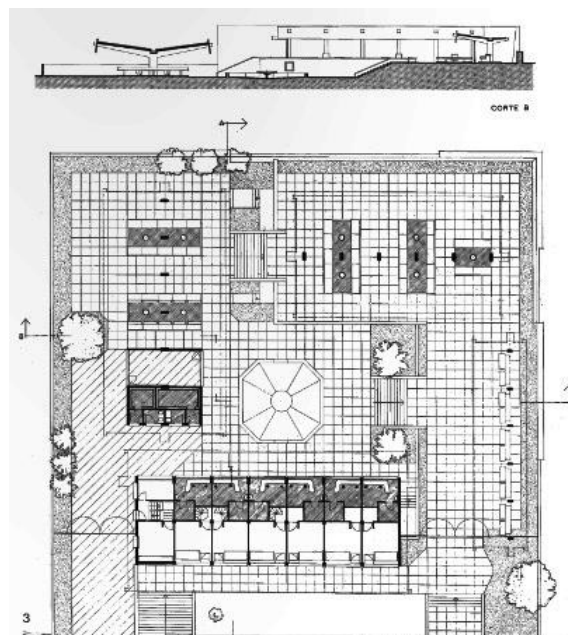
*“O que é decisivo não é o quão “belo” um novo espaço público se tornou, mas sim se o mesmo pode contar uma “história” que contribua para a identidade do local.”*³⁰

A minha curiosidade recai agora sobre os mosaicos de Gouvêa Portuense e Álvaro Siza, que se encontram espalhados pelo chão assinalando as diferentes áreas e a

³⁰ “What is decisive is not how “beautiful” a new public space has become, but whether it can tell a “story” that can contribute to the identity of the location.” Interview with Rafael Moneo, Magda Anglés / Judit Carrera: *in* In favour of public space : ten years of the european prize. - Barcelona : Actar, 2010 Pág. 43.



28 - Zona de Lojas, Talho e Peixaria.



30 - Planta e Corte do Mercado.



29 - Talhante a preparar os seus utensílios.



31 - Enquadramento do Castelo de Santa Maria da Feira através das coberturas.

sua função, pois gostava de os rever sem estarem tão danificados, torna-se interessante assistir à relação de diferentes artes na criação de uma obra de arquitectura.

À medida que avanço no percurso perco a noção da sua real dimensão (50m x 50m), pois, dentro do complexo, sou projectado para o infinito deixando-me sem a percepção de onde começa e acaba esta obra, tanto a nível físico como mental, pois mesmo o ambiente é propício para divagar, sobre a envolvente, sobre as pessoas e a necessidade que as mesmas têm de se encontrar naquele lugar. Sentado em redor deste assento de pedra ortogonal, que nos marca o centro e nos remete para o tema da *ágora*³¹ grega, tenho a necessidade de ouvir este barulho, o barulho de pessoas, a falar, a trabalhar, não na tentativa de ouvir as suas conversas mas de entrar numa reflexão que me recorda o quão humano somos, o quão importante é para o ser sentir-se parte de algo nem que sejam por breves momentos, nesta caso específico sentir-se parte desta obra.

*“É o sítio onde me encontro a mim mesmo e encontro o meu lugar através dos olhos do outro. O espaço público é um espaço de realização plena, um espaço de diálogo, gesto e trocas eróticas.”*³²

Já de partida, apercebo-me que esta obra é um percurso intuitivo, independentemente da razão pela qual a procuramos, não são precisas indicações para percorrer-la, pois, inconscientemente somos guiados desde a entrada até à saída. Volto a observar esta obra, não pretendendo afirmar-se perante as construções vizinhas, afirma-se pela singularidade de fazer parte sem no entanto ser igual.

*“Implantar um mercado num quadrado de 50 por 50 metros. Corpos vários, com sentido protector, distribuem-se formando um pátio. Não apenas um lugar de troca de coisas, mas de troca de ideias, um convite para que os homens se reúnam.”*³³

³¹ ágora - (grego *agorá*, -ás) s. f. Principal praça pública nas cidades da Grécia antiga.

³² “*Es el sitio donde me encuentro a mi mismo y encuentro mi lugar a través de los ojos del otro. El espacio público es un espacio de corporificación total, un espacio de diálogo, gesto e intercambio erótico.*” Alberto Pérez-Gómez, *Espacios Intermedios* in : *Presente y Futuros : Arquitectura en las ciudades* / dir. Ignasi de Solà-Morales, Xavier Costa. - Barcelona : Actar, 1996. Pág. 275.

³³ Laino, Ana Dominguez, e outros (org.), *Távora: desenhos de viagens, projectos*, COAG, 2002, Pág. 30.



32 - Alameda das Antas – Manuel Salgado (Atelier Risco), 1999/03

Urbanismo I:

Alameda das Antas – Manuel Salgado (Atelier Risco), 1999/03

Desta vez o metro traz-me até á estação Estádio do Dragão. O intuito será percorrer a Alameda das Antas, uma obra de espaço público que faz parte do Plano de Pormenor das Antas de Manuel Salgado (Atelier Risco).

Tudo aqui parece girar em torno do Clube de Futebol. Todo o plano reflecte esta mesma característica clubística, também não era esperado algo diferente visto que o próprio arquitecto Manuel Salgado considera que sem a ambição deste Clube não seria possível a concretização deste Projecto.³⁴

Como não podia deixar de ser, após sair da estação Estádio do Dragão entro na via Futebol Clube do Porto. Sigo para Norte. Logo no exterior vê-se que a escala da envolvente é enorme. Dá a sensação de que tudo acontece aqui, o que na realidade, e como poderemos confirmar mais á frente, nem será sempre assim. A verdade é que a construção do Estádio do Dragão, para o Euro 2004, e consequentemente a ligação do Metro do Porto, e os demais interfaces, trouxeram um impulso urbanístico enorme. No entanto este impulso, na minha opinião, continua ainda muito dependente dos serviços a grande escala³⁵.

“Projecto e obra encavalitam-se e, em Novembro de 2003, inauguraram-se o Estádio do Dragão e os Espaços Públicos das Antas. Seis meses depois, a Estação de Metro das Antas, o Interface de Transportes e o Nó do Mercado Abastecedor. (...) Só a força mobilizadora do futebol conseguiu que o projecto se concretizasse, (...) Talvez

³⁴ O projecto urbano das Antas/The Antas urban Project. coord. Fátima Fernandes, Michele Cannatà ; textos Manuel Fernandes de Sá, Álvaro Domingues, Wilfried Wang. Porto: Civilização, 2005. Manuel Salgado. Pág. 13

³⁵ Entendo como serviços de grande escala serviços que albergam um grande número de pessoas em situações pontuais, como é o exemplo dos jogos de Futebol, Concertos, ou outro tipo de actividades que necessitem o uso do estádio.



36 - Obras de abertura da Alameda 2003.



33 - Festejos na Alameda das Antas.



35 - Enquadramento do Estádio do Dragão relativamente à Alameda.



34 - Centro Comercial Dolce Vita e Hotel AC Porto.

porque a ambição fosse muito maior do que em qualquer dos outros estádios construídos para o Euro 2004.”³⁶

Do meu lado, a Este, oferece-se uma vista privilegiada sobre a VCI, a praça da Corujeira e S. Roque da Lameira. Há uma grande quantidade de construções e infraestruturas complexas, muitas em ruína, sendo a maior parte armazéns. Veem-se também complexos habitacionais do mais variado tipo. Só é possível esta percepção se percorrermos os passeios a pé, junto as guardas metálicas, pois, este lugar, um pouco escravo do automóvel devido aos seus limites viários (Avenida Fernão de Magalhães a Oeste, VCI a Norte e Este), apresenta-se á parte de qualquer outra realidade que ali se possa encontrar.

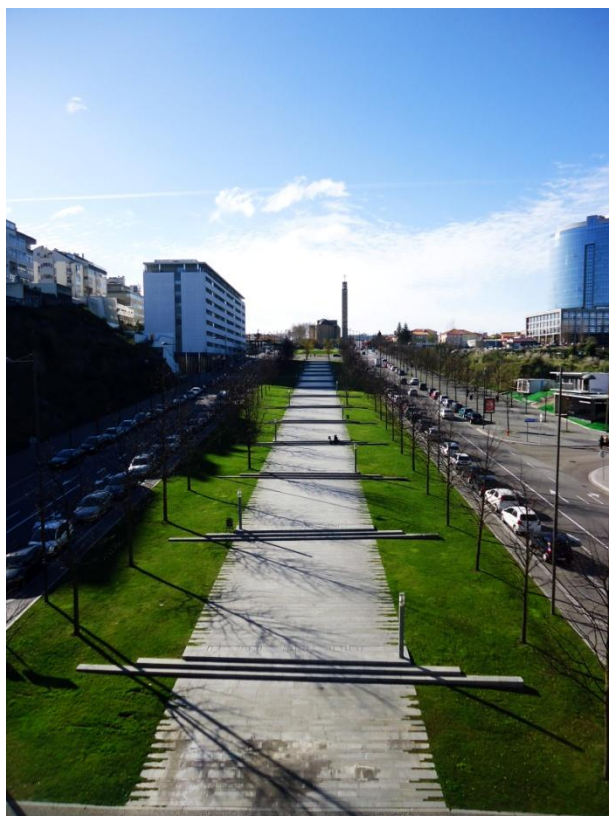
Os passeios são largos, têm cerca de 5 metros de comprimento, e são acompanhados de baias de estacionamento, pontuados por árvores de pequena escala envolvidas por bancos de betão caiado de branco com azulejos azuis que dão uma forte coerência ao espaço e oferecem uma paragem no percurso, não contemplativa pois as perspectivas visuais nestes pontos não o permitem, mas, sobretudo funcionais a pensar nos dias de mais afluência. Já no fim da via Futebol Clube do Porto temos como limite perspectico, o Hotel AC Porto, o Porto Palácio Hotel e o centro comercial Dolce Vita reforçando o conceito de local para acontecimentos pontuais.

“Os equipamentos - âncora desta nova centralidade serão o Estádio – de múltiplas valências - , um Centro Comercial, um edifício administrativo – sede de uma instituição financeira – e um Hotel. Haverá ainda uma significativa oferta de residência.”³⁷

Vencida a Avenida dos Campeões Europeus chega-se finalmente à Alameda das Antas, na minha frente tenho um enorme viaduto que se apresenta sobre a Alameda como o Arco do Triunfo se apresenta sobre a Avenida Champs-Élysés em França. Este viaduto faz a ligação entre o bairro das Antas, na cota superior e a nova zona habitacional proposta no plano. É acompanhado por duas escadarias, de carácter

³⁶ O projecto urbano das Antas/The Antas urban Project. coord. Fátima Fernandes, Michele Cannatà ; textos Manuel Fernandes de Sá, Álvaro Domingues, Wilfried Wang. Porto: Civilização, 2005. Manuel Salgado. Pág. 13

³⁷ Fernandes, Fátima, Cannatà, Michele - Formas Urbanas, Concreta – 2002. 1ª ed. - Porto : Edições Asa, 1972. Pág. 237.



39 - Alameda. Vista do Viaduto.



38 - Escadaria de Acesso ao Viaduto. Nascente.



37 - Escadaria de Acesso ao Viaduto. Poente.

monumental, para acesso pedonal às cotas superiores. Por ter um desenho mais complexo resolvi aceder à cota superior pela escadaria Oeste, que perfaz um total de 88 degraus divididos por 6 patamares para vencer cerca de 15m de cota, confesso que este percurso não pode ser feito por todos. Já em cima do viaduto tenho uma vista privilegiada sobre a Alameda, sobre o Estádio e sobre o horizonte, contudo, senti a falta de um local mais propício para contemplação, o que torna o viaduto meramente funcional e questionando até que ponto é necessária a sua existência para além de ser o palanque de festejos do Clube. Tiro as minhas fotos, as minhas anotações e desço pelo outro lado.

Como remate a Poente da Alameda temos a Igreja de Santo António das Antas, que me acompanha durante o percurso todo, o que, na minha opinião lhe dá uma importância superior à que propriamente necessitaria. Talvez a intenção tenha sido associar o desporto da prática religiosa, ou então mesmo por ser este o único ponto de referência minimamente aceitável para a criação de um eixo. À medida que se sobe a Alameda, sentimo-nos perdidos, talvez pela falta de massa volumétrica da envolvente que ainda não está concluída, ou talvez por este espaço não ter sido pensado para passeios espontâneos mas sim reuniões pontuais a grande escala.

*“São mais de 450m de comprimento e 70m de largura, que surgem como um espaço público de excelência nesta nova parte da cidade, o que se manifesta nomeadamente por ser o local escolhido para os mais recentes festejos dos adeptos do F.C. Porto.”*³⁸

Realmente a escala deste espaço é monumental; um perfil amplo e cerca de 10 metros de passeio em cada lado. Contudo não existe nenhum mobiliário de paragem ao longo dos 450m de comprimento, e o Sol nesta tarde de Primavera é ofuscado pelos volumes gigantes que ladeiam a Alameda, penso para comigo que aquele espaço público no Inverno deixa de ter conforto térmico por volta das 14:30, pois eram 15:30 e já não havia Sol. Para reforçar este facto a zona das Antas é conhecida pelos seus ventos fortes, o que me deixou ainda menos confortável.

³⁸ O projecto urbano das Antas/The Antas urban Project. coord. fátima Fernandes, Michele Cannatà ; textos Manuel Fernandes de Sá, Álvaro Domingues, Wilfried Wang. Porto: Civilização, 2005. Manuel Salgado. Pág. 13



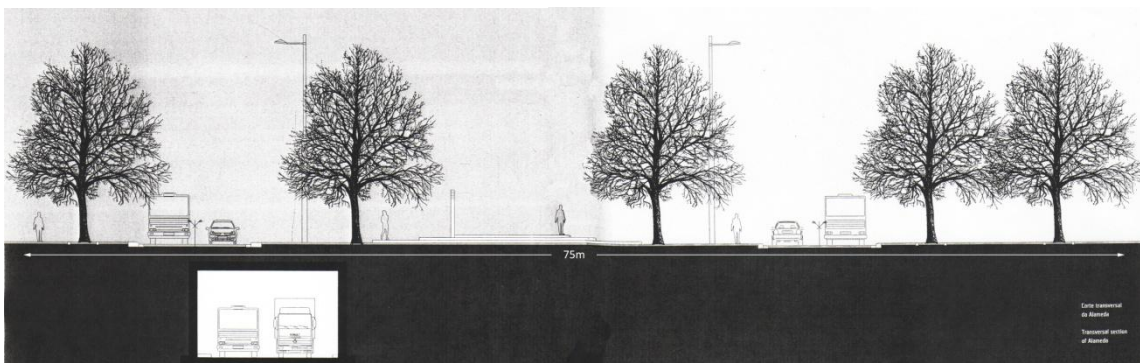
42 - A Igreja de Santo António das Antas como remate Poente da Alameda.



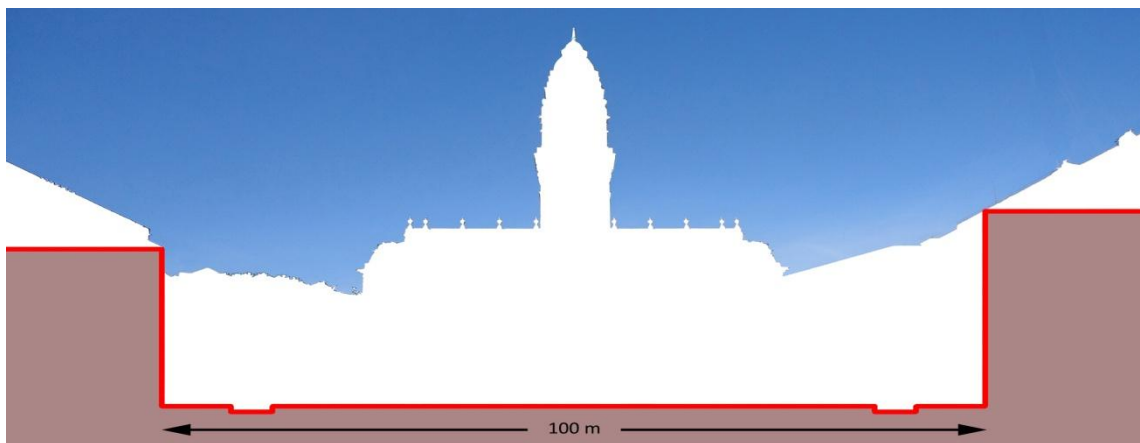
44 - Vista Poente - Nascente.



43 - Vista Nascente - Poente.



41 - Corte Transversal Tipo. Alameda das Antas.



40 - Corte perspectivado pela Praça Humberto Delgado. Avenida dos Aliados.

Fiquei a pensar no perfil de 70m de largura, e decidi comparar com outros perfis, como é o caso da Avenida dos Aliados, por ser o espaço público de maior importância da cidade do Porto, e a Alameda dos Oceanos em Lisboa, por ser uma obra do mesmo Autor e de carácter semelhante.

No caso da Avenida dos Aliados na Praça General Humberto Delgado temos um perfil de 100m que se justifica pela monumentalidade que o edifício da Câmara Municipal impõe, contudo este perfil só se desenvolve por 80m e afunila até chegar aos 40 metros de perfil que se prolonga até à praça da liberdade rematando esta com 65m de perfil. Em toda a sua extensão, 430m, há múltiplas variações, diferentes acontecimentos, desde intersecções de ruas que criam alternativas de percurso, a vários pontos de contemplação e paragem. É de salientar as suas fachadas monumentais contínuas que garantem uma leitura uniforme, assim como algumas obras de arquitectura notáveis como são os exemplos: o Edifício da Companhia de Seguros "A Nacional", o Edifício Joaquim Emílio Pinto Leite ou o Edifício do Jornal de Notícias todos de autoria do arquitecto Marques da Silva.

Relativamente à Alameda dos Oceanos, apesar de ser um caso que irei desenvolver com mais detalhe no ponto seguinte, quero referir que em cerca 3.5km de extensão o perfil mantém-se nos 50m de largura; contudo, ao percorrermos este espaço a diversidade é constante, temos sempre algo que acontece, um café, uma paragem, baias de estacionamento ou edifícios de comércio e serviços que funcionam diariamente, o que quebra a monotonia de uma avenida tão extensa e por sua vez justifica o seu largo perfil.

Após reunir a informação sobre estas duas obras, e comparando com a obra de estudo, torna-se claro o desconforto que se sente ao percorrer a Alameda das Antas.

*“ (...) construir uma alameda com as dimensões da Av. Dos Aliados (70m de largura) foi a opção, quanto à forma urbana, que nos pareceu mais adequada ao projecto.”*³⁹

³⁹ Fernandes, Fátima, Cannatà, Michele - Formas Urbanas, Concreta – 2002. 1ª ed. - Porto : Edições Asa, 1972. Pág. 239.



45 - Alameda das Antas Panorâmica.

Sendo assim, e na minha opinião enquanto estudante de arquitectura mas sobretudo enquanto utilizador do espaço publico, esta solução não me parece a mais adequada; de facto foi possível verificar a desproporção e descontrolo de escala quando comparamos esta obra com as restantes, não só pela importância do lugar na cidade, como é o caso da Avenida dos Aliados, mas também pelo contributo que esta faz para com a mesma como é o exemplo da Alameda dos Oceanos.

Já perto da Avenida Fernão de Magalhães prontos para abandonar esta expedição, quando precisava-se de repouso, acabamos por encontra-lo só no relvado em frente à Igreja das Antas. Com sol, este é provavelmente o espaço mais confortável de toda a extensão da Alameda.

“O que está em causa é um projecto urbano que integra diversas valências, com uma mistura de funções que lhe assegura uma elevada intensidade de vida ao longo de todo o dia, propiciada também por uma boa acessibilidade, tanto de transportes públicos como privados.”⁴⁰

⁴⁰ Fernandes, Fátima, Cannatà, Michele - Formas Urbanas, Concreta – 2002. 1ª ed. - Porto : Edições Asa, 1972. Pág. 237.



46 - Alameda dos Oceanos, Porta Sul.

Alameda dos Oceanos - Manuel Salgado (Atelier Risco), 1994/98

Chego a Lisboa. A viagem durou 3 horas e 30 minutos e a estação de Camionagem fica em Sete Rios com vários interfaces de transportes; é o metro que me interessa. Cerca de 10 minutos depois inicio o meu novo trajecto. Para confirmar o meu percurso na linha azul: “tem de trocar de linha em S. Sebastião e seguir em direção à estação Oriente!” informa-me alguém com um sorriso divertido quando repara que tenho pronuncia Nortenha. Agradeço a informação.”.

Finalmente! Chego à fantástica obra do Arquitecto Santiago Calatrava, a Estação do Oriente. Passaram anos desde a última vez que a visitei e, como tal, já não me lembrava muito bem de como seria, só cá tinha estado uma vez por alturas da expo 98 e a minha bagagem arquitectónica na altura era nula. O melhor do Parque das Nações, para além de ser um excelente e diversificado exemplo de espaço público, é talvez o facto de este estar repleto também de bons exemplos de arquitectura e como tal a sua visita é sempre enriquecedora.

“Um espaço público linear, que se prolongava entre as duas portas opostas do recinto, a Norte junto à Praça Sony e a Sul junto à torre da Galp, guardada como testemunho da antiga refinaria.”⁴¹

Depois de almoçar no centro comercial Vasco da Gama começo a minha visita de estudo à Alameda dos Oceanos. Os acessos, as ligações, a sinalização e os percursos foram, de facto, feitos a pensar na mobilidade de todas as pessoas; é impossível ficar perdido apesar da complexidade que o espaço acarreta. Já no exterior são 3 as coisas que sobressaem: No primeiro plano, confronto-me com a imponente escultura “O homen-sol” do Artista Jorge Vieira; em seguida a Sul o pavilhão de Portugal do Arquitecto Álvaro Siza; Como pano de fundo, o azul do céu e do Rio Tejo. Tudo ali tem uma escala monumental, digno de ter sido um parque internacional de exposições. No entanto, o desenho do espaço público é tão rico que consegue fazer uma transição excelente entre as diferentes escalas atenuando assim qualquer desconforto que se sinta a percorrer estes espaços.

⁴¹ Lisbon Expo 98 : projects / edited by Luiz Trigueiros and Claudio Sat ; translation by Mark Cain. - Lisboa : Blau, 1996. Pág. 100.



48 - Gare do Oriente, entrada Principal. Santiago Calatrava, 1998.



49 - Painele Informativo, Alameda dos Oceanos.



47 - O homem Sol. Jorge Vieira.



50 - Pavilhão de Portugal. Álvaro Siza, 1998.

“Se o conceito de espaço público é definido por um sentido de urbanidade que o torna independente de formas e tipos, é também livre de restrições de tamanho ou escala.”⁴²

Sigo para Sul em direção à Porta do Mar, onde se situa a Torre da Galp da autoria dos Arquitectos Graça Dias e Egas Vieira. A minha intenção não será explorar as obras de arquitectura por si só, e como tal, não as irei visitar, até porque o meu objecto de estudo é o Espaço Público, mas, e como descrevo no primeiro capítulo, não pode haver um sem coexistir com o outro. Como tal, quando sentir que a influência de uma obra é tão forte na caracterização do espaço público como é o caso do pavilhão de Portugal, cabe a mim transmitir essas mesmas experiências.

Decido então explorar o Pavilhão de Portugal. O diálogo entre a Alameda e o Pavilhão é muito forte, desde os jardins labirínticos a Norte, até à praça coberta mais a Sul este foi sem dúvida dos lugares onde vi mais pessoas a usufruírem dos espaços. As pessoas distribuem-se um pouco por todo lado, uns procuram sombra que a praça oferece, muitos sentados pelo chão e nas escadas que dão acesso ao edifício, outras pessoas escondem-se pelos jardins labirínticos e espaços mais recatados para poderem disfrutar de alguma privacidade enquanto namoram. Contudo, a zona com mais afluência é a que se encontra virada ao Tejo. Bancos de granito distribuem-se a acompanharem os vãos, numa espécie de convite a contemplar o Rio, criando um local de paragem, abrigo e recreio.

“Seja qual for a atitude e a metodologia adoptada, o espaço público é o corpo da cidade, o que acolhe e acompanha quem a percorre e que nunca nos é indiferente. No espaço público se sedimenta a cultura de fazer viver a cidade.”⁴³

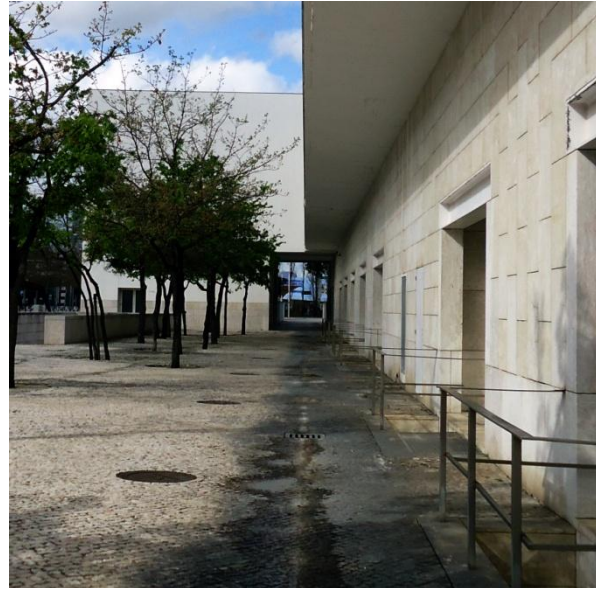
O rio⁴⁴ costuma trazer serenidade a quem o contempla e, de facto, a sua presença é uma constante ao longo de todo este percurso. Como tal, grande parte das obras que

⁴² “If the concept of public space is defined by a sense of urbanity that makes it independent of forms and types, it is also free of restriction of size or scale.” In favour of public space : ten years of the european prize... / coord. Magda Anglès, Rosa Puig ; transl. Richard Burgess...[et al.]. - Barcelona : Actar, 2010. Bravo, David In: *The flâneur's Surprise Lessons from the European Prize for Urban Public Space 2000-2010*. Pág. 47.

⁴³ Lisbon Expo 98 : projects / edited by Luiz Trigueiros and Claudio Sat ; translation by Mark Cain. - Lisboa : Blau, 1996. Pág. 52.



53 - Torre da Galp. Graça Dias e Egas Vieira.



52 - Pavilhão de Portugal, zona Norte. Álvaro Siza, 1998.



51 - Pavilhão de Portugal, a relação com o Rio Tejo. Álvaro Siza, 1998.

⁴⁴ “Um rio não é apenas um acidente natural. É sobretudo um fenómeno de cultura, uma história. Porque os rios escrevem nas margens um diálogo antigo e permanente com os homens. E os homens prendem-se à memória dos rios, fontes de vida e de morte, caminhos de água. Por isso, na religiosidade profunda dos povos, os rios são evocados como entidades míticas, divindades veneradas pela sua força ou pelos seus dons de fertilidade.” *In* “Memória do rio”, Pereira, Gaspar Martins. *O Rio*, Coord. Adelina Carvalho, Amélia Lopes, Margarida Wellenkamp – Porto, Panmixia – Associação Cultural, 2005. Pág. 19.

aqui encontramos procura dar ênfase a esta condicionante explorando as suas possibilidades. Entre elas, o Pavilhão de Portugal é talvez a obra que melhor se relaciona com os vários factores da envolvente mas sobretudo com as pessoas que usufruem daquele espaço.

*“Na concepção da urbanização da Zona de Intervenção da Parque Expo’98 o espaço público foi abordado como elemento estruturante da cidade e caracterizador da cultura que o projectou. Daí que na sua concepção tenha sido adoptado como invariante do Plano de Urbanização, e individualizado e valorizado nas suas singularidades quanto à sua diversidade e localização na estrutura urbana.”*⁴⁵

O Rio Tejo para além da sua presença física tem também grande importância histórica e o tema principal de todos estes espaços foi “Os Descobrimentos”. Este foi dividido em subtemas, que nos acompanham ao longo de todo o percurso e que podemos ver representados nas diferentes obras.

Como já tinha referido no início do texto, a Alameda dos Oceanos está repleta de obras de arquitectura de qualidade elevada. Contudo, possuí algo que na minha opinião é ainda mais importante para a caracterização de todo o complexo e que é a diversidade de Artistas Plásticos que ali estão representados. Traz a este espaço um pouco de todo o Mundo proporcionando um diálogo entre as diferentes obras plásticas⁴⁶. Independentemente das nossas coordenadas geográficas, na Alameda, está sempre presente uma linguagem coerente, intuitiva e informativa. Seja nos pavimentos, que nos transmitem histórias, como é o caso da calçada portuguesa de Rigo que nos conta o ciclo da água, seja em qualquer tipo de mobiliário, bancos, iluminação e sinalética cuja cor, forma ou textura, estimula diferentes experiências, seja pelos jardins, como os de Fernanda Fragateiro que nos mostram as espécies de plantas que trouxemos de além-mar na época dos Descobrimentos, (na pesquisa que fiz estima-se um total de 190 espécies de plantas diferentes espalhadas por todo o complexo), ou simplesmente pelas esculturas, que para além das histórias que nos comunicam são de tal forma cativantes

⁴⁵Lisbon Expo 98 : projects / edited by Luiz Trigueiros and Claudio Sat ; translation by Mark Cain. - Lisboa : Blau, 1996. Pág. 52.

⁴⁶ “- o envolvimento de artistas plásticos e designers na singularização e valorização do projecto do solo e das suas componentes de mobiliário, equipamento e arte urbana;” in Lisbon Expo 98 : projects / edited by Luiz Trigueiros and Claudio Sat ; translation by Mark Cain. - Lisboa : Blau, 1996. Pág. 52.



54 - Vulcão de Água. Wet Design, 1998.



55 – Perfil Tipo e Perspectiva da Alameda dos Oceanos.

que nos é impossível ficar indiferentes, como é o exemplo dos “Vulcões de Água” do grupo *Wet Design* do Atelier Risco.

Sento-me perto de um dos “Vulcões de Água” para desfrutar da frescura que os mesmos proporcionam, observo a envolvente com olhos de curiosidade, vejo muita gente neste espaço, uns apenas de passagem apressados provavelmente com compromissos, outros á espera de transportes públicos, mas, vejo sobretudo pessoas a disfrutar do espaço das mais variadas formas, seja para passearem o cão, seja para disfrutarem da sombra que a massa arbórea proporciona, ou ainda para usufruir da ciclovía que acompanha a Alameda na sua totalidade. Há muitos turistas. É verdade, mas o que me chamou mais a atenção, e isto aconteceu ao longo de todo o percurso, foi encontrar várias crianças a interagirem com os “Vulcões de Água”, a maior parte simplesmente curiosa com a actividade e percurso da água outras a refrescarem-se independentemente da sinalização dizer explicitamente: “Aviso: Não é permitido tomar banho. Pode por em perigo a sua saúde.”. Pergunto a mim mesmo: não será esta condição que nos liberta, enquanto seres, a mais-valia para o Espaço Público?

Encontro-me na Porta do Mar, tenho à minha frente a Torre Galp guardada como testemunho daquilo que era a antiga refinaria, agora a sua função é outra, marcar a entrada Sul da Alameda. Aqui, trabalharam os arquitectos Graça Dias e Egas Vieira. O resultado é um conjunto de rampas que se desenvolvem em redor da torre e que por sua vez fazem a ligação pedonal entre os dois lados enquanto nos proporcionam um local de contemplação sobre a envolvente. Não consegui subir ao topo, também não esperava outra coisa pois os acessos estão vedados; contudo, alcanço 1/3 de altura de onde a vista sobre o território é privilegiada. Com esta espécie de *zoom out* foi-me possível reconhecer melhor a unidade de linguagem do conjunto. Parece ter existido, de facto, um esforço enorme de cada peça para fazer parte daquela identidade que nos reflecte o tema dos “Descobrimientos” e podemos verificar isso até pelo próprio tratamento das fachadas de cada edifício.

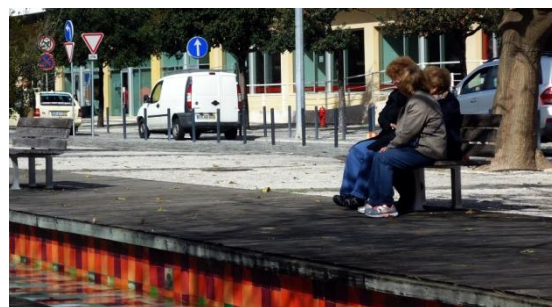
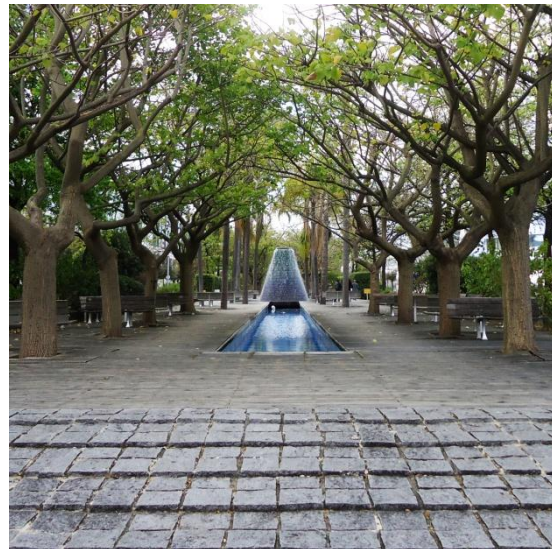
Seguindo em direcção a Norte, o perfil da rua tem 45m de largura e divide-se em 7 partes, sendo 2 faixas de rodagem para automóvel, cada uma com 4 metros de largura, as restantes dedicadas ao uso pedestre. Só desmaterializando o perfil nos apercebemos não só a importância que aquele espaço dá aos pedestres mas também a forma como este está dividido faz com o mesmo resulte na perfeição. Temos os passeios laterais, a



56 - Rapazes a Interagirem com a Água.



58 - Ciclovia.



57 - Em cima, acesso ao Jardim Central, em baixo interações sociais.

que chamo de serviço e fazem a ligação entre o espaço público e os edifícios que o envolve onde por norma se desenrolam as actividades necessárias no quotidiano⁴⁷; em seguida temos as faixas de rodagem, uma para cada sentido, que resolvem o problema automóvel; por fim um corredor central, que funciona como eixo, é dedicado à paragem, contemplação e actividades de lazer⁴⁸. De facto ao percorrermos qualquer um dos espaços dedicados ao uso pedestre não nos apercebemos da presença automóvel e isto é possível, sem recorrer a barreiras visuais ou físicas, pois, ao longo de todo o percurso existe um jogo entre mobiliário urbano, espaços ajardinados e diferenciação no pavimento que nos fazem esta separação de uma forma natural.

*“- a harmonização do projecto da rede rodoviária com o projecto do solo e a sua concepção mais humanizada, privilegiando o uso pedonal do espaço público e a coexistência do veículo como peão, em segurança – rejeição das vias rápidas urbanas e adopção duma maior homogeneização dos espaços.”*⁴⁹

Em frente ao Pavilhão Atlântico, o corredor central transforma-se num jardim mais denso ladeado por sebes e plantas exóticas. Há sombra de palmeiras e das árvores de copas densa. A pontuar a entrada neste jardim está um quiosque e uma esplanada, onde vários são os que disfrutam de um café e do seu jornal. Este jardim está repleto de espaços de estar, com pequenas mesas de apoio; a disposição dos bancos convida a permanência e o convívio entre grupos, no entanto o estado dos pavimentos não é o melhor, nem o que se esperava no projecto⁵⁰. As árvores foram crescendo e consequentemente as suas raízes o que levou á destruição do *deck*, em redor dos canteiros, e até algumas peças de mobiliário urbano.

Chegamos, por fim à porta Norte. Actualmente é apenas uma estrutura metálica pintada de branco, contudo, outrora foi uma espécie de *lobby* que fazia a filtragem de acesso à Expo98. Esta é uma obra do Arquitecto Manuel Taíña em colaboração com o

⁴⁷ Estes são os acessos aos edifícios, paragens de transportes públicos entre outros.

⁴⁸ Tais como jogging, bicicleta entre outros.

⁴⁹ Lisbon Expo 98 : projects / edited by Luiz Trigueiros and Claudio Sat ; translation by Mark Cain. - Lisboa : Blau, 1996. Pág. 52.

⁵⁰ “- a interdisciplinaridade do projecto através da coordenação e compatibilização das redes enterradas para optimização dos traçados e viabilização do projecto do solo – pavimentações e plantações;” in Lisbon Expo 98 : projects / edited by Luiz Trigueiros and Claudio Sat ; translation by Mark Cain. - Lisboa : Blau, 1996. Pág. 52.



60 - Jardim Central, formas de uso.



61 - Porta Norte, estado actual. 2013.



59 - Porta Norte, 1998.

Arquitecto Alexandre Alves Pereira e foi concebida com o intuito de ser efémera e como tal ser desmantelada após a exposição ficando apenas a sua estrutura.

“O projecto do espaço público acompanhou assim todo o processo de desenvolvimento da urbanização, desde a sua concepção até à sua construção.”⁵¹

Parto agora para o centro de Lisboa, para a minha próxima visita de estudo.

⁵¹Lisbon Expo 98 : projects / edited by Luiz Trigueiros and Claudio Sat ; translation by Mark Cain. - Lisboa : Blau, 1996. Pág. 100.



62 - Percurso do Rossio ao Chiado, do Carmo ao Cais das Colunas (Vista sobre a Rua do Carmo).

Arquitectura II:

Percurso do Rossio ao Chiado, do Carmo ao Cais das Colunas

Passo a explicar o porque deste título. Após ter consultado o livro “O chão da Cidade” de Pedro Brandão, ficou a curiosidade de percorrer e de estudar o percurso que o autor traça na página 125 e intitula como “Percurso do Chiado ao Rossio”, na qual destaca vários espaços descrevendo-os como “espaços públicos centrais da cidade que refez o sentido de um percurso de qualidade”⁵². Fazem parte deste mesmo percurso a Praça da Figueira, o Largo de S. Domingos, a Praça D. Pedro V (Rossio), o Largo João da Câmara, o Largo de S. Carlos e o Percurso subterrâneo do Metro (Largo do Chiado à Rua do Crucifixo). Parti para Lisboa com o intuito de fazer este mesmo percurso, no entanto, e enquanto quando iniciei esta rota senti que faltava algo naqueles espaços, não por serem de má qualidade arquitectónica ou por falta de caracterização do espaço, mas, talvez por este percurso ser de certo modo forçado para ser percorrido. Este itinerário não deveria ter como base as obras de requalificação mais recentes, mas, algo muito mais intuitivo e pessoal, pois, como o próprio autor descreve no livro “O sentido da Cidade”:

*“Avaliar um espaço exige, sem dúvida, compreender o seu valor, a sua origem e as aceções próprias da avaliação.”*⁵³, mas é, em primeiro lugar, ler espaços reais, analisá-los, compará-los. Nada melhor que seguir o fluxo das pessoas para perceber a influência dos espaços sobre as mesmas. Começa então o meu percurso.

No Rossio, o movimento é uma constante. Os carros, o engraxador de sapatos, os que trocam cromos, os pedintes, os cauteleiros, os turistas, as campanhas políticas, todos os outros e o pavimento ondulante. Este espaço, delimitado por edifícios pombalinos e enquadrado com o teatro Nacional D. Maria II, torna-se cenário para múltiplos propósitos, pois, reúne um conjunto variadíssimo de equipamentos que

⁵²O chão da cidade : guia de avaliação do design de espaço público / textos Pedro Brandão, Miguel Carrelo, Sofia Águas ; fot. Filipe Jorge. - [Lisboa] : Centro Português Design, 2002. Pág. 125.

⁵³ Brandão, Pedro, O sentido da cidade : ensaios sobre o mito da imagem como arquitectura / Pedro Brandão. Lisboa : Livros Horizonte, 2011. Pág. 31



64 - Ligação Rossio e Rua do Carmo. Lisboa.



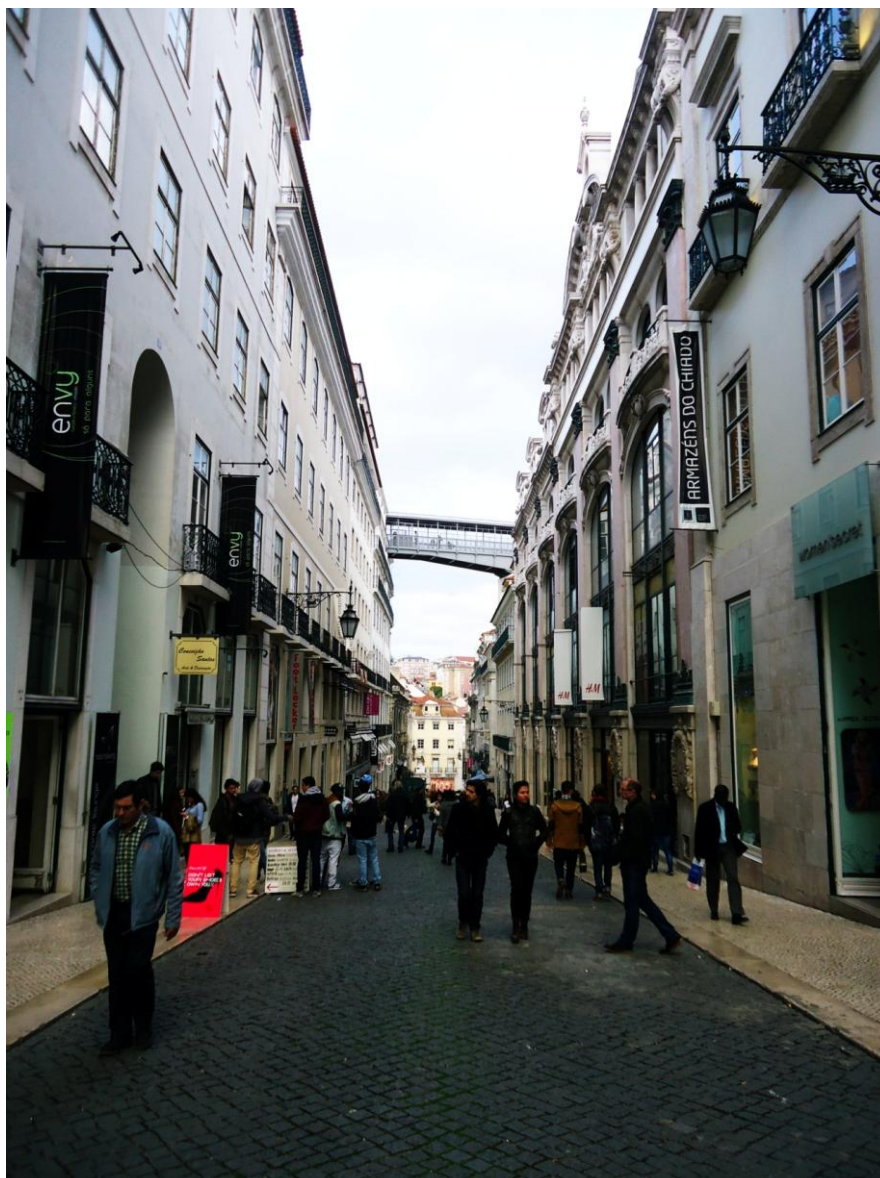
63 - Rua do Carmo, acesso exclusivo ao uso pedestre.

permitem que a vida ali se desenrole tanto de dia como à noite. Como é exemplo a estação de comboio, o metro, as várias paragens de autocarros e elétrico ou as esplanadas centenárias que abrigam centenas de turistas e claro está não podia deixar de haver as cadeias de *fast food* que se espalham como uma doença. Apesar do seu largo perfil de 95 metros, o espaço é confortável, os passeios têm 15 metros e incluem canteiros com árvores que proporcionam, pontualmente, locais com sombra; o comércio e os serviços ocupam também grande parte dos passeios com as suas esplanadas convidativas. Creio que este conforto de escala se deve ao rigor do traçado geométrico imposto aquando a reconstrução pombalina: Há uma fachada uniforme e ritmada, uma cércea regular com cerca de 20 metros de altura que proporciona a multiplicação de planos visuais e dos vários eixos que nascem na praça em direção ao rio Tejo e que de certo modo lhe dão alguma continuidade como é o exemplo da famosa Rua Augusta.

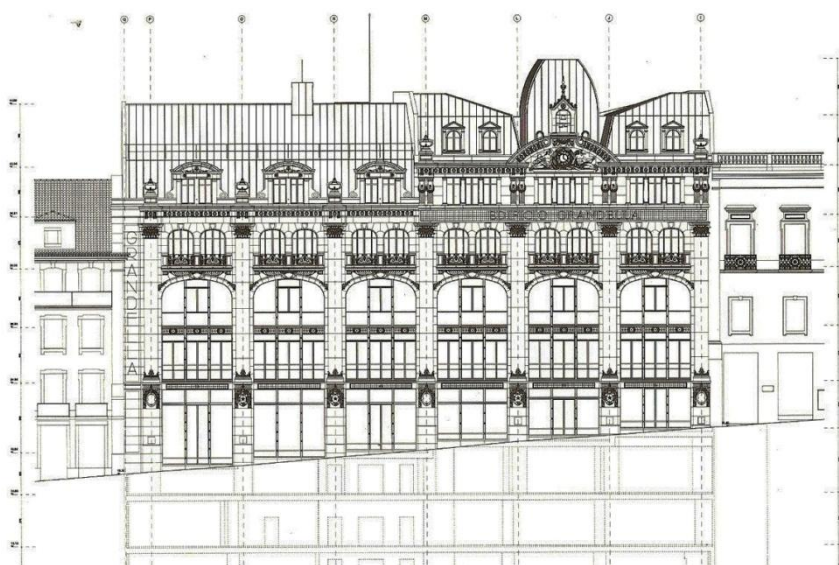
Á minha frente está agora a Rua do Carmo, que começa com uma espécie de tapete de boas vindas na típica calçada portuguesa; um pequeno largo surge da intersecção com a Rua 1º de Dezembro e é exclusiva a circulação a peões. Esta condicionante acaba por ser uma mais-valia, pois, retira a importância dos veículos e devolve-a aos peões tornando assim os espaços livres para serem percorridos sem restrições e como tal muito mais afluentes.

*“Comum a todas as formas de tráfego pedonal existe um número de exigências físicas e psicológicas determinadas pelo espaço físico. (...) Caminhar requer espaço; é necessário que seja possível caminhar livremente sem ser perturbado, sem ser empurrado, e sem ter de se fazer muitas manobras. O problema aqui será definir um nível de tolerância humano para as interferências encontradas durante a caminhada; para que os espaços sejam limitados e ricos em experiências e ainda assim serem suficientemente amplos que permitam espaço de manobra.”*⁵⁴

⁵⁴ “Common to all forms of foot traffic are a number of physically and physiologically determined demands on the physical environment. (...)Walking demands space; it is necessary to be able to walk reasonably freely without being disturbed, without being pushed, and without having to maneuver too much. The problem here is to define the human level of tolerance for interferences encountered during walking so that spaces are sufficiently narrow and rich in experiences, yet still wide enough to allow room to maneuver.” Gehl, Jan, *Life between buildings: using public space* / Jan Gehl ; transl. by Jo Koch. - 6 th ed.. – Kobenhavn : The Danish Architectural Press, 2010. Pág. 133.



66 - À Direita entrada dos Armazéns Grandella, á esquerda edifícios de Escritórios.



65 - Armazens Grandella. Alçado.

De facto ter uma rua exclusiva para nós é muito enriquecedor, permite-nos estar atentos a outros factos, como era de se esperar, a rua está repleta de comércio mas o que é interessante aqui é o tamanho e o híper-decorativismo das montras que nos mostram quase todos os produtos que cada uma tem para oferecer. No entanto o grande objecto de curiosidade é sem dúvida o ascensor de Sta. Justa que liga ao Largo do Carmo e deixa os turistas entusiasmados. Atrevo-me a dizer que esta rua se divide em duas partes: a parte mais antiga, na qual vemos as fachadas menos cuidadas e sobrecarregadas de máquinas de ar-condicionado, e a parte requalificada pelo Arquitecto Álvaro Siza, muito mais cuidada.

Contudo não é do meu interesse explorar os edifícios, as suas requalificações ou polémicas, nem a sua história ou significância, mas sim os espaços e eventualmente a forma como os edifícios os influenciam, pois o próprio arquitecto Álvaro Siza refere, em entrevista para a revista *Domus* relativamente às intervenções no Chiado, que “(...)a questão das fachadas não é verdadeiramente importante, poderão ser conservadas ou não. Sinto instintivamente que o coração da remodelação do Chiado se encontra por detrás das fachadas, no interior dos blocos.(...)”⁵⁵. Como tal o que interessa perceber aqui é a dinâmica que existe entre estas intervenções nos interiores dos quarteirões e as ruas que os delimitam.

Chego aos Armazéns Grandella, este edifício além da sua importância comercial na época teve também um carácter inovador na transição entre os espaços públicos e os espaços colectivos, um pouco à semelhança das “passages”⁵⁶ que mais tarde por finais do séc. XIX dão origem aos “Grands Magazins”⁵⁷ Parisienses, nasce aqui a

⁵⁵ “il problema delle facciate non m’interessava; si potevano conservare o non. Avevo sentito istintivamente che la questione del recupero del Chiado stava dietro alle facciate, all’interno degli isolati(...)” Siza, Álvaro, in “Progetto di recupero per l’area del Chiado, Lisbona: Álvaro Siza” – *Domus*, Milão: *Domus*, nº 714 - Março de 1990. Pág. 52.

⁵⁶ “«Nous avons mentionné à maintes reprises», dit le *Guide illustré de Paris de 1852*, un tableau complet de la capitale et de ses environs, «les passages qui débouchent sur les grands boulevards. Ces passages, récente invention du luxe industriel, sont des couloirs au plafond de verre et aux entablements de marbre, qui counrent á traves des blocs entiers d’immeubles dont les propriétaires se sont solidarisés pour ce genre de spéculation. Des deux côtés du passage qui recoit sa lumière d’en haut, s’alignent les magasins les plus élégants, de sorte qu’un tel passage est une ville, un monde en miniature, - *Flâneur* - où le chaland peut trouver tout ce dont il a besoin. Lorsqu’éclatent de soudaines averses, ces passages son le refuge de tous les premeneurs surpris auxquels ils offrent une promenade assure, quoique limitée, dont les commerçants tirent aussi leur profit». Ce texte est le locus classicus de la presentation des passages, non seulement parce que c’est à partir de lui que se développent les «divagations» sur le flâneur et les intempéries, mais parce que tout ce qu’on peut dire sur la construction des passages, du point de vue

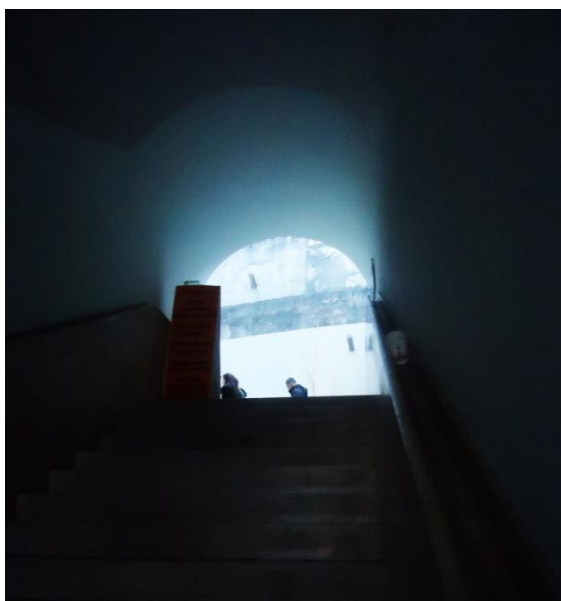


- Áreas Intervencionadas por Álvaro Siza.
- Áreas Intervencionadas por Gonçalo Byrne.

69 - À esquerda, Blocos A, B, Armazens Grandella (G) Grandes Armazens do Chiado (C). À Direita, Quarteirão Império Seguros.



68 - Acesso Norte ao interior do Bloco B.



67 - Pormenor do acesso ao interior, luz e forma.

économique comme du point de vue architectural, pourrait trouver ici sa place.” – Intempéries.” In Benjamin, Walter - Paris, capitale du XIXe siècle / Walter Benjamin ; trad. Jean Lacoste. - 3e ed. - Paris : Cerf, 2002. Pág. 65.

⁵⁷ “L’ancienne dénomination de grands magasins : «docks à bom marché». (...) La transformation en grand magasin du magasin des passages. Le principe du grand magasin : «Les étages forment un espace unique. On peut, ‘pour ainsi dire, les embrasser d’un seul regard’.» Giedion, Bauen in Frankreich {Leipzig – Berlin 1928}, p. 31 e 34”. In Benjamin, Walter - Paris, capitale du XIXe siècle / Walter Benjamin ; trad. Jean Lacoste. - 3e ed. - Paris : Cerf, 2002. Pág. 65.

oportunidade de as pessoas poderem atravessar os edifícios, pelas superfícies comerciais, de uma rua para outra. Contudo, e neste caso em especial, devido às diferenças de cotas acentuadas, foram introduzidas pela primeira vez em Portugal escadas automatizadas o que para a época era significado de grande avanço tecnológico.

“Mas esta tragédia não pode ser mais uma oportunidade perdida; a dimensão e o significado da área afectada – em si e nas suas relações com a cidade de Lisboa e com o país – constituem um desafio que exige resposta capaz.”⁵⁸

Um pouco mais à frente, vejo um grupo de pessoas reunidas em torno de uma entrada, umas sentadas outras de pé. É uma escadaria esguia com um foco de luz como pano de fundo, entendo pelo olhar atento de quem passa a curiosidade de perceber o que se desenrola no interior do quarteirão, este é o Bloco B! No meu entender, a sinalização tornar-se excessiva pois adultera a leitura de entrada no quarteirão e consequentemente os percursos espontâneos. Tratando-se de publicitar comércio, há que ter respeito pela arquitectura e saber conjugar os meios que publicitam com a mesma usando-a como uma mais-valia.

Antes de explorar este bloco é necessário primeiro perceber o conjunto da intervenção e a relação que o mesmo estabelece com as diferentes peças do tecido urbano. Em Agosto de 1988 deflagrou um incêndio na zona do Chiado que destruiu grande parte dos edifícios que datavam do séc. XIX; como tal e com o intuito de devolver a vida a uma das zonas mais emblemáticas da cidade era necessário um plano de intervenção. Foi aqui que surgiu o projecto do Chiado do Arquitecto Álvaro Siza. A intervenção divide-se essencialmente em 4 partes, o Bloco A, o Bloco B e o Bloco C (sendo que o Bloco C engloba os Armazéns Grandella e os Grandes Armazéns do Chiado), e o Quarteirão Império. As três primeiras são intervenções do Arquitecto Álvaro Siza, sendo última intervenção de Gonçalo Byrne.

⁵⁸ Távora, Fernando, “Operação Chiado” in Fascículo 1 de Fernando Távora, “Minha Casa”, Seleção, Organização, coordenação editorial: Manuel Mendes – Fundação Marques da Silva e Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2013. [C3] Pág. 59.



74 - Pormenor do corrimão. Siza Vieira.



75 - Pormenor do Corrimão do Mosteiro de Tibães.



71 - Jogo de Planos. Pátio Norte, Bloco B.



70 - Pátio Sul. Bloco B.



73 - Passagem entre Pátio Norte e Sul.



72 - Acesso Sul. Bloco B.

Todos os quarteirões requeriam então abordagens diferentes, uns pela diferença de cotas acentuadas entre limites, outras pelas características próprias do quarteirão e outras pela importância das peças envolventes. O Arquitecto Álvaro Siza, não só recuperou o que foi perdido no incêndio mas também alguns traçados espontâneos da época pombalina como é o caso das “*passages*”.

Entro e subo as escadas, o corrimão está talhado no próprio mármore do embasamento⁵⁹. Lembro-me de já ter visto este tipo de detalhe em granito numa das escadas do Mosteiro de Tibães. Que detalhe fantástico. A meia altura, num patamar, há duas portas que nos dão acesso a dois estabelecimentos ou esvitórios. Olhando para trás, apercebemo-nos de que o corte da abertura das escadas enquadra-se perfeitamente com duas das janelas dos Armazéns do Chiado. São detalhes como este que nos fazem perceber o diálogo constante entre os vários elementos que constituem o conjunto e reforçam o seu carácter unitário. Ao cimo da escada somos presenteados com um pátio, local bastante mais intimista e afastado do frenesim exterior, onde existe uma esplanada e também um banco de mármore que percorre a encosta do talude e convida qualquer um a sentar-se, numa espécie de paragem no caminho, pelo menos no meu.

*“O pátio é um lugar de encontro tão mental, quanto físico. Mesmo que o achesse na chuva, você estabelecerá com ele uma associação mais intensa do que a real.”*⁶⁰

O pátio divide-se em duas partes, uma que dá acesso a um grupo de escritórios, que por sua vez se multiplicam pelos pisos, e outra de serviço ao público em geral. A dividir estes dois espaços está uma pré-existência que se torna essencial para aquele espaço. Hoje é algo simbólico, além de ser uma referência histórica do lugar, este muro divide em duas partes o que seria um espaço desproporcional na sua relação comprimento e largura. Se nos colocarmos no ponto certo do pátio Norte e olharmos para cima, na direcção do “muro”, podemos ver que o *outline* que existe encaixa com o

⁵⁹ “*em arquitectura, ninguém inventa nada!*” José Salgado citando Álvaro Siza. Pág. 185. in Siza, Álvaro - A Reconstrução do Chiado – Lisboa 2000, Livraria Figueirinhas.

⁶⁰ Louis I. Kahn : conversa com estudantes / trad. Alícia Duarte Penna. - Barcelona : Gustavo Gili, 2002. Pág. 62

outline do edifício que se encontra como plano de fundo. Este conceito é ainda reforçado por um vão aberto pelo arquitecto Álvaro Siza alinhado com aberturas do edifício do fundo. Para se ter uma percepção deste jogo de planos temos de nos colocar no “beco” do pátio junto à pequena livraria ali existente. Encontrando-me aqui, sinto também uma falta de continuidade deste espaço, falta de ligação ao Largo do Carmo; é como percorrer um percurso muito intuitivo, uma espécie de atalho, e chegar ao fim e ter o caminho bloqueado por algo que não é suposto existir, neste caso um talude. Sabemos que este percurso já existiu outrora, assemelhando-se às “*passages*”, e que fazia a ligação entre a Rua do Carmo, a entrada principal para a Igreja do Carmo e consequentemente ao Largo do Carmo. Só quem ainda não esteve naquele espaço, e nos espaços comunicantes a este, é que não pode perceber a importância que o projecto do Arquitecto Alvaro Siza⁶¹, tem para a valorização de toda esta área, basta pensar em questões de Toponímia para perceber que a ligação entre as diferentes peças esteve sempre presente. Abandonemos o Pátio B em direção ao Largo do Carmo para percebermos melhor esta relação.

*“Há aspectos muito importantes que não foi possível ainda realizar. O exemplo mais claro é o do percurso no interiores do pátio por trás da Rua do Carmo. Esse percurso que vai ligar ao portal sul da Igreja do Carmo e logo ao ascensor de Santa Justa, que é de grande importância na transformação do uso da zona e na rentabilização de alguns espaços comerciais(...)”*⁶²

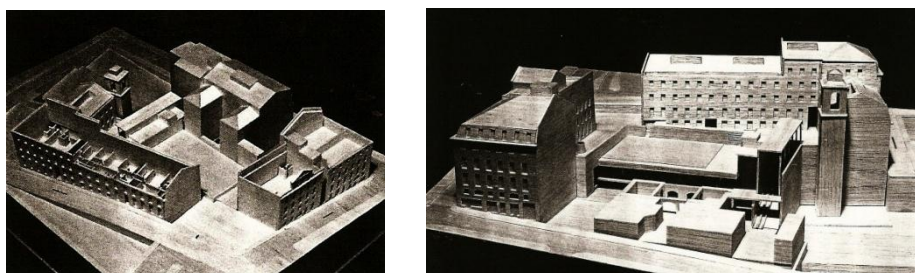
Subo a Rua Garrett e viro para a Calçada do Sacramento em direção ao Largo do Carmo. O Largo do Carmo, devido à associação com Igreja e Convento do mesmo nome, situa-se num lugar com uma cota privilegiada em relação à sua envolvente. Como tal torna-se local de vários acontecimentos. É uma pequena praça, com uma massa arbórea considerável, que acolhe uma série de bancos de jardim e várias esplanadas, oferecendo-se como um local de repouso e “meditação”. Aqui, é também o ponto de saída daqueles que visitam o célebre Ascensor de Sta. Justa. Apesar do preço praticado, eu próprio fiz o percurso para entender a sua mais-valia para todo este

⁶¹ Em colaboração com o Arquitecto Carlos Castanheira, (Ligação pedonal do Pátio B do Chiado, Largo do Carmo e Terraços do Carmo” de 2008).

⁶² Siza, Álvaro - A Reconstrução do Chiado – Lisboa 2000, Livraria Figueirinhas. In “Ainda a reconstrução do Chiado?!...”, 1997



81 - Quarteirão Império Seguros, acesso Norte.



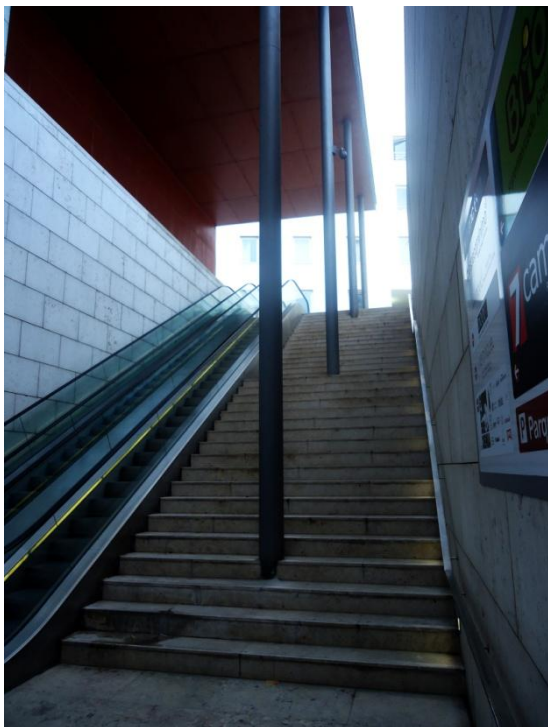
80 - Maqueta do Projecto. Quarteirão Império Seguros.

conjunto já que esta peça é também fundamental pela sua afluência considerável. Contudo, penso no facto da ligação pedonal entre o Largo do Carmo e o Pátio B não ter sido concretizada e nos problemas técnicos que o Arquitecto Álvaro Siza refere na entrevista de 1997⁶³ como resolvidos, e não vejo razão plausível para a não conclusão da obra, pois, a ligação com o ascensor de Sta. Justa iria criar toda uma nova dinâmica de Lugar. Esta peça metálica, faz a ligação entre a Rua Áurea e o Largo do Carmo, atravessa a Rua do Carmo e pousa sobre um dos edifícios do Bloco B, transformando-se depois em um percurso metálico que atravessa os arcos botantes das ruínas da Igreja em direção ao Largo. Para mim torna-se claro a importância deste Largo, no fundo é o culminar de muitos percursos e o recomeço de muitos outros, tudo isto, e sobre o meu ponto de vista, numa tentativa de devolver àquele espaço o respectivo valor que outrora, aquando do funcionamento do Convento, possuiu.

Desço a Travessa do Carmo e entro no Quarteirão Seguros Império. A requalificação deste quarteirão ficou a cargo do Arquitecto Gonçalo Byrne, e faz parte do Plano de Reconstrução do Chiado. Aqui o conceito é semelhante ao Bloco B. Este quarteirão tem 4 frentes que partilham uma característica comum, todas as ruas circundantes têm circulação automóvel. Este último aspecto não parece ser de muita relevância mas, dado que a maior parte dos imóveis pertencem aos Seguros Imperio, acaba por fazer toda a diferença, não só a nível programático mas essencialmente por se tornar mais num espaço colectivo do que espaço público⁶⁴. Este aspecto torna-se visível logo na marcação dos acessos ao interior do quarteirão. Por exemplo quem acede à cota mais alta, pela Travessa do Carmo atravessando o bloco habitacional, tem uma leitura menos clara de marcação de entrada do que, por exemplo, acontece com o Bloco B onde, a existência de câmaras de vigilância e a presença uma porta metálica, tem como finalidade controlar o espaço. Já no interior a percepção é a mesma, apesar da continuidade física que existe entre a Travessa do Carmo e a Rua Garrett existe uma

⁶³ “(...) teve de ser suspenso porque houve problemas técnicos inesperados – necessidade de consolidação da encosta motivada pelas obras do Metropolitano. A real ameaça de ruína levou inclusivamente a desocupar um edifício e neste momento estão a fazer-se trabalhos de consolidação.” In “Ainda a reconstrução do Chiado?!...”, 1997 - Siza, Álvaro - A Reconstrução do Chiado – Lisboa 2000, Livraria Figueirinhas. Pág. 176.

⁶⁴ Neste caso o espaço privado adquire carácter público. Ver o tema “Espaço Público” – espaços privados, espaços colectivos.



82 - Ligação entre Pátio Norte e Sul, Quarteirão Império Seguros.



85 - Acesso Norte ao Bloco A.



83 - Pátio Sul, Quarteirão Império Seguros.



84 - Pátio do Bloco A.

atmosfera ligeiramente diferente da que existe no Pátio B; aqui, temos na mesma esplanadas e lojas, contudo, este espaço acaba por absorver as características programáticas predominantes dos edifícios envolventes, o que torna este espaço, na minha opinião, um espaço de apoio às funções ali exercidas. Devido à grande diferença de cotas, entre a Rua Garrett e a Travessa do Carmo, a ligação é feita por meios mecânicos, uma escada rolante e um ascensor que, por sua vez, também dá acesso aos diferentes pisos do edifício de escritórios. Avançando em direção à Rua Garrett, descendo pelas escadas, há um pequeno átrio com um café, que faz a transição do interior para a rua de uma forma subtil, usando os arcos da fachada recuperada para atenuar a presença da entrada que só é notada quando se percorre a Rua Garrett a pé.

No Pátio A, a lógica é semelhante à dos restantes: o interior deste quarteirão tem 3 acessos, um pela Rua Garrett, outro pela Rua Ivens e o terceiro, mais discreto, pela Calçada Nova de S. Francisco. É um pátio de forma regular e de nível. Há, também, ordem e luminosidade, uma coisa bastante rara num quarteirão da baixa pombalina, que só é possível devido à sua dimensão de cerca de 200m² e claro à vontade do Arquitecto Álvaro Siza de querer devolver estas peças perdidas à Cidade de Lisboa.

*“Veja-se o que acontece em relação à ideia do edifício inteiramente condicionado, totalmente isolado do exterior. Já há suficientes verificações das consequências negativas a que isso conduz.”*⁶⁵

Contudo, ser semelhante não é o mesmo que ser igual. Enquanto nos pátios atrás descritos se percebe a lógica de ligação de diferentes pontos que resultam em atalhos, aqui a situação é diferente, por exemplo:

- No Pátio B, após subirmos a escada de acesso pela Rua do Carmo, tanto a aceleração perspectivada proporcionada pela disposição dos volumes como a divisão do espaço em duas partes nos cria a opção entre dois percursos, Largo do Carmo ou Rua Garrett, o que torna o espaço, apesar dos pontos de paragem, um percurso rápido entre dois pontos.

⁶⁵Siza, Álvaro - A Reconstrução do Chiado – Lisboa 2000, Livraria Figueirinhas. In “Ainda a reconstrução do Chiado?!...”, 1997 –Pág. 175.



87 - Acesso Este ao Metro do Chiado. Exterior.



86 - Acesso Este ao metro do Chiado, interior.

- No Quarteirão Império por sua vez há dois patamares em cotas distintas ligados por uma escada rolante e um ascensor, o que enfatiza ainda mais a ideia de atalho, que se resume num percurso de A para B.

- No Pátio A, entramos num lugar estático, afastado do ruído e movimento exterior, pontuado com algumas árvores e mobiliário urbano e com bastante insolação. Todos estes elementos criam uma atmosfera de paragem muito mais afirmada que nos casos anteriores.

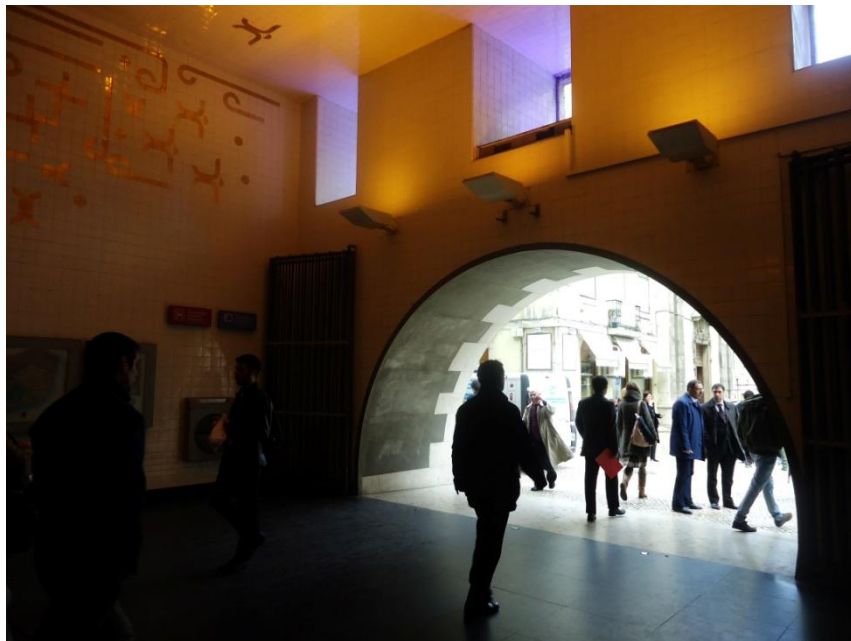
*“No outro dia, enquanto eu subia os degraus da Escada de São Francisco, aventurei-me por uma porta entreaberta que dava para um local, vazio ainda, uma futura loja provavelmente, que comunica com o espaço liberto do Bloco A, já acabado, uma praceta. Cabos e fios tinham ficado por aí e papéis cobriam o chão. Nada que se assemelhasse a honesta desordem. Abrigada dos ruídos da rua e do vento, a esplanada do café tinha dificuldades em encontrar os seus marcos. Tal se resolveria sem dúvida com o tempo.”*⁶⁶

Voltando a subir a Rua Garrett com intenção de percorrer a estação subterrânea do Chiado, o percurso é diferente. Talvez, para uns, seja ambíguo caracterizar uma estação de metro subterrânea como Espaço Público, pois, pensando que a mesma não seja visível em toda a sua extensão, escondendo-se debaixo da Cidade, tendem a marginalizar a sua existência enquanto Espaço Público. Contudo, e recordando as definições já descritas em capítulos anteriores na procura de perceber o que é verdadeiramente o Espaço Público, não encontro melhor exemplo para as ilustrar. O metro para além de garantir o funcionamento da Cidade fazendo a ligação entre diferentes partes, é sobretudo um condensador social, na medida que através de um objectivo em comum, movimentar do Ponto A para o Ponto B, junta, enquanto estrutura, qualquer tipo de classes sociais. Que exemplo melhor para ilustrar a essência da socialização?

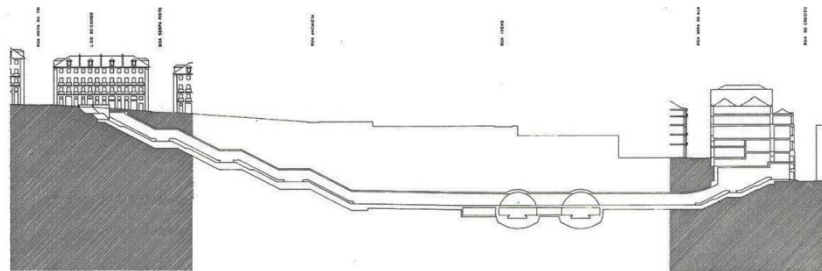
⁶⁶ Machabertt, Dominique, in *“Le puy-en-Velay”*, 1997 - Siza, Álvaro - A Reconstrução do Chiado – Lisboa 2000, Livraria Figueirinhas. Pág. 177.



90 - Aspecto Interior da Estação de Metro do Chiado.



88 - Acesso Oeste, Interior.



89 - Corte Longitudinal, Estação de Metro do Chiado.

A entrada para a estação não é difícil de encontrar. No final da Rua Garrett, mesmo em frente ao célebre café A Brasileira encontra-se sinalização que indica por onde aceder ao interior da estação. A obra de arquitectura é também da autoria de Álvaro Siza com intervenções plásticas do pintor Ângelo de Sousa, no entanto, a harmonia entre estas duas vertentes artísticas é de tal forma forte que nos é difícil dizer onde acaba uma para começar a outra.

Em termos técnicos podemos afirmar que esta obra se trata de um túnel que permite a ligação do exterior ao metro. Contudo, do ponto de vista espacial trata-se de um percurso com duas finalidades, um é de facto a ligação ao metro que por sua vez distribui as pessoas pelos diferentes pontos do sistema, outra é a ligação pedonal praticada entre o Largo do Chiado e a Rua do Crucifixo que permite uma travessia abrigada e assistida mecanicamente vencendo uma diferença de cotas de 18 metros.

Qualquer ideia negativa de entrar para um buraco no chão se desvanece ao entrar na estação do Chiado. Mais uma vez o corrimão aparece esculpido no mármore. Guia as pessoas para um espaço amplo e bastante iluminado pela luz que se reflete e se difunde através dos azulejos. A primeira parte dos percursos consiste num troço dividido em quatro partes, assistidas por escadas rolantes. A percepção do comprimento total deste atravessamento nunca é possível o que torna o espaço mais agradável, pois, se tivermos a percepção de que estamos a percorrer cerca de 300 metros debaixo de terra o percurso talvez se torne desconfortável. Ao fundo alcança-se uma plataforma que é preenchida por promotores de produtos, distribuidores de panfletos ou, então, pelas máquinas de venda de bilhetes ou pelos torniquetes que decidem quem pode viajar e quem não pode. Aqui podem acontecer variadíssimas coisas pois o amplo espaço assim o permite. Já de saída, e com um declive menor, temos apenas dois lanços de escadas rolantes. Antes de regressar à superfície também podemos avistar a luz natural, pois, a um terço do percurso o espaço abre-se e ganha um pé direito significativo que anuncia o final, e que é rematado pela reinvenção do desenho de uma fachada pombalina.

“Sim é claro. Como era natural manter as fachadas antigas, por isso também me pareça natural este facto novo, a importância da chegada do metro ou a criação de



92 – Esplanadas em frente às arcadas.



91 - Namoradeiras no Cais das Colunas.



93 - Cais das Colunas.

um espaço público e de um percurso interno dentro de um bloco são tratados como elementos que se afirmam e que rompem o ritmo regular da fachada pombalina.”⁶⁷

O que esta requalificação do Chiado fez foi devolver a vida a uma das mais notáveis partes da cidade de Lisboa, numa obra de espaço público como nenhuma outra por perto.

Chegamos à Praça do Comércio através da Rua Áurea. Esta é definida por um retângulo de 177m por 192,5m e enquadra-se na tipologia urbana das praças reais que representam a ideologia do poder; Inserida no programa de reconstrução da baixa pombalina, após o terramoto de 1755, destaca-se pelo uso de um arco triunfal que enquadra a eixo a estátua equestre de D. José I. A praça é voltada para o rio e é limitada por edifícios em forma de U e os seus arcos e galerias são exclusivos daquela área, assim como o revestimento em pedra dos torreões, notabilizando o espaço relativamente ao resto da intervenção. Requalificada recentemente sendo a grande alteração o condicionamento do trânsito automóvel, para devolver o espaço às pessoas. Ao longo das arcadas nascem os cafés e os restaurantes *gourmet* e as suas esplanadas estendem-se pelos passeios ocupando grande parte dos mesmos. Neste espaço amplo, em que a função é albergar eventos pontuais, resume-se em algumas linhas que se podem ler na memória descritiva do projecto:

“(...)o uso do espaço público da própria praça entendida também como “palco da Cidade”, é previsto, no Projecto, no âmbito da realização de eventos de diversos tipos e dimensões, de forma programada, para o que se definem capacidades e condições de uso das diversas zonas e se disponibilizam infra-estruturas de apoio às instalações temporárias.”⁶⁸

⁶⁷ “Sì, è chiaro. Come trovavo natural mantenere le vecchie facciate, così mi sembra naturale che un fatto nuovo, importante come l'arrivo della metropolitana o la creazione di uno spazio pubblico e di un percorso all'interno di un isolato siano segnalati con elementi riconoscibili, che rompano il ritmo regolare delle facciate pombaline.” - Siza, Álvaro, in “Progetto di recupero per l'area del Chiado, Lisbona: Álvaro Siza” – Domus, Milão: Domus, nº 714 - Março de 1990. Pág. 50.

⁶⁸ Soares, Bruno Arquitectos - Projecto Base Terreiro do Paço / Praça do Comércio – Memória Descritiva. Pág. 8.



94 - Praça do Comércio.

Uma das razões que me trouxe aqui foi ver o resultado da recente requalificação e perceber até que ponto a mesma merecia ser estudada, e como tal inseri-o no meu percurso, contudo, a verdadeira essência deste conjunto não está na larga praça, nos largos passeios ou nas grandes Arcadas, mas sim na relação que o conjunto estabelece com o Rio Tejo. Nada melhor para acabar o meu percurso que percorrer as margens do Tejo, aqui um muro com *namoradeiras*⁶⁹ adossadas nas pedras calcárias, este muro perlonga-se durante cerca de 100 metros, e vai sendo preenchido pontualmente por várias pessoas que aqui param para contemplar o Tejo, no fim deste muro e a eixo com a Praça do Comércio temos o Cais das Colunas um espaço com cerca de 450m2 que se torna local de eleição, para fotógrafos, turistas, filósofos, poetas, curiosos como é de facto o ser humano, como eu o sou. Aqui, encontro mais pessoas que na própria Praça do Comércio e como tal não imagino melhor forma de terminar esta viagem.

⁶⁹ Espécie de banco largo. Era geralmente usado nos conventos junto às janelas e permitia contemplar o exterior.



95 - Parque Polis / João Paulo II, Vila do Conde, Álvaro Siza, 2005.

Paisagem II:

Parque Polis / João Paulo II, Vila do Conde, Álvaro Siza, 2005

Hoje é Domingo, por norma é o dia de descanso para quem trabalha, o dia em que não se faz nada, o dia que esperamos que não passe. “Vou até Caxinas!” Digo ao pegar na chave do carro antes de sair de casa.

Fala-se, por aí, que Caxinas tem má fama, como quem tem receio de andar por aqueles bairros piscatórios e pelos armazéns ligados à indústria da pesca, como quem, provavelmente, nunca percorreu aqueles espaços, como eu, até àquele dia. No entanto, o Parque Polis de Vila do Conde surge como um bom caso de estudo, pois, além de ser um espaço relativamente recente, da autoria do Arquitecto Álvaro Siza, está inserido neste aglomerado populacional tão peculiar entre as Caxinas e Poça da Barca.

“Vila do Conde foi umas das dezoito cidades seleccionadas para a implementação do Programa Polis – Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades – lançado pelo Ministério do Ambiente e do Ordenamento do Território. (...) A execução do Programa Polis possibilitou a concretização de expectativas de crescimento sustentado, que muito valorizou o espaço público, em zonas de extrema importância da cidade, com vista ao seu desenvolvimento harmonioso, o que de resto representa uma das principais directrizes desta Autarquia.”⁷⁰

Situado entre as ruas de Agra Longa a Oeste, e Estrada Velha a Este, a cerca de 450 metros da orla costeira, o Parque Polis de Vila do Conde funciona como eixo entre as habitações e as indústrias. No entanto, mais importante do que ser o eixo entre trabalho e a casa será o facto de estar rodeado por três escolas, o que aliado às funções que o mesmo oferece, se torna uma mais-valia para aquela parte da cidade.

⁷⁰ Programa Polis, Viver Vila do Conde, <http://www.cm-viladoconde.pt/>



97 - Entrada Este, Parque Polis.



96 - Entrada Oeste, Parque Polis.



98 - Percurso.

“Parque Polis / João Paulo II

Resultado da intervenção do Plano Estratégico do Programa Polis em Vila do Conde, o Parque João Paulo II é composto por mais de 22.500m² de área verde, onde se encontra um lago, resultando assim, uma reunião de árvores e plantas de várias espécies, num espaço destinado ao lazer e a actividades ao ar livre. Dispõe de bar e um Centro de Actividades. ”⁷¹

Tendo em consideração as exigências do núcleo urbano em que se insere surge um parque verde com uma serie de serviços associados, como, o Bar e Centro de Actividades, que não só permite manutenção permanente e consequentemente o uso mínimo do espaço como também a requalificação de um espaço outrora residual. Sendo assim estamos perante um conceito que não só promove os espaços verdes nos núcleos massificados como consegue que os mesmos sejam autos-sustentáveis. O facto de ser confinado por um gradeamento e possuir um horário de funcionamento vem-lhe conferir um maior controlo. Tornando-o património público seguro.

“O espaço público é requerido como espaço da segurança, da coesão social e dos valores cívicos, e o seu desenho tem de ser avaliado também quanto á satisfação daquelas exigências. ”⁷²

A ideia, que advém dos finais do séc. XIX, da criação de espaços verdes com o intuito de melhorar a qualidade de vida nas cidades, por si só, já não é válida. Criar espaços verdes sem programas associados, programas que vão de encontro ás necessidades do meio em que se inserem, já não é suficiente, pois, a forma como as pessoas encaram hoje em dia este tipo de equipamentos é muito mais complexa do que na era da Industrialização, e uma pista de jogging ou uma ciclovia por vezes é o suficiente para podermos fazermos esta distinção.

⁷¹ Guia Turístico – Metrópolis Digital, 2008.

⁷² Brandão, Pedro, O sentido da cidade : ensaios sobre o mito da imagem como arquitectura / Pedro Brandão. -

Lisboa : Livros Horizonte, 2011. Pág. 232.



101 - Entrada Norte. Centro de Actividades.



99 - Pormenores, Pavimento e Muros.



100 - Crianças a Interagirem. Centro de Actividades.

*“A rejeição de áreas mono-funcionais é um pré-requisito para a integração de vários tipos de pessoas e actividades. Se as possibilidades podem ser diversas, o desenho e planeamento à pequena e média escala são factores decisivos.”*⁷³

O parque tem seis acessos, um em cada cruzamento de rua e dois associados aos equipamentos o que permite acesso directo. O meu percurso começa na entrada Sul, na Rua Agra Longa. A presença física dos acessos é reforçada por um alargamento dos passeios e pelos percursos que dali nascem e se perdem na perspectiva. A presença de massa arbórea ainda não é significativa, tanto as árvores que pontuam os passeios como as do próprio parque são ainda jovens. Mas já é possível vislumbrar o vasto manto verde que constitui o parque. Tendo sido este espaço uma antiga pedreira, o material de eleição é o granito que surge associado a todos os elementos construídos do parque.

*“É objectivo do projecto de espaço público, assegurar o respeito pela identidade da paisagem urbana ou rural, através da promoção dos padrões culturais locais. A paisagem de uma área reflecte a sua história, funções e afinidades com as áreas adjacentes. Respeitar estas características, pode contribuir para aumentar o interesse e riqueza da intervenção.”*⁷⁴

Apesar de se tratar de um parque verde o Arquitecto Álvaro Siza não deixa os pormenores de lado: no início de cada percurso existe uma pedra de fecho em cantaria que funciona também como caixa para escoamento das águas pluviais e as próprias grelhas metálicas do escoamento das águas, que nos surgem pontualmente ao longo percurso, seguem o alinhamento do cubo de granito do pavimento tendo quatro vezes mais a sua área. As caixas técnicas associadas aos muros que delimitam o parque, por sua vez, tem a dimensão das pedras mantendo assim uma leitura continua das alvenarias.

Os percursos são vários, mas, nenhum surge forçado, é como percorrer um espaço intuitivamente por vezes sem propósito fugindo às obrigações do dia-a-dia,

⁷³“The rejection of monofunctional areas is a prerequisite for the integration of various types of people and activities. If the possibilities are to be redeemed, planning and design work at the medium and the very small scale are decisive factors.” Gehl, Jan, *Life between buildings: using public space* / Jan Gehl ; transl. by Jo Koch. - 6 th ed.. - Kobenhavn : The Danish Architectural Press, 2010. Pág. 107.

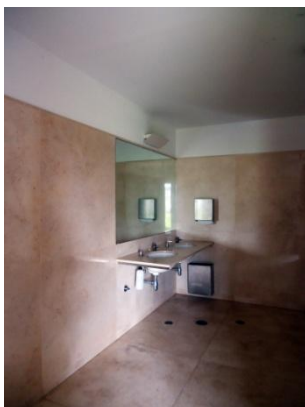
⁷⁴ O chão da cidade : guia de avaliação do design de espaço público / textos Pedro Brandão, Miguel Carrelo, Sofia Águas ; fot. Filipe Jorge. - [Lisboa] : Centro Português Design, 2002 Pág. 35.



103 - Ponte Pedonal.



102 - Bar.



105 - Lavabos.



104 - Centro de Actividades.

outras para disfrutar da companhia dos mais próximos. Os passeios são acompanhados pelo mobiliário de jardim, mas não é isso que torna o espaço interessante, mas sim tudo que se desenrola em torno do mesmo. As crianças que jogam à bola, os casais que passeiam, os que querem ficar em forma, os patos que se reúnem no lago artificial, o desfrutar de um espaço que é de todos sem restrição, que junta pescadores e empresários que esquece essas barreiras e nos torna humanos. Subo até ao Bar, na esplanada todos contemplam o vasto verde, apontando para o horizonte. O muro de granito filtra os ventos do Norte e segue na direção do mar que não se vê. Um ou outro olhar mais desconfiado desdenhando a máquina fotográfica que os regista faz-me prosseguir.

As árvores são de várias espécies, variam entre pinheiros mansos, plátanos entre outras árvores floríferas. Já perto do Centro de Actividades o arranjo paisagístico é mais minucioso, aparecem pequenos canteiros associados ao edifício com várias espécies de flores numa panóplia de cores bastante diversificadas. Sendo este um centro de actividades requer que os espaços interiores sejam controlados visualmente permitindo assim uma maior concentração, como tal, surge a forma em U que permite que tal seja possível, esta forma enquadra também, através de um arranjo paisagístico, o início do percurso de água que, posteriormente, dá origem ao lago artificial. Associado a este há ainda um pequeno parque de jogos e um sanitário com mobiliário desenhado pelo arquitecto.

A Norte situa-se a entrada principal do complexo. Associada a ela está também o acesso individual para o interior do Centro de Actividades, aqui, o passeio deixa de ter 3 metros e passa a ter 10 metros recortando parte do edifício, marcando, com a ajuda de uma pequena pala, a entrada principal. Ao longo deste passeio podemos encontrar também longos bancos que, em planta, desenhavam uma gaivota. De facto se por momentos mantivermos a nossa atenção no céu, de vez em quando, podemos avistar estas aves a sobrevoar o parque. Já na entrada Oeste surge um pequeno espelho de água, alinhado pelos limites do parque, que juntamente com uma palmeira preexistente nos faz a marcação de entrada.

Volto para o interior do parque, agora para tirar as últimas anotações e refletir um pouco sobre este espaço, sento-me em frente ao lago num banco de jardim, aqui, mais do que em qualquer outro lugar, o relvado é interrompido, no chão surgem as marcas da permanência, minha e de outros tantos.



106 - Plano de Pormenor da Zona Central e Edifício Municipal de Aveiro - Fernando Távora, 1963-1967.

Design I:

Plano de Pormenor da Zona Central e Edifício Municipal de Aveiro - Fernando Távora, 1963-1967

Está sol, muito sol. De todas as vezes que visitei Aveiro fui sempre recebido pelo Sol, e hoje não é excepção. A luz torna Aveiro numa cidade especial, principalmente quando podemos vê-la reflectida na Ria ou nos seus canais, a Veneza de Portugal, dizem alguns sem saber que Aveiro não é de facto Veneza nem tenciona sê-lo, pois Aveiro é tão ou mais especial que Veneza, Veneza tem as gôndolas e Aveiro tem os moliceiros, não, não é a mesma coisa. Aveiro é Aveiro e Veneza é Veneza!

Depois de descer a Av. Dr. Lourenço Peixinho, que começa na estação de comboios, encontramos uma rotunda ajardinada que nos faz a ligação entre as diferentes peças da cidade, as ramificações das ruas mais significativas do centro histórico partem da mesma fazendo com que a cidade funcione, pois, além de ligar os diferentes pontos permite a travessia, automóvel e pedonal, do canal. Aqui começa mais uma visita.

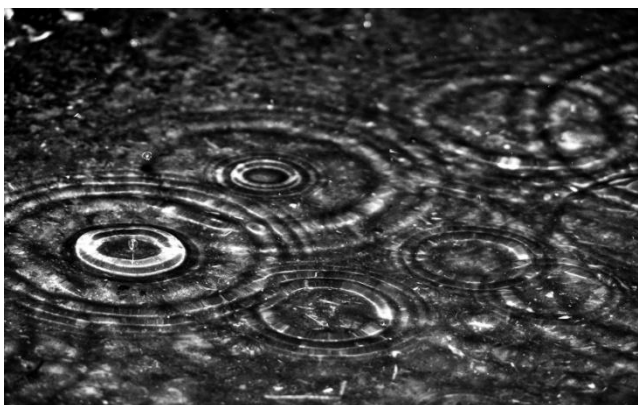
“Robert Auzelle, autor do Plano Geral de Urbanização de Aveiro, solicita a realização de um plano de pormenor da zona central da cidade, fornecendo para o efeito directivas de trânsito e funções urbanas. Plano de pormenor, chamar-lhe-emos antes anteprojecto da zona central, uma vez que se trata de um grande, embora descontinuo, edificio. (...)

Mantendo uma clara individualidade, os edifícios associam-se num conjunto urbano que não ignora as pré-existências a conservar e os condicionamentos do Plano Geral de Urbanização.

Próximo do canal que caracteriza a cidade, fronteiro à Camara Municipal (séc. XVIII), junto da Igreja da Misericórdia (séc. XVII), construir um edifício para serviços vários e diferenciados (turismo, finanças, exposições, biblioteca). (...) Princípio da solução: um



108 - Rua de Coimbra.



107 - Gotas de chuva numa superfície, comparação com esterotomia da calçada.

edifício com identidade e dignidade cívica, unificação da variedade programática; as definições de uma linguagem urbana corrente.”⁷⁵

Para chegar à Praça da República basta seguir os círculos inscritos na calçada portuguesa e subir a Rua de Coimbra. A estereotomia desta calçada remete-nos para as gotas de chuva que caem esporadicamente na Ria e nos seus canais, criando, mesmo quando os passeios se encontram vazios, a ilusão de movimento. Ao percorre-los encontramos vários alargamentos que nos dão zonas de estar, pequenas esplanadas espalhadas um pouco por todo lado. No entanto, a zona que melhor ilustra esta condição, ao longo do percurso por estes passeios, é a que se encontra na Rua Clube dos Galitos, aqui, encontram-se várias lojas e esplanadas que contemplam o canal.

À medida que subimos a Rua de Coimbra aumenta a importância histórica e funcional da cidade de Aveiro. Aqui, concentram-se a maior parte dos serviços municipais, comunitários e religiosos, o que torna a Praça da República não só o espaço que os une mas também o grande palco da cidade possibilitando a realização de vários eventos.

*“Pensar na cidade é pensar num reino de espaços, aliás, deve-se realmente pensar na cidade como em um tesouro de espaços.”*⁷⁶

Quem percorre as ruas de Aveiro não pode deixar de ser indiferente às obras de arte pública que se espalham um pouco por toda a cidade. Entre estas, as mais comuns são as esculturas em cerâmica vitrificada de Luís Queimadela que pertencem à coleção in-vitro, no entanto ao aproximarmo-nos da zona em estudo não só encontramos um exemplo destas obras como também uns coloridos murais de alto-relevo que, por sua vez, pertencem ao artista plástico Vasco Branco, também de cerâmica vitrificada, típica da região, retratam cenas do quotidiano aveirense. As mesmas estão colocadas nos muros de suporte que delimitam as várias plataformas niveladas na obra de Fernando

⁷⁵ Távora, Fernando, *Percurso (a life long trail)*, coord. Fernando Távora e José Bernardo Távora. - Lisboa : Centro Cultural de Belém, 1993. Pág. 76

⁷⁶ I. Kahn, Louis: *conversa com estudantes* / trad. Alícia Duarte Penna. - Barcelona : Gustavo Gili, 2002. Pág. 53.



110 - "Sem nome" coleção in-vitro. Luís Queimadela.



109 - Relação entre obra de arquitectura e os altos-relevos de Vasco Branco, 1985.

Távora, e, apesar de estes altos-relevos serem posteriores⁷⁷ ao Plano de Pormenor, surgem como complemento criando uma harmonia entre as diferentes Artes. O facto de a cidade estar repleta de símbolos que de alguma forma representam as mais importantes actividades da cidade e o recurso a artistas plásticos da região para retratarem os mesmos torna esta cidade ainda mais singular.

Ao chegar á Praça da Republica apercebemo-nos que a estereotomia do pavimento se torna mais concentrada que nos passeios, isto, torna o espaço mais estático e transmite a ideia de preenchimento, pois, é aqui que as pessoas se devem reunir. A praça está cheia. Uma exposição de automóveis ocupa grande parte do espaço, um pouco por toda a parte vê-se carros estacionados, infelizmente não são só os carros em exposição, vários são os que acedem aos serviços ali prestados e aproveitam para estacionar dentro da praça, mas nem estes incidentes a demove de ter a qualidade que tem.

Os alunos da escola secundária Homem Cristo, cuja entrada principal se vira para a praça, reúnem-se aqui nos intervalos. A praça fica cheia. Uns espalham-se pelos muros, outros pelas escadas, outros reúnem-se à volta do monumento dedicado a José Estevão Coelho de Magalhães pois lá existe sombra. Sei que há um pátio no interior do edifício escolar, no entanto, é curioso como estudantes optam por passar os seus tempos de ócio nesta praça ao invés do pátio destinado para o efeito.

*“(...)não basta construir casas ou cidade ou templos, é necessário possuir-se a garantia do se interesse para aqueles a quem tais obras se destinam; vivendo-as, eles colaboram não sua na criação mas na própria existência dessas manifestações.”*⁷⁸

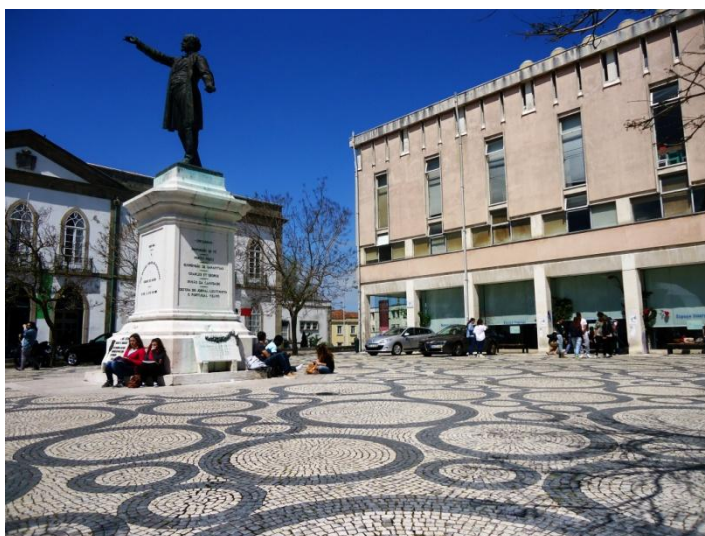
Sento-me também num dos bancos de jardim, por esta altura as árvores ainda estão despidas. Agora, ao olhar para o edifício de Fernando Távora procuro

⁷⁷ Dados de 1985. “Na Rua de Coimbra destacam-se painéis circulares que sob um fundo de cor laranja representando as actividades tradicionais e os símbolos característicos da região, por forma a manter viva a memória de tempos passados, nomeadamente: a produção e transporte do sal em canastras, o barco moliceiro, os ovos-moles, a tricana, etc. Por seu lado, na Rua Belém de Pará, sob o mesmo fundo laranja, os conjuntos de painéis são rectangulares, representam figuras típicas.” In Guia Turístico, Câmara Municipal de Aveiro.

⁷⁸ Fascículo 1 de Fernando Távora, “Minha Casa”, Seleção, Organização, coordenação editorial: Manuel Mendes – Fundação Marques da Silva e Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2013. Pág. 37.



113 - Praça Municipal.



112 - Os alunos da escola reúnem-se neste espaço no intervalo.



111 - Acesso pelo lado Poente.

compreender a razão pela qual se fechou a passagem para o outro lado por baixo do volume, que assenta em pilotis, está vedada por uns painéis de vidro gigantes. Foi falta de espaço para serviços como a Casa cultura e Espaço Internet? Havia necessidade de criar este tipo de serviços aqui? Colocaram vidro para proporcionar na mesma uma ligação visual? A verdade é que nem relação visual podemos estabelecer entre os dois lados pois os vidros são cobertos por longos estores ao longo de toda a fachada. No entanto, a ironia destas questões surge quando atravesso para o outro lado do volume e vejo que ali se instala o Núcleo de Arquitectos da Região de Aveiro que actualmente se encontra com as instalações vazias. Não consigo compreender os critérios aqui aplicados, pois, sendo a verdadeira essência do projecto, dar continuidade à Praça da República estabelecendo por sua vez uma relação mais próxima com o canal, ela perde-se por completo quando se bloqueia a passagem. Esta ocupação deixa este espaço ligeiramente mais pobre.

O conjunto consiste num jogo entre planos horizontais e os diferentes volumes, novos e pré-existentes e a sua disposição permite que haja sol em cerca de 85% no total do conjunto ao longo do dia. Os planos além de vencerem os declives naturais do terreno, através de escadas, proporcionam ligação directa entre volumes, criando, nos intermédios, espaços de contemplação do canal e da própria cidade, tudo isto em prol da perfeita organização do espaço.

Já do lado Norte, existem duas plataformas, uma com cota mais elevada, mais afastada do canal, que liga volumetricamente o edifício Fernando Távora e o edifício da Caixa Geral de Depósitos e uma com cota mais baixa fisicamente ligada, através de duas escadarias, à Rua dos Galitos. Esta última é acompanhada por uns bancos graníticos que se viram para o canal. O local tem cota suficiente para bloquear a visualização do trânsito automóvel permitindo ter como pano de fundo exclusivamente o canal, este facto que é reforçado pela colocação de um canteiro ajardinado que funciona também como muro de resguardo.

Detalhes como a transição da estereotomia da pedra dos passeios são únicos encontram-se à vista desarmada, contudo existem detalhes mais minuciosos e únicos que despertam a minha curiosidade. Ao abandonar o lugar, descendo para a Rua dos Galitos pelas escadas do lado direito, deparei-me com uma estrela de seis pontas inscrita



116 - Jogo entre volumes e planos.



115 - Usufruto do Espaço Público.



114 - Estrela de 5 Pontas. Simbologia na Obra de Fernando Távora.

num dos círculos do pavimento, sendo esta um detalhe pessoal do arquitecto Fernando Távora naquela obra, com significado também pessoal.

*“(…) a razão de ser dessa marca no pavimento, desenhada pelo Távora, deve-se a uma memória que ele pretendeu evocar (...), do Palácio dos Tavares, que ficava ali mesmo, na estrutura da cidade medieval, quase "sobre" a própria muralha, e que deu origem a uma viela, assim chamada também "Vielha dos Tavares", que ficava precisamente no local onde se encontra agora a marca, tendo sido tudo arrasado quando o plano da zona central foi construído; O brasão dos Tavares está no Museu de Aveiro, junto de outro, nomeadamente dos Távoras, cujo símbolo é um escudete circular e que acaba por estar ligado a ele (o Arquitecto era de nome Tavares e Távora), que também justifica a escolha da forma circular para a matriz do desenho do pavimento.”*⁷⁹

⁷⁹ Testemunho de Rui Tavares, Arqueólogo e antigo Assistente de Fernando Távora, em entrevista para esta prova de Dissertação.



117 - Campus da Universidade de Aveiro - Revisão do Plano Geral, 1989, Aveiro – Nuno Portas, C.E.F.A.

Urbanismo II:

Campus da Universidade de Aveiro - Revisão do Plano Geral, 1989, Aveiro – Nuno Portas, C.E.F.A. (Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto).

“Em 1987 decidiu a Universidade de Aveiro promover a revisão do plano urbanístico de Rebello de Andrade & Espírito Santo porque, segundo Nuno Portas, tinham-se experimentado “dificuldades operacionais e de circulação interna decorrentes da realização por partes (que nem sempre podiam ser sequenciais) da sua expansão e diversidade e, ainda, por uma exigência positiva, (de) autonomia departamental que se poderia exprimir ao nível simbólico da arquitectura sem pôr em causa a unidade do conjunto”. Em consequência foi encomendada essa revisão ao Centro de Estudos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto orientada por Nuno Portas. O que se chamou então de Revisão do Plano Geral da Universidade de Aveiro (...)”⁸⁰

A Universidade de Aveiro, enquanto espaço de ensino, recebe cerca de 10 mil alunos⁸¹ todos os anos, que se distribuem, diariamente, um pouco por todo o complexo Universitário. Torna-se então caso de interesse na medida em que é através de um projecto de espaço público, Revisão do Plano Geral da Universidade de Aveiro, que se garantiu não só a continuidade com a cidade de Aveiro como se permitiu um crescimento gradual do complexo sem nunca perder o seu carácter unitário. Tudo isto acabou por se revelar fundamental para o funcionamento e desenvolvimento contínuo de todo o meio social e universitário.

Sem querer menosprezar o primeiro plano da Universidade de Aveiro, de Rebello de Andrade & Espírito Santo, e apesar de o ter percorrido de igual modo, o meu objecto de estudo foca-se sobretudo no projecto liderado pelo Arquitecto Nuno Portas.

⁸⁰ Toussaint, Michel – “Construir os espaços físicos de uma Universidade – A Revisão do Plano” - Universidade de Aveiro: Arquitectura e urbanismo – University of Aveiro: Architecture and urbanismo, textos de Jorge Arroeteia, Nuno Portas e Michel Toussaint - Lisboa : White & Blue, 2000. Pág. 42.

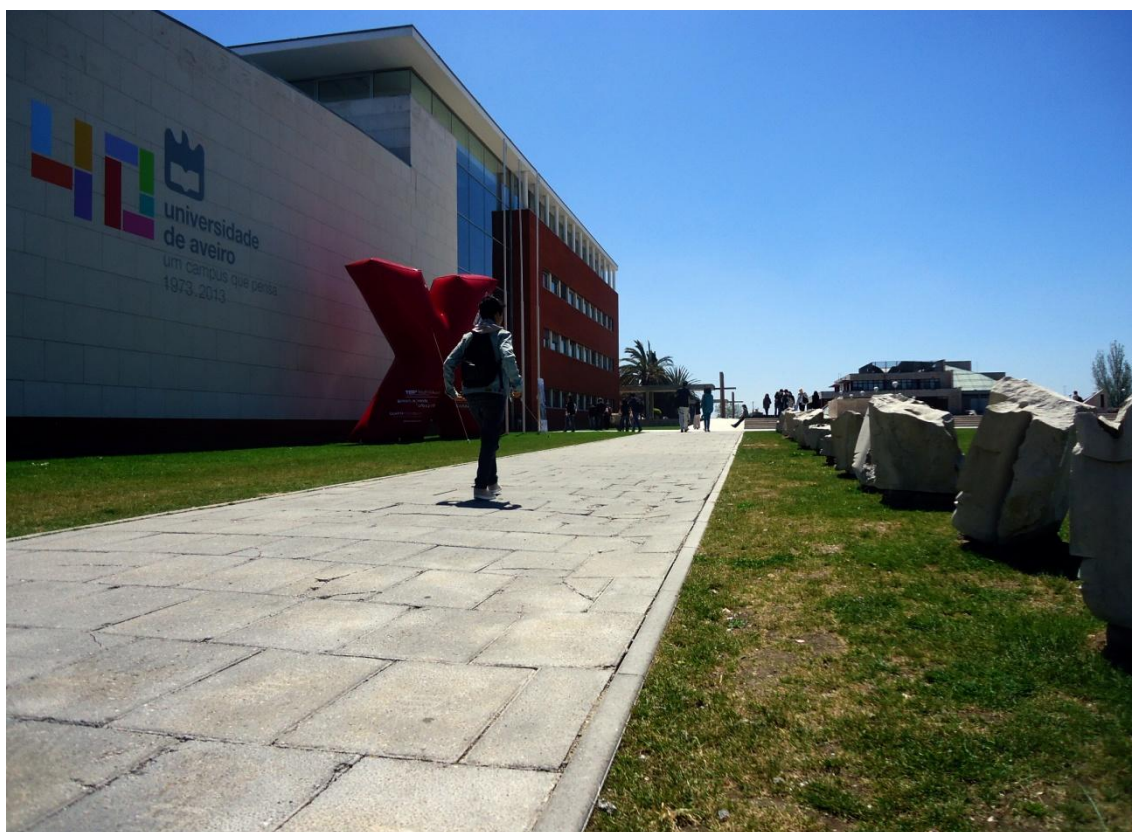
⁸¹ Universidade de Aveiro: Arquitectura e urbanismo – University of Aveiro: Architecture and urbanismo, textos de Jorge Arroeteia, Nuno Portas e Michel Toussaint - Lisboa : White & Blue, 2000. Pág.19.



118 - Vista Geral sobre o Plano.



119 - Uma das ligações entre o Antigo e Novo Plano. Biblioteca do lado Direito, Álvaro Siza.



120 - Acesso Principal ao Campus. á esquerda o Edifício da Reitoria de Gonçalo Byrne.

Como tal o meu percurso começa na Entrada Sul, na Avenida Artur Ravara, onde se encontram as residências Universitárias nº 6, projectadas pelo Arquitecto Adalberto Dias, que nos fazem introdução a este mundo universitário. O acesso ao interior do Campus é exclusivamente pedonal, existindo uma via automóvel que delimita a área relativa ao plano e que por sua vez distribui os veículos por parques de estacionamento satélites que se criaram em torno do mesmo, valorizando assim o uso pedonal e de transportes alternativos como é o caso da famosa BUGA (Bicicleta de Utilização Gratuita de Aveiro), que se pode encontrar um pouco por toda a cidade.

O campus possuiu vários espaços verdes que complementam os edifícios dos diferentes departamentos, e funcionam como espaços de lazer, estar e embelezamento. São, por vezes, ocupados por várias esculturas de diferentes autores o que torna os espaços únicos e de referência. Ao entrar no sistema do Campus, junto ao novo edifício da Reitoria, de autoria do Arquitecto Gonçalo Byrne e Manuel Aires Mateus, somos presenteados com estes mantos verdes de relva aparada e algumas dessas mesmas esculturas; são 18 pequenas esculturas em pedra, da autoria do escultor Paulo Neves, que recebem e indicam o caminho a seguir levando-me para aquilo que eu considero ser o eixo da charneira entre o antigo e novo Plano, a Praça Central.

“A Universidade de Aveiro possui uma coleção de cerca de 32 esculturas de vários autores, entre os quais Manuel Patinha, Paulo Neves e Chico Lucena. Na sua maioria, são de grande dimensão e estão distribuídas pelo campus.”⁸²

A Praça Central acaba por ser um dos pontos fortes deste novo plano demonstrando-se essencial na continuidade pretendida com a Cidade de Aveiro, visto que, ao estar aberta para a Avenida Artur Ravara, funciona como espaço de visitas do exterior e consequentemente distribuiu o fluxo pedonal para as diferentes partes do projecto, cria então em seu redor uma serie de serviços satélites, essenciais para o desenvolvimento da vida académica, e remata a Alameda Central através de um largo Anfiteatro Exterior. Este permite, além das diferentes actividades performativas associadas, um espaço de contemplação e lazer elegido como espaço preferencial pela maioria dos estudantes da instituição.

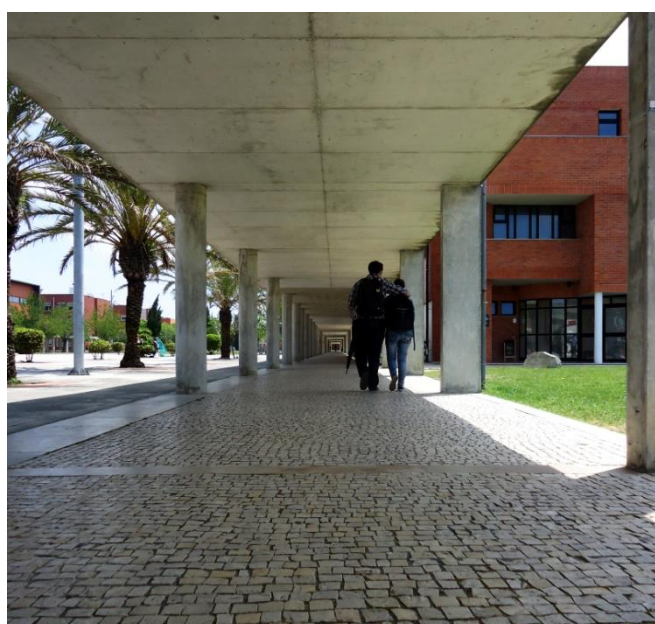
⁸² Descrição do Museu da Universidade na Página Online da Universidade de Aveiro.



123 - Espaço Central onde se situam os Serviços.



122 - Pórtico de acesso à Galeria.



121 - Galeria.

*“A Praça Central da zona de Santiago não é apenas um espaço exterior colectivo revestido a lajes de betão, é também a cobertura de um vasto piso que contém uma zona técnica e um núcleo comercial em torno de um pátio.”*⁸³

É aqui que se contempla a Ria, o resto também. Aqui, neste anfiteatro, trocam-se as ideias, os vícios as cusquices, a partilha dos tempos de ócio. Partilho também a preferência dos outros. É de facto um local privilegiado, porque, além da sua cota se elevar ligeiramente relativamente á praça, é protegido dos ventos que por vezes assolam a cidade de Aveiro, o que torna este espaço ideal para pensar. Os outros, dividem-se em pequenos grupos espalhados um pouco por toda a parte, sentados no chão, deitados no chão, no chão. Como estudante universitário que ainda sou, regozijo-me um pouco com a minha condição, desprendendo-me ligeiramente da razão primária que me trouxe a este lugar para poder senti-lo na sua plenitude. O que acontece, acontece de facto aqui. É nesta Praça Central, que chegam, que partem, que se desenrolam as burocracias, que se come e se consome o que a torna parte essencial para a vivência do complexo.

A minha atenção recai agora para os dois pórticos de acesso à galeria coberta, estes pórticos são simbólicos pois a galeria é aberta e de nível, os mesmos apresentam-se aqui como início de um percurso, um percurso abrigado em constante relação com a alameda, alameda esta, que varia entre pavimentos duros e espaços verdes que quebram a monotonia do percurso. A galeria acaba por ser o ponto mais forte deste projecto, pois, além de funcionar como estrutura, criando um “sistema claustral”⁸⁴, reforça, juntamente com as regras construtivas impostas pelo plano, um carácter unitário que se pretende de um Campus Universitário, anexados à mesma surgem então os diferentes departamentos, de diferentes autores, que vão preenchendo gradualmente os espaços do plano.

Percorro a galeria sem a pressa dos outros. Num ou noutro ponto surgem plantados os bancos de betão, a maioria ocupados. As palmeiras, tuias e plátanos

⁸³ “*Livraria, Sala de Leitura e Centro de Multimédia*” - Universidade de Aveiro: Arquitectura e urbanismo – University of Aveiro: Architecture and urbanismo, textos de Jorge Arroteia, Nuno Portas e Michel Toussaint - Lisboa : White & Blue, 2000. Pág.110.

⁸⁴ Termo usado por Nuno Portas para caracterizar o sistema no conjunto In “O campus da Universidade de Aveiro, Uma experiência de processo e traçado” - Universidade de Aveiro: Arquitectura e urbanismo – University of Aveiro: Architecture and urbanismo, textos de Jorge Arroteia, Nuno Portas e Michel Toussaint - Lisboa : White & Blue, 2000. Pág.30.



124 - Espaço Central dispõe de vários mobiliários Urbanos.



125 - Baía de estacionamento para Bicicletas.



126 - Uso do mobiliário urbano.

acompanham a galeria distribuindo-se geometricamente pela alameda assim como as pequenas sebes que rasgam o pavimento e criam os pequenos canteiros. As bicicletas aparecem em todo o lado, do meu ponto de vista não é o estacionamento que é insuficiente mas sim o número de bicicletas que parece crescer exponencialmente, isto faz com que uma ou outra se encontre amarrada às árvores, pilares da galeria, ou simplesmente encostadas aos edifícios. Durante a minha caminhada deparei-me com algumas das fundições de saneamentos e pinos anti estacionamento, nelas, podemos ler em alto-relevo, Universidade de Aveiro acompanhado pelo, agora antigo, logótipo da Universidade, estes assemelham-se aos que se encontram espalhados pela cidade de Aveiro, que por sua vez têm o brasão do município, no fundo este campus assemelha-se a um pequena cidade dentro da cidade de Aveiro.

*“E se a experiência da Universidade de Aveiro contribuiu para este novo ciclo – o de fazer cidade com a universidade e (vice-versa), então “já valeu a pena” – sinal que a alma (colectiva) não era pequena.”*⁸⁵

No fim, a galeria é rematada por um pequeno semicírculo, em jeito de anfiteatro, onde alguns se reúnem, o mesmo é fechado por um pequeno lago artificial a eixo da alameda que cria um cenário propício para a representação, representação que agora assisto, desta vida Universitária, que se reproduz em *loop*, quase infinitamente, com conteúdo semelhante de ano para ano mas sempre com actores diferentes.

*“O caminho a seguir pareceu-nos ser o de um traçado forte ou “projecto do chão” (...) isto é, de uma espinha dorsal do espaço público exterior que articulasse os diversos edifícios departamentais de construção independente embora quase contínuos. Com este princípio e alguns cuidados nos critérios de desenho, pensámos poder garantir desde logo uma percepção da imagem de “unidade” da instituição e da sua vida social, ainda que o preenchimento do conjunto fosse gradual e relativamente aleatório.”*⁸⁶

⁸⁵ Portas, Nuno In “O campus da Universidade de Aveiro, Uma experiência de processo e traçado” - Universidade de Aveiro: Arquitectura e urbanismo – University of Aveiro: Architecture and urbanismo, textos de Jorge Arroiteia, Nuno Portas e Michel Toussaint - Lisboa : White & Blue, 2000. Pág. 32.

⁸⁶Portas, Nuno In “O campus da Universidade de Aveiro, Uma experiência de processo e traçado” - Universidade de Aveiro: Arquitectura e urbanismo – University of Aveiro: Architecture and urbanismo, textos de Jorge Arroiteia, Nuno Portas e Michel Toussaint - Lisboa : White & Blue, 2000. Pág. 29.



128 - Vista sobre a zona central.



127 - Pequeno anfiteatro em semicírculo.



129 - Residências Universitárias, Adalberto Dias.

Quem visita o Campus Universitário de Aveiro pode ter a certeza de duas coisas, que encontra um dos melhores exemplos de urbanismo actual, materializado através de um projecto de espaço público exemplar, e um expositor da melhor arquitectura que se faz em Portugal.



130 - Parque da Malagueira, Évora – Álvaro Siza, 1985/91

Paisagem III:

Parque da Malagueira, Évora – Álvaro Siza, 1985/91

“Tierra

Siza camina com los pies en el suelo. Pisa la tierra de la Malagueira, la observa, ve cosas, sombras de cosas, siente la realidad.”⁸⁷

Évora. Após mais de 8 horas de viagem de autocarro, e mais algumas de espera, chego por fim à cidade. Não encontro o tão esperado Sol Alentejano, afinal, o boletim meteorológico estava errado e o céu ameaça largar a chuva que se encontra presa nas nuvens. No entanto, o bairro da Malagueira fica apenas a 10 minutos da estação, e a outros 10 do centro, sendo esta uma cidade pequena torna-se fácil fazer uma visita pedonal.

Perco-me pelas ruas deste bairro, faço para que tal aconteça, porque ao perder-me sou obrigado a percorrer os caminhos instintivamente e a redobrar a minha atenção. Tento fixar cada detalhe, aqui, a calma faz questão de se afirmar, se não fossem as nuvens cinzentas que correm incansáveis em contraste com as paredes estáticas caiadas de branco poderia dizer que o tempo tinha parado. Esta monotonia, típica da região, transparece também nos alçados extremamente regulares, no entanto, sempre que a perspectiva de cada rua se torna clara sei que, apesar das aparências, nada é igual. Enrico Molteni diz que: “(...) *la perspectiva de las calles termina señalando un árbol, un penáscro de rocas, un prado. La topográfica nunca deja de revelar su presencia.*”⁸⁸ Não são só os elementos naturais que fecham as perspectivas, são também os elementos

⁸⁷ Molteni, Enrico: in “Entre la Tierra y el Cielo”, Barrio de la Malagueira, Évora / Enrico Molteni ; trad. Carles Muru, Maurici Pla. - Barcelona : Ediciones UPC, 1997. Pág. 11.

⁸⁸ Molteni, Enrico: in “Espacios abiertos”, Barrio de la Malagueira, Évora / Enrico Molteni ; trad. Carles Muru, Maurici Pla. - Barcelona : Ediciones UPC, 1997. Pág. 35.



132 - Cenas do quotidiano na Malagueira.



131 - Passagem do Parque para a zona Habitacional.

desenhados pelo arquitecto Álvaro Siza, como: os muros, os largos, canais técnicos suspensos, entre outros que os tornam tão únicos quanto os elementos naturais.

A chuva faz-se sentir, chuva que cai e logo evapora. As ruas e os pequenos largos deixam, por breves momentos, de ser o local escolhido para as conversas casuais. As mesmas passam agora a ser feitas por baixo dos canais técnicos, que, para além da sua essência funcional, tornam-se essenciais para a permanente vivência do espaço público, pois, permitem percorrer os espaços pela sombra durante o sol intenso, que é habitual na região, ou então servir de abrigo durante os tempos de chuva. Apesar do seu aspecto tosco e elementar a sua presença é uma constante ao longo de todo o bairro, à semelhança do que acontece com o Aqueduto da Água da Prata, da autoria de Francisco de Arruda (1537), tem também uma forte componente histórica visto que acabam ambos por ser uma analogia ao antigo aqueduto romano que outrora existiu na cidade de Évora e que de certa forma cumpria as mesmas funções.

*“(...) direi que a própria cidade é a memória colectiva dos povos; e tal como a memória está ligada a factos e a lugares, a cidade é o locus da memória colectiva. Esta relação entre o locus e os cidadãos torna-se, pois, a imagem proeminente, a arquitectura, a paisagem; e como os factos estão contidos na memória, à cidade acrescem novos factos. Neste sentido absolutamente positivo as grandes ideias perpassam a história da cidade e dão-lhe forma.”*⁸⁹

Encontro-me agora na Avenida da Malagueira. Esta Avenida, que rasga o terreno no sentido Nascente Poente, funciona como charneira entre as duas partes do bairro, aqui, verificamos que os espaços invadem os volumes como trepadeiras que crescem indefinidamente e se traduzem em ruas, praças, largos, jardins fazendo todos parte do mesmo sistema de espaço público que não se deixa definir por limites. Pois, ao percorrer estes mesmos espaços sei que as ruas se transformam em caminhos de terra batida que atravessam grandes espaços, ou então, que as praças se transformam em pequenos largos fixando os locais de reuniões casuais. O mesmo se passa com as

⁸⁹ Rossi, Aldo, A arquitectura da cidade / Aldo Rossi ; trad. José Charters Monteiro, José da Nóbrega Sousa Martins. - Lisboa : Cosmos, 1977. Pág. 148.



137 - Lago Artificial.



136 - Ponte pedonal sobre o lago.



135 - Ligação dos lugares de garagem ao parque.



133 - Espreguiçadeira e toalha em Mármore.



134 - Caminho Pedonal.

árvores, não existe regra que as fixe, crescem aleatoriamente variando as diferentes espécies e tamanhos, em terrenos de topografia disforme, que não requerem a artificialidade da mão humana, mas sim a interpretação dos seus declives e das suas linhas de água. É assim um pouco por toda a Malagueira.

“ (...) na arquitectura vê-se o espelho da história e da cultura social.”⁹⁰

Quem parte do centro de Évora no sentido da Malagueira, pela Avenida dos Salesianos, é recebido por um grande arranjo paisagístico, que assinala, ainda que modestamente, a entrada no bairro. Em torno deste lugar encontramos pequenas lojas de comércio local e alguns cafés, que de alguma forma servem de apoio a estes espaços. À medida que avanço, no reconhecimento dos espaços, vejo que o diálogo entre o desenho do arquitecto e a natureza intensifica-se, seja pelos muros que moldam as terras e que nelas desaparecem, pelas subtis travessias pelas linhas de água, pelas escadas que vencem os declives acentuados e se transformam em passagens naturais, tudo se resume a esta harmonia entre a geometria assumida e as características naturais da topografia.

“Cuando al final de una hilera de casas encontramos un espácio abierto que da al paisaje, aparecen a veces formas que se imponen a la topografia, que adquieren cierta autonomia: son esos lugares en los que, por razones de relación com el paisaje, debido a la importância del programa, los vínculos com la natureza se vuelven menos directos. Creo que he utilizado ambas cosas.”⁹¹

Vários são os tons de verde que envolvem o generoso lago artificial, estes verdes contrastam com os pavimentos cinzentos em granito, provenientes do Norte, e os muros

⁹⁰ Zevi, Bruno, *Architettura in nuce: Uma definição de Arquitectura* / Bruno Zevi ; trad. de José Manuel Pedreirinho. - Lisboa: Ed. 70, 1986. Pág. 27.

⁹¹ Siza, Álvaro in “Entrevista de Laurent Beaudoin”, *Barrio de la Malagueira, Évora* / Enrico Molteni ; trad. Carles Muru, Maurici Pla. - Barcelona : Ediciones UPC, 1997. Pág. 114.



139 - Teatro ao ar livre.



138 – Solução para Viaduto.



140 - Acesso à zona Habitacional pelo Parque.

de suporte laranja em tijolo, característicos da região.⁹² Como remate da Rua do Chiado temos um anfiteatro exterior que avança, afirmando-se, sobre a paisagem, o mesmo faz a transição entre o construído e o natural e permite simultaneamente que as pessoas se reúnam viradas para o bairro, pois, é no bairro que a vida se desenrola e as histórias acontecem. Por aqui passa imensa gente, os que estudam ou trabalham no centro da cidade de Évora e agora voltam às suas habitações, ou aqueles que, em alternativa ao Jardim Público de Évora, preferem este espaço para as suas actividades recreativas.

*“O que considero o primeiro e maior segredo da arquitectura, é que consegue juntar as coisas do mundo, os materiais do mundo e criar este espaço.”*⁹³

Desfruto também deste espaço, deitado na espreguiçadeira de mármore debaixo de um salgueiro-chorão, sinto que faço parte do mesmo. Já percorri o bairro e os seus espaços, já vislumbrei o seu quotidiano, de alguma forma também sou parte dele pois em mim fica a vontade de um dia poder regressar.

*“Actualmente, este es el espácio de encuentro del barrio, donde se pueden ve niños jugando com el agua, hombres pescando, jóvenes en el bar, a veces escondidos en el paso subterráneo, o sentados en las gradas del teatro durante las calorosas noches de verano.”*⁹⁴

⁹² “Pensaba que era muy importante poder colocar en la Malagueira un material que no furea local, puesto que ello significaba un aumento de urbanidad, de apertura.” Siza, Álvaro in “Entrevista de Laurent Beaudoin”, Barrio de la Malagueira, Évora / Enrico Molteni ; trad. Carles Muru, Maurici Pla. - Barcelona : Ediciones UPC, 1997. Pág. 113.

⁹³ Zumthor, Peter, Atmosferas : entornos arquitectónicos : as coisas que me rodeiam / Peter Zumthor ; trad. Astrid Grabow. - Barcelona : Gustavo Gili, 2006. Pág. 23.

⁹⁴ Molteni, Enrico: in “Espacios abiertos”, Barrio de la Malagueira, Évora / Enrico Molteni ; trad. Carles Muru, Maurici Pla. - Barcelona: Ediciones UPC, 1997. Pág. 37.



141 - Centro Histórico de Guimarães Fernando Távora, 1980/87.

Arquitectura III:

Centro Histórico de Guimarães – Guimarães, Largos João Franco e da Oliveira, Praça de Santiago, Largo da câmara – Fernando Távora, 1980/87

“(…) “a organização do espaço” não passa unicamente pelo desenho minucioso dos interiores mas, sobretudo, pelo desenho significativo do espaço mais público.”⁹⁵

O Centro Histórico de Guimarães surge, como caso de estudo, por ser o exemplo que melhor reúne as qualidades pretendidas num projecto de espaço público. Estas qualidades estão presentes desde a estereotomia da calçada das ruas até ao sistema de espaço público, o mesmo traduz-se numa série de percursos urbanos que se dedica, em grande parte, ao uso pedonal. Além de ser um plano de Reabilitação e Conservação torna-se, sobretudo, num caso de Revitalização, pois, ao potencializar zonas estratégicas tornou-se numa peça essencial para a valorização do património local e consequentemente do seu desenvolvimento turístico e económico. Não obstante, em 2012, a cidade de Guimarães é classificada como Capital Europeia da Cultura, tornou-se então anfitriã de inúmeros eventos, espalhados um pouco por toda a cidade, tendo este grupo de intervenções demonstrado um valioso desempenho à escala da Europa.

“Para se fazer com que um espaço funcione – dos pontos de vista social, económico e ambiental –, é preciso compreendê-lo.”⁹⁶

Quem chega a Guimarães, ao centro da cidade, por norma entra pelo Largo do Toural⁹⁷. No seu lado Norte, em intersecção com a Rua de Santo António, começa a

⁹⁵ Dias, Manuel Graça, *Ao volante, pela cidade: dez entrevistas de arquitectura* / Manuel Graça Dias. - Lisboa: Relógio d'Água, 1986. Pág. 144.

⁹⁶ Cowan, Robert, *cit. in O chão da cidade: guia de avaliação do design de espaço público* / textos Pedro Brandão, Miguel Carrelo, Sofia Águas; fot. Filipe Jorge. - Lisboa: Centro Português Design, 2002. Pág. 41.

⁹⁷ “(...) é a sala de visitas de Guimarães...” Távora, Fernando, *in Ao volante, pela cidade: dez entrevistas de arquitectura* / Manuel Graça Dias. - Lisboa: Relógio d'Água, 1986. Pág. 146.



142 – Escultura de D. Afonso Henriques, João Cutileiro, 2001.



145 – “Vaso” - Condicionantes de tráfego.



144 - Largo João Franco.



143 - Passadeira para peões de granito.

Rua Rainha Dona Maria II aqui, começa também a intervenção e como consequência o meu percurso.

A entrada no sistema de espaço público, a Portas da Vila, torna-se facilmente identificável, os pavimentos passam a ser em granito dente de cavalo, material característico da região, minuciosamente talhado. O mesmo surge como material de eleição ao longo de toda a intervenção e define limites, passeios, passadeiras, estacionamento e todos os elementos que, fisicamente, caracterizam o espaço público, este conceito extremamente rígido e necessário deixa transparecer a unidade pretendida.

Pequenos canteiros pintados de verde condicionam, de uma forma subtil, o trânsito automóvel, a rua, bem ao estilo medieval, torna-se estreita para alargar novamente anunciando a entrada no Largo João Franco. Após subir sou recebido por uma escultura, em granito, de D. Afonso Henriques (2001), da autoria de João Cutileiro a mesma remata a perspectiva, de quem sobe, e anuncia uma viagem pela história da cidade.

“É uma praça já entre muros, apoiada nesta rua que vem lá de baixo, a chamada Rua da Rainha que leva, ali, á igreja da Srª da Oliveira, onde iremos ver uma outra praça. A estrutura fundamental de Guimarães era esta: entrava-se ali e depois seguia-se para o Castelo de Guimarães; é uma espécie de rua que cortava a cidade e que ligava os três pontos mais importantes: o Porto (...), a igreja matriz e o Castelo (...).”⁹⁸

Subo para a fonte, mais a sul, para perceber a estereotomia do pavimento. Linhas oblíquas de granito com 40 cm de largura, traduzem-se em quadrados de vértices inscritos no limite das fachadas, que por sua vez se perlongam formando uma serie de quadrados mais pequenos inscritos nos limites dos passeios, o que resulta num grupo de polígonos regulares que variam entre quadrados e rectângulos de 5 e 10 metros. Este desenho aparentemente simples demonstra a sua complexidade quando se verifica que a

⁹⁸ Távora, Fernando, *in* Ao volante, pela cidade: dez entrevistas de arquitectura / Manuel Graça Dias. - Lisboa: Relógio d'Água, 1986. Pág. 148.



147 - Estereotomia do pavimento. Largo João Franco.



148 – “Rua da Rainha”.



146 – Largo Dr. Avelino Germano.

partir dele que se definem os limites de todo aquele espaço, seja a largura dos passeios, os lugares de estacionamento, as faixas de rodagem, e o espaço central. Este último, por sua vez, é fechado por duas fontes de base circular, como de forma circular se dispõem também os cubos graníticos da calçada, que contrastam com o resto do conjunto e assinalam a centralidade dos polígonos regulares. Para reforçar esta ideia de espaço central, dedicado ao uso pedonal, nas intersecções das linhas oblíquas surgem pinos de granito que, com recurso a correntes metálicas, selam por fim o espaço. Este torna-se então o local ideal para plantar uma série de esplanadas de apoio aos cafés e restaurantes existentes, o que o permite ser, conseqüentemente, um local de reunião.

Sigo agora na direção do Largo da Oliveira, pela “Rua da Rainha”, a meio da rua, em intersecção com a Rua Dr. Avelino Germano, encontro um pequeno largo com uma esplanada resolvido por um subtil nivelamento de terreno e resguardado por pinos de granito, encontro espaços como este um pouco por todo o projecto, este plano está repleto destes pequenos detalhes que acarretam uma riqueza enorme.

“É uma tradição grande, em Guimarães, esta, do culto da Sr^a da Oliveira. Esse culto é reafirmado pela existência de uma oliveira que se sabe ter vindo de S. Torcato, próximo de Guimarães, onde também já havia um culto do século XII.”⁹⁹

Chego ao Largo da Oliveira, este é talvez o lugar, em Guimarães, com mais significância social e histórica, pois, associado a este largo está uma série de acontecimentos históricos que marcaram a vida política e religiosa da cidade. A vida é imensa neste espaço, turistas, curiosos, visitantes, moradores todos parecem ter um propósito comum, disfrutar as qualidades que o espaço tem para oferecer.

Este lugar torna-se um local de encontro, dos que vão à missa ou à catequese, dos que fazem uma pausa nas suas tarefas para um café ou refresco. As esplanadas estão lotadas, os miúdos correm livres sem restrições, brincam à apanhada e às escondidas, enquanto os familiares se encontram sentados pelas esplanadas, à volta da oliveira, à sombra das

⁹⁹ Távora, Fernando, in *Ao volante, pela cidade: dez entrevistas de arquitectura* / Manuel Graça Dias. - Lisboa: Relógio d'Água, 1986. Pág. 157.



149 - "Rua da Rainha".



150 - Largo da Oliveira.



151 - Arcadas do edifício do antigo Paços do Concelho.

arcadas do antigo edifício dos Paços do Concelho ou nas escadas do cruzeiro do Padrão do Salado. Mais são aqueles que percorrem este espaço de máquina fotográfica na mão, apontando para a torre sineira, para o padrão e para o casario que envolve a praça, este último decorado com vasos de flores coloridas nas varandas que contrastam com o branco e o ocre das janelas e portadas.

O pavimento tem uma malha associada, sendo este um largo irregular, esta malha surge como regularizador, ainda que apenas visualmente, da forma. Começa com uma malha regular de 3m x 3m junto do limite das fachadas a Norte, onde a construção se apresenta mais regular, e vai-se progressivamente adaptando aos limites até chegar ao lado Sul.

“ *Guimarães (...)*

Morada de artesãos, lavradores, e nobres, intelectuais, artistas e religiosos, a sua vida galgou os séculos em regime de permanente identidade. Soube associar, no século XIX, o progresso industrial a uma intensa actividade cultural. Hoje é uma cidade que luta para compatibilizar todo o seu típico passado com um ainda melhor futuro; procurando defender os seus valores patrimoniais não ignora quem sem eles – mas não apenas com eles – o amanhã será difícil ou mesmo impossível.”¹⁰⁰

Em diálogo constante com este largo, através das arcadas permeáveis do antigo edifício dos Paços do Concelho, está a Praça de Santiago, a mesma surge como uma extensão do Largo da Oliveira, e tem funções semelhantes. No entanto a Praça de Santiago tem uma configuração irregular e consequentemente torna-se num espaço mais aberto e informal. Para reforçar esta ideia, aqui, sente-se com mais força a presença automóvel, além de um dos seus limites ser uma via, a mesma é munida de vários lugares de estacionamento, o que lhe transfere também um carácter mais urbano.

A malha do anterior pavimento continua nesta praça, mas agora as linhas de granito acabam em intermitência pois a curva natural que estas fachadas formam é impossível de ser controlada pela geometria rígida desta malha.

¹⁰⁰ Fascículo 1 de Fernando Távora, “Minha Casa”, Seleção, Organização, coordenação editorial: Manuel Mendes – Fundação Marques da Silva e Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2013. Pág. 58.



154 – Arcadas de ligação entre o Largo da Oliveira e a Praça de Santiago.



153 - Praça de Santiago.



152 - Vieira de Santiago à esquerda e pormenor da tampa de saneamento à direita.

Poderia falar das árvores que pontuam os extremos da praça, ou até mesmo da pequena fonte, no entanto aquilo que mais me chama a atenção são os pedaços de história por aqui espalhados à espera de serem montados como um puzzle. Aos meus pés tenho uma representação da Vieira de Santiago, inscrita, a baixo-relevo, numa das pedras do pavimento, em seu redor o pavimento é diferente, as pedras de granito polidas são contínuas e formam, através de um *outline*, uma silhueta. Aqui estava situada uma pequena capela, alpendrada, do séc. XVII, a mesma era dedicada a Santiago e foi demolida em finais do séc. XIX, agora existe apenas esta referência histórica daquilo que outrora ocupou aquele lugar. Tive oportunidade de presenciar gesto semelhante quando visitei o claustro do Convento de Santa Marinha também aqui em Guimarães, no qual o arquitecto Fernando Távora nos aponta, através de silhuetas, o local exacto de alguns antigos templos pagãos.

Avanço na praça, agora, também no chão, encontro uma inscrição em latim, que nos diz: "*Ad vos homines qui venistis populare in Vimaranes et ad illos qui ibi habitare volerint*".

Esta inscrição, retirada do foral que deu origem à povoação, do Conde D. Henrique faz tanto sentido hoje como fez em 1096, pois esta intervenção do arquitecto Fernando Távora devolveu vida ao Centro Histórico de Guimarães, tonou-o outra vez num espaço digno de ser habitado, percorrido e visitado, como tal faz todo o sentido voltar a usar esta inscrição que traduzida para a linguagem corrente significa: "*A vós homens que viestes povoar em Guimarães e àqueles que aqui quiserem habitar*".

*"Compreender arquitectura, portanto, não é o mesmo que estar apto a determinar o estilo de um edifício através de certas características externas. Não é suficiente ver a arquitectura; devemos vivê-la."*¹⁰¹

Vou, pela Rua de Santa Maria, até ao Largo da Câmara, passo por baixo da Casa do Arco, casa famosa aqui em Guimarães, construída no Séc. XIII por onde passaram personagens ilustres como Reis e Príncipes, a mesma faz parte da imagem da rua como mais um pedaço da história desta cidade.

¹⁰¹ Rasmussen, Steen Eiler, *Viver a arquitectura* / Steen Eiler Rasmussen. - Casal de Cambra : Caleidoscópio, 2007. Pág. 28.



157- Marcação do Estacionamento na Praça de Santiago.



158 - Fonte, Praça de Santiago.



156 - Inscrição no pavimento da Praça de Santiago.



155 - Localização da antiga capela de Santiago marcada no pavimento.

O Largo da Câmara é diferente dos anteriores, este é o espaço de apresentação do edifício Municipal, como tal possui um carácter mais rígido e austero. Para reforçar esta ideia é criado um distanciamento da rua através do nivelamento da cota da praça, um pequeno muro, pontuado por pináculos esféricos, envolve a sua forma trapezoidal.

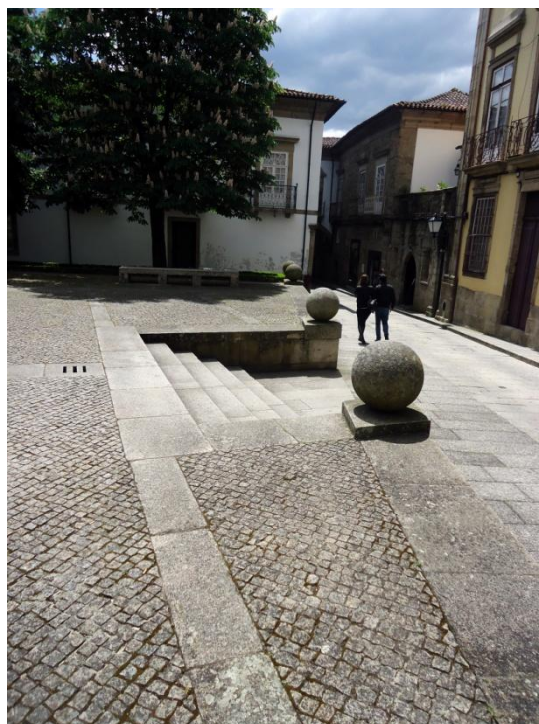
A malha do pavimento segue a métrica da fachada, e perlonga-se até aos limites do largo, a eixo desta, e associado a esta métrica, surge um corte no terreno de onde nascem as escadas de acesso da Rua de Santa Maria. A marcação do centro é feita por um pequena fonte, a mesma não exhibe demasiado protagonismo pois assim é possível vislumbrar a fachada de estilo rocaille do séc. XVI. Lateralmente o largo é fechado por volumosas árvores de flor que, acompanhadas por bancos de granito proporcionam um lugar à sombra. Aqui tudo é mais calmo, não temos as esplanadas e os respectivos cafés, as crianças a correr ou o barulho das pessoas, mas também não é preciso, este espaço vive do silêncio, é curioso pois em frente ao mesmo está a Biblioteca Municipal.

Assim se organiza os espaços, espaços destintos são organizados também de forma destinta, talvez não haja exemplo melhor, que reúna tantas qualidades, do que o Centro Histórico de Guimarães, afinal não foi ao acaso que em 2001 foi classificado como Património da Humanidade pela UNESCO. Aqui aprendi sobre a história, sobre a cidade, sobre as pessoas mas sobretudo sobre a forma de fazer Espaço Público, aprendi percorrendo estes mesmos espaços não só fisicamente mas observando todos detalhes desde os recortes das pedras do pavimento até á totalidade do conjunto, pois foi também assim que o arquitecto Fernando Távora os pensou.

“Nunca poderá ser exagerada a importância da Arquitectura e do Urbanismo como fenómeno condicionante da vida do homem. Se o homem, ao organizar o espaço, realiza trabalho condicionado, na medida em que satisfaz as realidades que o envolvem, realiza também trabalho condicionante da sua própria actividade, uma cidade ou uma casa realizam-se segundo condições pré-existentes mas criam, uma vez realizadas, condições de existência para os homens que as vivem. Da boa ou má qualidade da organização do espaço depende, em parte, o bem ou mal estar dos homens; a desarmonia da organização do espaço gera infelicidade humana. Quem ignora a influência do espaço que o homem habita ou onde manifesta as suas relações



160 - Rua de Sta. Maria e Casa do Arco.



159 - Escadas de acesso á Praça do Município.



161 - Largo da Câmara.

sociais sobre a sua própria saúde física e espiritual? É de sempre a verdade, aqui denominada constante, de que o meio exerce sobre o homem uma influência capital. Está, em grande parte, nas mãos da Arquitectura e do Urbanismo a organização do meio em que o homem vive, dos edifícios em que habita ou trabalha, das cidades, das regiões ou dos países em que se encontra integrado.”¹⁰²

¹⁰² Fascículo 1 de Fernando Távora, “Minha Casa”, Seleção, Organização, coordenação editorial: Manuel Mendes – Fundação Marques da Silva e Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2013. Pág. 38.

Notas Conclusivas

Em linhas gerais, o Espaço Público é o espaço fundador da forma urbana que é acessível a todos. Este conceito tem sofrido uma evolução significativa ao longo dos tempos o que leva, consequente, a um aumento da sua complexidade. Foi possível verificar que, nos dias que correm, já não é suficiente responder a necessidades técnicas; vários factores como a evolução tecnológica e novos meios de socialização vieram alterar o modo como o homem interage com os espaços tornando-o cada vez menos dependente dos mesmos¹⁰³. Devido à importância que os espaços públicos têm no desenvolvimento das cidades e das suas civilizações torna-se necessário rever o paradigma de Espaço Público actual; de forma que o homem, enquanto ser sensível que usufrui dos espaços, possa estabelecer novas relações.

Segundo Manuel de Solà-Morales¹⁰⁴, a estrutura principal para as cidades futuras está nos espaços colectivos¹⁰⁵. Os espaços colectivos podem ser divididos em duas partes: espaços públicos que são usados para actividades privadas como são o exemplo dos mercados municipais; e os espaços privados que permitem por sua vez um uso colectivo como são os casos dos centros comerciais. Estes espaços, por serem ambíguos, são cada vez mais significativos e a sua multiplicidade de usos torna-os locais de interesse comum. Após perceber o que é o Espaço Público e de que forma podemos distingui-lo dos espaços colectivos, foi necessário perceber que tipos de projecto podemos encontrar. Aqui, e também de acordo com Manuel de Sola-Morales,

¹⁰³ “*With the development of a modern, industrial society and the growing social and geographical mobility of individuals, the intimate association between *comunitas* and place was largely lost. The city became a social network first and foremost. Social relationships were uncoupled from physical proximity.*” Ghent Urban Studies Team In: *The Urban Condition: Space, Community, and Self in the Contemporary Metropolis*. 010 Publishers, 1999. Pág. 88.

¹⁰⁴ Manuel de Solà-Morales In: “*1992 espacios públicos / espacios colectivos*” De *cosas urbanas / Textos* Manuel de Solà-Morales, Kenneth Frampton, Hans Ibelings. - Barcelona : Gustavo Gili, 2008. Pág. 190.

¹⁰⁵ “*The latter term may be used to refer to those meeting-places in the city which, though privately owned and hence in some respects exclusionary, continue to form the scenes for various public activities: places like the shopping mall, the sports stadium, the theme park, or the grand café.*” Ghent Urban Studies Team In: *The Urban Condition: Space, Community, and Self in the Contemporary Metropolis*. 010 Publishers, 1999. Pág. 89.

podemos dividi-los em 4 tipos¹⁰⁶: Projectos de requalificação, projectos de expansão, projectos que promovem o colectivo e projectos inventivos.

Relativamente aos intervenientes na criação de um espaço público foi possível verificar que o *Locus* desempenha papel crucial. Este, aliado à procura de uma harmonia projectual, deve ser usado como potencializador de uma obra enaltecendo as características culturais e tradicionais; tornando-se assim no veículo necessário para a compreensão de diversos factos urbanos.

Os espaços públicos enquanto estrutura são criadores de “atmosferas”. As “atmosferas”, por sua vez, são ambientes vividos pelo homem, em determinados momentos, lugares e espaços. Estes, na sua forma mais simples, traduzem-se em estímulos sensoriais que nos transmitem diferentes emoções relativamente ao meio que nos envolve.

As minhas “atmosferas” foram criadas pelos espaços públicos seleccionados e dividiram-se em 4 subtemas:

Paisagem – O parque Municipal da Quinta da Conceição enquadrou-se neste subtema pois constitui toda uma paisagem simbólica de memórias e alusões ocultas. É uma mistura de tradição e influências que respeita o *Locus* e enaltece, através da criação de um espaço público, toda a área a ele associado.

O parque Polis de Vila do Conde por sua vez pertence ao Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades. A sua importância, sendo maioritariamente de carácter social, desempenhou um papel fundamental na extensão do espaço público e na requalificação de áreas residuais; devolvendo estes espaços à cidade e às pessoas.

O parque da Malagueira destaca-se por ser um projecto de espaço público de raiz que surge como complemento do projecto urbanístico do Bairro da Malagueira. Verifica-se portanto essencial para o bom funcionamento desta estrutura física

¹⁰⁶ Solà-Morales, Manuel - In favour of public space: ten years of the european prize... / coord. Magda Anglès, Rosa Puig ; transl. Richard Burgess...[et al.]. - Barcelona: Actar, 2010. Manuel de Solà-Morales – “*The impossible Project of Public Space*”, Pág. 29.

relativamente recente oferecendo alternativas aos espaços públicos e de recreação existentes no centro da Cidade de Évora.

Arquitectura – O Mercado Municipal de Vila da Feira é uma das obras mais importantes no panorama da arquitectura moderna Portuguesa. Foi através desta forma arquitectónica que aqui se verificou a relação entre os lugares físicos, os lugares mentais, entre as pessoas e a obra. Podemos classifica-lo como espaço coletivo pois na sua essência de espaço público a sua exploração acaba por ser feita por pequenas entidades privadas; estas por sua vez promovem o comércio local e consequentemente as interações sociais.

O percurso do Rossio ao Cais das Colunas enquadrou-se neste subtema pois através de uma série de diferentes obras de arquitectura, inseridas num percurso comum, foi possível criar uma “atmosfera”. Entre estas destacou-se a obra de recuperação e a passagem subterrânea do Metro de Lisboa no Chiado. As mesmas demonstram-se obras capazes de devolver vida a uma zona destruída por uma catástrofe, respeitando e evocando a história do lugar, criando ambientes novos e sofisticados. Este caso torna-se assim um exemplo de vários tipos e formas de espaço público incluindo, em algumas das suas fases, exemplos de espaços coletivos como é o caso do quarteirão Seguros Império.

O Projecto de Requalificação do Centro Histórico de Guimarães foi aqui abordado como elemento exímio de características inerentes na criação de um espaço público requalificado. Tal elemento está presente desde o desenho das pedras para a calçada até à estrutura que dá forma ao conjunto do Centro da Cidade de Guimarães. Destaca-se pelo respeito das tradições locais e pela forma que, através da prática projectual, contribuiu para inserir a cidade de Guimarães no panorama Mundial; estando classificada como Património da Humanidade pela Unesco.

Urbanismo – A Alameda das Antas e do Oceanos permitiu a comparação de duas obras do mesmo autor; sendo distintas no seu enquadramento e concepção permitiu a exploração de diferentes aspectos. Fazendo ambas parte de projectos de expansão do território os resultados não poderiam de deixar de ser variados. Na Alameda do Oceanos, e apesar de ser anterior à Alameda das Antas, traduz-se numa obra racional e madura que atendeu na sua plenitude às necessidades programáticas e locais. Já na Alameda das Antas é possível verificar o excesso no desenho dos espaços,

a sua escala desmesurada e o seu carácter expectante; que depende de outros organismos urbanos para a sua justificação. Este projecto de espaço público faz parte do Plano de Pormenor das Antas que por sua vez demonstra grande contributo no desenvolvimento local em especial na sua componente viária.

O Campus da Universidade de Aveiro é o exemplo puro de um projecto de expansão territorial, neste caso de uma Universidade que faz cidade. Verifica-se de extrema importância para o desenvolvimento local mas sobretudo no desenvolvimento das áreas científicas. Após definido o “projecto do chão” e de estabelecidos os critérios de desenho é possível garantir este carácter unitário sem no entanto descartar a possibilidade de ter vários intervenientes em fases distintas do projecto.

Design – Para o Plano de Pormenor da Zona Central de Aveiro foram consideradas as relações entre as diferentes áreas artísticas, as obras de arquitectura e o meio em que estas se inserem. As mesmas podem e devem resultar num diálogo constante que promova a utilização dos espaços e que consequentemente os torne agradáveis de serem usufruídos; utilizando materiais e temas locais de modo a reforçar a sua identidade.

Os meus objectivos pessoais para este trabalho foram assim alcançados. Traduzidos em “atmosferas” minhas, diferentes de qualquer outro, frágeis e subjetivas. Contudo sem elas não era possível responder a várias questões e a levantar outras de outro tipo. Explorei diferentes lugares e espaços algo que há muito ansiava mas que nunca tinha sido possível. Conheci excelentes obras de arquitectura e diferentes tradições locais, vivi estas obras como estudante das mesmas mas sobretudo como mais um que delas usufruiu. Aprendi, reaprendi e reaprenderei quando as voltar a visitar.

“Todas as cidades são a minha cidade, à qual sempre regresso. Tudo então é diferente, pois conheço que é diferente. Os olhos abrem-se à minha cidade, sou de novo um estranho maravilhado, capaz de ver: de fazer.”¹⁰⁷

¹⁰⁷ Siza, Álvaro *In*: As cidades de Álvaro Siza / ed. Carlos Castanheira. Chiara Porcu. – 1ª ed. – Lisboa: Figueirinhas, 2001. Pág. 8.

Bibliografia Geral:

Anglès, Magda - In favour of public space: ten years of the european prize. / coord. Magda Anglès, Rosa Puig; transl. Richard Burgess. et al. - Barcelona: Actar, 2010.

Aymonino, Carlo - Per un'idea di città : la ricerca del Gruppo Architettura e Venezia: 1962-1974 / Carlo Aymonino. et.al. - Venezia: Cluva, 1984.

Aymonino, Carlo – O significado das cidades / Carlo Aymonino; trad. Ana Rabaça. – Lisboa: Presença, 1984.

Aymonino, Carlo - Gruppo architettura per una ricerca di progettazione 6 / Istituto Universitario di Architettura di Venezia; Carlo Aymonino. Et.al. – Venezia: I.U.A.V., 1973.

Aymonino, Carlo – Orígenes y desarrollo de la ciudad moderna / Carlo Aymonino. – Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1972.

Benjamin, Walter - Paris, capitale du XIXe siècle / Walter Benjamin; trad. Jean Lacoste. - 3ª ed. - Paris: Cerf, 2002.

Brandão, Pedro - O sentido da cidade: ensaios sobre o mito da imagem como arquitectura / Pedro Brandão. - Lisboa: Livros Horizonte, 2011.

Brandão, Pedro - O chão da cidade: guia de avaliação do design de espaço público / textos Pedro Brandão, Miguel Carrelo, Sofia Águas; fot. Filipe Jorge. - Lisboa: Centro Português Design, 2002.

Brandão, Pedro - Design de espaço público: deslocação e proximidade / ed. Pedro Brandão, Antoni Remesar. – Lisboa: Centro Português de Design, 2003.

Byrne, Gonçalo - “*A espessura do Olhar: Gonçalo Byrne*” - Arcatura, Lisboa: + Arquitectura, nº 06, 1 de Janeiro de 2007.

Carvalho, Adelina - O rio / coord. Adelina Carvalho, Amélia Lopes, Margarida Wellenkamp. - Porto: Panmixia, 2005.

Castanheira, Carlos - As cidades de Álvaro Siza / ed. Carlos Castanheira. Chiara Porcu. – 1ª ed. – Lisboa: Figueirinhas, 2001.

Cerasi, Maurice - El espacio colectivo de la ciudad: construcción y disolución del sistema público en la arquitectura de la ciudad moderna / Maurice Cerasi; prol. de Ludovico Quaroni ; ver. cast. Ada Llorens. - 1ª ed. - Barcelona: Oikos-Tau, 1990.

De Moura, Eduardo Souto - Conversas com estudantes / ed. Anna Nufrio, Editorial Gustavo Gili; Barcelona, 2008.

De Solà-Morales, Manuel - De cosas urbanas / Textos Manuel de Solà-Morales, Kenneth Frampton, Hans Ibelings. - Barcelona: Gustavo Gili, 2008.

Dias, Manuel Graça - Ao volante, pela cidade: dez entrevistas de arquitectura / Manuel Graça Dias. - Lisboa: Relógio d'Água, 1986.

Dias, Manuel Graça - 11 cidades: projectos / cities: projects: 1995-2005 / Manuel Graça Dias, Egas José Vieira; coord. Fátima Fernandes, Michele Cannatà ; trad. Paul Bernard. - Porto: Civilização, 2006.

Fernandes, Fátima, Cannatà, Michele - O projecto urbano das Antas / The Antas urban Project. coord. Fátima Fernandes, Michele Cannatà; textos Manuel Fernandes de Sá, Álvaro Domingues, Wilfried Wang. Porto: Civilização, 2005.

Fernandes, Fátima, Cannatà, Michele - Formas Urbanas, Concreta – 2002. 1ª ed. - Porto: Edições Asa, 1972.

Fortier, Bruno - L'amour des villes / Bruno Fortier. - 2e ed. - Liège: Pierre Mardaga, 1994.

Fortier, Bruno - La metropole imaginaire : un atlas de Paris / Bruno Fortier. - Liège : Pierre Mardaga, 1989.

Gehl, Jan - Public Spaces Public Life / Jan Gehl, Lars Gemzoe. Copenhagen: The Danish Architectural Press, 1996.

Gehl, Jan - Life between buildings: using public space / Jan Gehl ; transl. by Jo Koch. - 6 th ed.. – Kobenhavn: The Danish Architectural Press, 2010.

Ghent Urban Studies Team - The Urban Condition: Space, Community, and Self in the Contemporary Metropolis. 010 Publishers, 1999.

Gehl, Jan - Cities for people / Jan Gehl. - Washington: Island Press, 2010.

Giedion, Siegfried - Espacio, tiempo y arquitectura: el futuro de una nueva tradición / Siegfried Giedion; trad. Isidro Puig Boada. – 6ª ed. – Barcelona: Dossat, 1982.

Kahn, Louis I. - Conversa com estudantes / trad. Alícia Duarte Penna. - Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

Koolhaas, Rem – Small, Medium, Large, Extra-Large: Office for Metropolitan Architecture / Rem Koolhaas and Bruce Mau. – 2ª ed. – New York: The Monacelli Press, 1998.

Laino, Ana Dominguez - *Távora: desenhos de viagens, projecto* / Ana Dominguez Laino e outros (org.), COAG, 2002, Pág. 30.

Lynch, Kevin - A imagem da cidade / Kevin Lynch; trad. Maria Cristina Tavares Afonso. - Lisboa: Edições 70, 1999.

Lynch, Kevin - A boa forma da cidade / Kevin Lynch ; trad. Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho. - Lisboa: Edições 70, 1999.

Maria Montaner, Josep - Arquitectura e Crítica / Josep Maria Montaner – Barcelona: Gustavo Gili, 2007. Pág. 10.

Mendes, Manuel - Fascículo 1 de Fernando Távora, “Minha Casa”, Seleção, Organização, coordenação editorial: Manuel Mendes – Fundação Marques da Silva e Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2013.

Molteni, Enrico - Barrio de la Malagueira, Évora / Enrico Molteni; trad. Carles Muru, Maurici Pla. - Barcelona: Ediciones UPC, 1997.

Moneo, Rafael - Escritos y conversaciones en el Peru, writings and conversations in Peru / coord. Frederick Cooper Ilosa, Luis Rodriguez Rivero. - Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2009.

Moneo, Rafael - The freedom of architect: Rafael Moneo / ed. Brian Carter, Annete W. Le Cuyer. – Madrid: The University of Michigan, 2002.

Norberg-Schulz, Christian - Arquitectura Occidental : la arquitectura como história de formas significativas / Chr. Norberg-Schulz; trad. Alcira Gonzalez Malleville, Antonio Bonano. - Barcelona: GG, 1983.

Portas, Nuno - Universidade de Aveiro: Arquitectura e urbanismo – University of Aveiro: Architecture and urbanismo, textos de Jorge Arroiteia, Nuno Portas e Michel Toussaint - Lisboa : White & Blue, 2000.

Rasmussen, Steen Eiler - Viver a arquitectura / Steen Eiler Rasmussen. - Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.

Rossi, Aldo - A arquitectura da cidade / Aldo Rossi; trad. José Charters Monteiro. - Lisboa: Cosmos, 2001.

Royseland, Espen - European Norway 9: sustainable city and new public space / ed. Espen Royseland, Oystein Ro; transl. Frida Forsgren. - Oslo: 0047 Press, 2008.

Siza, Álvaro - A reconstrução do Chiado: Lisboa / edição de Carlos Castanheira e Luís Mendes. - Porto: ICEP, 1997.

Siza, Álvaro - “*Progetto di recupero per l'area del Chiado, Lisbona: Álvaro Siza*” – Domus, Milão: Domus, nº 714 - Março de 1990.

Siza, Álvaro - 01 Textos / Álvaro Siza; ed. Carlos Campos Morais. – Porto: Civilização ed., 2009.

Siza, Álvaro – Imaginar a Evidência / Álvaro Siza; pref, Vittorio Gregotti. – Lisboa: Edições 70, 2000.

Siza, Álvaro - Escritos / ed. Carles Muro. – 1ª ed. – Barcelona: U.P.C., 1994.

Siza, Álvaro - Professione Poética, Poetic Profession / Álvaro Siza Vieira; con testi de Keneth Frampton, et al. – Milano: Electa, 1986.

Smith, Thomas Gordon - Vitruvius on architecture / Thomas Gordon Smith. - New York: The Monacelli Press, 2003.

Solà-Morales, Ignasi de - Presente y Futuros: Arquitectura en las ciudades / dir. Ignasi de Solà-Morales, Xavier Costa. - Barcelona : Actar, 1996.

Távora, Fernando - Teoria Geral da Organização do Espaço: arquitectura e urbanismo. – Porto: Faup Publicações, 1993.

Távora, Fernando - Percurso (a life long trail), coord. Fernando Távora e José Bernardo Távora. - Lisboa: Centro Cultural de Belém, 1993.

Távora, Fernando - Renovación, restauración y recuperación arquitectónica y urbana en Portugal / ed. Javier Gallego Roca; textos Fernando Távora, Domingos Tavares, Sergio Fernández. et al. - Granada: UG, 2003.

Távora, Fernando - Guimarães do passado e do presente / textos Fernando Távora. et.al. - recolha, recuperação e organização das fotografias, gravuras e pinturas de Joaquim Fernandes. - Guimarães: C.M., 1985.

Trigueiros, Luiz - Lisbon Expo 98: projects / edited by Luiz Trigueiros and Claudio Sat; translation by Mark Cain. - Lisboa: Blau, 1996.

Zevi, Bruno - Saber ver a arquitectura / Bruno Zevi; trad. Maria Isabel Gaspar, Gaetan Martins de Oliveira. - 5ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Zevi, Bruno - Architettura in nuce: Uma definição de Arquitectura / Bruno Zevi; trad. de José Manuel Pedreirinho. - Lisboa: Ed. 70, 1986.

Zumthor, Peter - Atmosferas: entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam / Peter Zumthor ; trad. Astrid Grabow. - Barcelona : Gustavo Gili, 2006.

Índice de Imagens:

1 - JUAN MUÑOZ TWO SEATED ON THE WALL, 2000.	13
2 - PETER ZUMTHOR, WWW.IFMEDIAPROJECT.NET	14
7 - TELL-EL-AMARNA, EGÍPTO. RECONSTRUÇÃO DO SECTOR CENTRAL. NORBERG-SCHULZ, CHRISTIAN - ARQUITECTURA OCCIDENTAL : LA ARQUITECTURA COMO HISTÓRIA DE FORMAS SIGNIFICATIVAS / CHR. NORBERG-SCHULZ; TRAD. ALCIRA GONZALEZ MALLEVILLE, ANTONIO BONANO. - BARCELONA: GG, 1983.	18
8 - EM CIMA, BASÍLICA E PRAÇA DE SÃO PEDRO, EM BAIXO, VISTA SOBRE A PRAÇA DO POVO. ROMA. (SEGUNDO GRAVURAS DE PIRANESI) IDEM, IBIDEM	18
9 - CAPITÓLIO DE ROMA. EM CIMA, PLANTA DE MIGUEL ANGELO. EM BAIXO GRAVURA DE DUPÉRAC. IDEM, IBIDEM.	18
10 - ACRÓPOLE DE ATENAS. RECONSTRUÇÃO, IDEM, IBIDEM.	18
12 - EXEMPLO DE UMA "ATMOSFERA" NESTE CASO DO ARQUITECTO ÁLVARO SIZA. ITALIA "PIAZZA S. MARCO" VENEZA 7/1994. CADERNO:373, CASTANHEIRA, CARLOS - AS CIDADES DE ÁLVARO SIZA / ED. CARLOS CASTANHEIRA. CHIARA PORCU. – 1ª ED. – LISBOA: FIGUEIRINHAS, 2001.	22
17 - MERCADO DO BOM SUCESSO COMO EXEMPLO DE ESPAÇO COLECTIVO. PORTO, BOM SUCESSO. (ARS ARQUITECTOS, 1951)., WWW.SIPA.PT	28
18 – ESPAÇO COLECTIVO, CENTRO COMERCIAL L'ILLA DIAGONAL. (ARQUITECTOS MANUEL DE SOLÁ MORALES E RAFAEL MONEO, 1993) DE COSAS URBANAS / TEXTOS MANUEL DE SOLÁ-MORALES, KENNETH FRAMPTON, HANS IBELINGS. - BARCELONA : GUSTAVO GILI, 2008. IN “1992 ESPACIOS PÚBLICOS / ESPACIOS COLECTIVOS”	28
19 –SERPENTINE GALLERY PAVILION, LONDRES, (SANAA 2009) WWW.SERPENTINEGALLERY.ORG.	30
20 - A ESCOLHA DO LOCUS, ESTRATÉGICAS, RELIGIOSAS OU POLÍTICAS. EM CIMA, TEATRO DE EPIDAURO, GRÉCIA, ARGÓLIDA (C. 350 A.C.), AO CENTRO, SEGESTA, TEMPLO DÓRICO, GRÉCIA (430 A.C.), EM BAIXO, CASTELO DE ALMOUROL, PORTUGAL, SANTARÉM, (SÉC. 2 A.C.) NORBERG-SCHULZ, CHRISTIAN - ARQUITECTURA OCCIDENTAL : LA ARQUITECTURA COMO HISTÓRIA DE FORMAS SIGNIFICATIVAS / CHR. NORBERG-SCHULZ; TRAD. ALCIRA GONZALEZ MALLEVILLE, ANTONIO BONANO. - BARCELONA: GG, 1983.	32
21- DAVID LIGARE, <i>FIRMITAS, UTILITAS, VENUSTAS</i> , 1993 VITRUVIUS ON ARCHITECTURE / THOMAS GORDON SMITH. - NEW YORK : THE MONACELLI PRESS, 2003..	34
22 – AS “ATMOSFERAS” SÃO NA MAIOR PARTE DAS VEZES IDEALIZADAS COMO É O CASO DA “ATMOSFERA” DA <i>VILLE RADIEUSE</i> DE LE CORBUSIER, A VISÃO QUE O ARQUITECTO TINHA DE UMA SOCIEDADE IDEAL É RETRATADA NOS SEUS DESENHOS SOBRE A CIDADE. “BOA VIDA AO AR LIVRE E AO SOL”. TINTA E AGUARELA, 1930.	36
41 - CORTE TRANSVERSAL TIPO. ALAMEDA DAS ANTAS, FERNANDES, FÁTIMA, CANNATÀ, MICHELE - O PROJECTO URBANO DAS ANTAS / THE ANTAS URBAN PROJECT. COORD. FÁTIMA FERNANDES, MICHELE CANNATÀ; TEXTOS MANUEL FERNANDES DE SÁ, ÁLVARO DOMINGUES, WILFRIED WANG. PORTO: CIVILIZAÇÃO, 2005..	52
55 – PERFIL TIPO E PERSPECTIVA DA ALAMEDA DOS OCEANOS. TRIGUEIROS, LUIZ - LISBON EXPO 98: PROJECTS / EDITED BY LUIZ TRIGUEIROS AND CLAUDIO SAT; TRANSLATION BY MARK CAIN. - LISBOA: BLAU, 1996. (ADAPTADO)... ..	62
60 - PORTA NORTE. ALEXANDREMARQUESPEREIRA.BLOGSPOT.COM.ES/2010/11/PORTA-NORTE-EXPO-98-LISBOA-1998.HTML.	66
65 - ARMAZENS GRANDELLA. ALÇADO. SIZA, ÁLVARO - A RECONSTRUÇÃO DO CHIADO: LISBOA / EDIÇÃO DE CARLOS CASTANHEIRA E LUÍS MENDES. - PORTO: ICEP, 1997.....	72
69 - Á ESQUERDA, BLOCOS A, B, ARMAZENS GRANDELLA (G) GRANDES ARMAZENS DO CHIADO (C). SIZA, ÁLVARO - “PROGETTO DI RECUPERO PER L'AREA DEL CHIADO, LISBONA: ÁLVARO SIZA” – DOMUS, MILÃO: DOMUS, NRº 714 - MARÇO DE 1990. Á DIREITA, QUARTEIRÃO IMPÉRIO SEGUROS. WEB (ADAPTADO)	74
77 - ESQUIÇO DO PROJECTO DE ACESSO AO LARGO DO CARMO. SIZA VIEIRA. A RECONSTRUÇÃO DO CHIADO: LISBOA / EDIÇÃO DE CARLOS CASTANHEIRA E LUÍS MENDES. - PORTO: ICEP, 1997.	78
78 - CORTE DO PROJECTO DE ACESSO AO LARGO DO CARMO, IDEM, IBIDEM.	78
79 - PLANTA DO PROJECTO DE ACESSO AO LARGO DO CARMO.IDEM , IBIDEM	78
80 - MAQUETA DO PROJECTO. QUARTEIRÃO IMPÉRIO SEGUROS. WEB (ADAPTADO).	80
89 - CORTE LONGITUDINAL, ESTAÇÃO DE METRO DO CHIADO. A RECONSTRUÇÃO DO CHIADO: LISBOA / EDIÇÃO DE CARLOS CASTANHEIRA E LUÍS MENDES. - PORTO: ICEP, 1997.....	86
107 - GOTAS DE CHUVA NUMA SUPERFÍCIE, COMPARAÇÃO COM ESTEROTOMIA DA CALÇADA. WEB (ADAPTADO)	102
NOTA: AS RESTANTES IMAGENS QUE NÃO ESTÃO REFERENCIADAS SÃO TODAS ORIGINAIS DO AUTOR DESTA DISSERTAÇÃO.	

¹ Fascículo 1 de Fernando Távora, “Minha Casa”, Seleção, Organização, coordenação editorial: Manuel Mendes – Fundação Marques da Silva e Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2013. Pág. 56.